

SANNY KELLEN ANJOS C. CANUTO

Entre Lutas e Likes

ΔQUILOMBAMENTO DIGITAL NAS REDES SOCIAIS



POSIÇIONAMENTOS

IDENTIDADES



COMPLEXIDADES



CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C235e

Entre Lutas e Likes : aquilombamento digital, posicionamentos, identidades e complexidades / Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto. – Cáceres: Editora UNEMAT, 2023.

234 p.; 14 X 21,6 cm

ISBN 978-85-7911-243-0

1. Aquilombamento digital. 2. Identidade. 3. Complexidades. 4. Redes sociais. I. Entre lutas e likes. II. Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto.

CDD: 316(81)

Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto

ENTRE LUTAS E LIKES

aquilombamento digital, posicionamentos,
identidades e complexidades



Cáceres - MT

2023

CONSELHO EDITORIAL

Portaria nº 1629/2023

PRESIDENTE

Maristela Cury Sarian

TITULARES

Josemir Almeida Barros

Universidade Federal de Rondônia - Unir

Lais Braga Caneppele

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Fabrcio Schwanz da Silva

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Gustavo Rodrigues Canale

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Greciely Cristina da Costa

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Edson Pereira Barbosa

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Rodolfo Benedito Zattar da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Cácia Régia de Paula

Universidade Federal de Jataí - UFJ

Nilce Vieira Campos Ferreira

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Marcos Antonio de Menezes

Universidade Federal de Jataí - UFJ

Flávio Bezerra Barros

Universidade Federal do Pará - UFPA

Luanna Tomaz de Souza

Universidade Federal do Pará - UFPA

SUPLENTE

Judite de Azevedo do Carmo

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Rose Kelly dos Santos Martinez Fernandes

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Maria Aparecida Pereira Pierangeli

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Célia Regina Araújo Soares

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Nilce Maria da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Rebeca Caitano Moreira

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Jussara de Araújo Gonçalves

Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

Patrícia Santos de Oliveira

Universidade Federal de Viçosa - UFV

PRODUÇÃO EDITORIAL
EDITORA UNEMAT 2023

Copyright © Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto, 2023.

A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Esta obra foi submetida à avaliação
e revisada por pares.

Reitora: Vera Lucia da Rocha Maquêa

Vice-reitor: Alexandre Gonçalves Porto

Assessora de Gestão da Editora e das Bibliotecas Maristela Cury Sarian

Imagens da capa: Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto

Capa: Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto

Diagramação: Estevan Canavarros Melgar

Revisão: Adson Luan Duarte Vilasboas Seba

O mundo seria um lugar muito melhor se todos se
perguntassem com mais frequência, consciência
e tolerância: 'e se fosse comigo'? [...].

(Artur Tutti)

Dedico esta obra ao querido e saudoso orientador desta pesquisa, professor Dr. Valdir Silva. Ele foi a bússola norteadora do percurso, calma em meio ao caos e sorriso em meio ao desespero. Serei eternamente grata a tudo, querido professor. Obrigada por acreditar em mim!

Quanta saudade.

SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação.....	17
Capítulo 1	
Quilombos em movimento e movimento quilombola	24
1.1. Uma página de mulheres quilombolas no <i>Facebook</i>	26
1.2. Quilombos: o ponto de partida	29
1.3. Movimentos quilombolas sociais e na sociedade	32
1.3.1. Quilombagem	35
1.3.2. Quilombismo.....	38
1.3.3. Aquilombar-se e Aquilombamento Digital	41
1.4. Posicionamento, resistência e identidades quilombolas no Digital	47
1.4.1. <i>Emojis</i> negros: recursividade digital	52
1.4.2. Os sentidos de “Negro” e “Preto”	61

Capítulo 2

Complexidade, linguagem e interação.....	67
2.1. Linguística Aplicada: foco nas minorias, ou majorias tratadas como minorias.....	68
2.2. Teoria da Complexidade e o uso da denominação SDC.....	71
2.3. Categorias dos Sistemas Dinâmicos Complexos aqui mobilizadas	81
2.3.1. Agregação.....	83
2.3.2. Emergência.....	84
2.3.3. Imprevisibilidade.....	85
2.3.4. Dinamicidade.....	86
2.3.5. Sensibilidade às condições iniciais.....	87
2.3.6. Auto-organização.....	87
2.3.7. Adaptação.....	88
2.3.8. Atratores	89
2.4. O Quilombo como um sistema dinâmico complexo	90
2.5. Metodologia adotada	100
2.6. Coleta de Dados	103

Capítulo 3

As análises: Parte I	106
3.1. A página	107
3.2. A estrutura organizativa do evento	128
3.3. Resistir para existir	131

Capítulo 4

As análises: Parte II	173
4.1. Políticas Públicas: posicionamentos contemporâneos de luta e resistência do povo Quilombola.....	173
4.2. Educação Quilombola: Percalços e Conquistas.....	183
4.3. Violências que sofre a mulher quilombola	193
Considerações Finais.....	208
Referências.....	214
Sobre a Autora	229

PREFÁCIO

A história da população negra foi, durante muito tempo, contada pelo ponto de vista da branquitude. Nas escolas, por exemplo, as narrativas que prevaleciam nos livros didáticos eram pautadas na ótica da escravidão e da miserabilidade, como se as pessoas negras fossem passivas frente às opressões impostas pela sociedade. Essas concepções coloniais foram consolidadas por meio do currículo oculto que, parafraseando Tomaz Tadeu da Silva, significa aquilo que está implícito nos comportamentos e atitudes que culminam em aprendizagens sociais. Com isso, aprendemos várias conotações negativas aliadas ao *ser negro*.

Eu nasci negra, mas só me tornei negra após os 20 anos de idade. A reflexão sobre minha negritude foi despertada ao ter contato com uma disciplina no período da graduação em Pedagogia, denominada “Educação para as Relações Étnico-Raciais”. Nessa disciplina, conheci a Lei 10.639/03.

A referida lei aborda sobre a obrigatoriedade de se ensinar a história e a cultura afro-brasileira no currículo escolar, representando uma grande conquista do movimento negro e das lutas dos nossos ancestrais. Embora sua implementação de forma efetiva ainda seja um grande desafio, com as discussões sobre negritude ganhando mais destaques nas redes

sociais, tornam-se visíveis os processos de letramento racial e de educação antirracista em âmbitos formais e informais, em que muitas escolas vêm tentando cumprir o que promulga essa legislação. No entanto, existem ainda dificuldades da sociedade em visibilizar o protagonismo negro nos processos de produção do conhecimento.

Diante desse contexto, cito as mudanças que ocorrem cotidianamente na sociedade, que são de ordem analógica e, também, digital. Com essas modificações, as redes sociais têm crescido cada vez mais, repercutindo os debates de vários temas de suma importância para o desenvolvimento humano, inclusive as pautas étnico-raciais e de gênero. Com a repercussão de muitas vozes negras, indígenas, LGBTQIAPN+, mulheres, dentre outros grupos minoritários, é que a obra **ENTRE LUTAS E LIKES: AQUILOMBAMENTO DIGITAL, POSICIONAMENTOS, IDENTIDADES E COMPLEXIDADES** se faz necessária, tendo em vista o protagonismo feminino negro quilombola.

O conceito de ser mulher durante muitos anos foi pensando a partir da realidade de mulheres brancas, cis e heterossexuais. Porém, as mulheres negras, pelo fato de sofrerem discriminações de gênero e de raça, como nos anuncia Lélia González, não eram consideradas mulheres, tendo em vista esse sistema moderno-colonial de gênero, conforme nos elucida María Lugones.

Nessa direção, a pesquisa desenvolvida por Sanny Kellen Canuto, traz um frescor às discussões antirracistas, pois volta-se para questões históricas que são ressignificadas pelas práticas sociais de linguagem digital. Por esse prisma, a autora nos convida a refletir sobre a realidade da mulher quilombola, questionando que significa ser mulher negra e quilombola diante de um mundo afetado pelo racismo e pela influência massiva das tecnologias digitais.

Inquietações como essas nos fazem pensar também sobre o significado de quilombo, e quais intersecções estão presentes nesse espaço geográfico e político. Essas reflexões são pertinentes, pois, hoje, a definição de quilombo ultrapassa o sentido físico/presencial, relacionando-se, também, aos espaços virtuais, como forma de resistência.

Sanny Kellen Canuto, nessa obra, esmiuça, além do significado de quilombo, termos como: quilombismo, quilombagem, “aquilombar-se” e também elucida os funcionamentos do processo de aquilombamento digital. Com relação a essa última terminologia, torna-se pertinente destacar que ela representa ações de grande relevância aos movimentos negros existentes em sua pluralidade, resgatando o sentido de comunidade, consciência racial e descolonização do conhecimento.

Nessa perspectiva, observamos que por meio das ferramentas digitais, tais como o *Facebook* (FB), criamos vínculos com outras pessoas e até mesmo com coletivos, sendo um instrumento no ciberespaço que promove a comunicação

de maneira instantânea. O FB também pode ser um potente instrumento na luta antirracista, na propagação de grupos, pessoas e organizações que tenham compromisso com uma educação voltada para as relações étnico-raciais.

Recordo-me do contato com a página Quilombo Intelectual pelo FB, sendo um espaço de divulgação de várias pesquisas sobre relações étnico-raciais e de gênero interseccionado, anunciando os títulos dos artigos por meio de cartazes com designs referentes à cultura negra. Aquelas postagens do Quilombo Intelectual chamavam-me a atenção, produções essas que tive contato pouco antes do período pandêmico, incentivando-me mais adiante, a produzir conteúdos voltados a esse enfoque.

Sendo assim, fundei a página @rosamefricana no *Instagram*, que tem como objetivo produzir conteúdos voltados ao letramento racial e à produção acadêmica. No período da pandemia, enquanto estava de quarentena na cidade de Rio Branco, capital acreana, foi quando consolidei a produção da referida página, mas ainda de maneira solitária.

Durante a pandemia, vivenciei quilombamentos digitais para permanecer viva, sendo um deles a fundação do Améfrica Bíblica, um quilombo cristão virtual, que tem como objetivo reunir pessoas negras de diferentes lugares do mundo, que experienciam o ser negro dentro de espaços religiosos cristãos, tendo como base a decolonialidade e a crítica ao fundamentalismo religioso. Por isso, me identifico muito com essa rica

produção desenvolvida por Sanny Kellen Canuto, pois experiência ainda hoje, movimentos de aquilombamento no digital.

A obra da autora, detalha a respeito de um evento promovido por mulheres negras quilombolas no FB, mais especificamente da página denominada “Dandarás”, as quais realizaram uma *live* intitulada “Raízes de Dandara: pretas e sua importância na formação dos quilombos”. O nome faz alusão ao nome de Dandara dos Palmares, uma mulher negra quilombola que se destacou por lutar contra a escravidão, tornando-se um símbolo de resistência.

Outro nome em destaque foi de Teresa de Benguela, liderança do Quilombo do Quariterê, que viveu no século XVIII e muito contribuiu para a construção da sociedade brasileira, com seus saberes tradicionais. A *live* do evento analisado foi em homenagem ao dia 25 de julho que é o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, sendo no Brasil, comemorado o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra pela Lei 12.987/2014.

Além desses símbolos de representatividade negra, a obra aponta várias intelectuais do Sul Global e apresenta riquíssimas contribuições para os estudos da Linguística Aplicada, e, sobretudo, para o campo da educação. Portanto, a leitura deste trabalho corrobora as práticas de formação, autoformação e materialização de aquilombamentos digitais. Em suma, esta obra, para além de suas contribuições epistemológicas,

configura-se, também, um registro histórico da resistência, resiliência e adaptabilidade do movimento negro quilombola em um mundo que, por conta das novas espacialidades digitais, tem propiciado novas ferramentas para a luta antirracista. Com isso, a obra é um convite para se pensar a importância dessas tecnologias como aliadas dos movimentos sociais.

Sulamita Rosa da Silva

APRESENTAÇÃO

Na década de 1980, a área da Linguística Aplicada (LA) ampliou seu escopo para abranger outras disciplinas das ciências humanas e sociais, estabelecendo-se como um campo indisciplinar, inter e transdisciplinar. Esse avanço permitiu que pesquisadores de outras áreas do conhecimento relacionassem suas investigações à linguagem, mas também a aspectos sociais, políticos e populações minorizadas (ROJO, 2006).

A adoção dessa lógica interdisciplinar possibilitou à LA escapar de perspectivas pré-determinadas e revelar aspectos que não são facilmente compreendidos ou que escapam dos caminhos de pesquisa já estabelecidos, direcionando o foco das investigações para o que é considerado marginal (SIGNORINI, 1998, p. 13 *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 19).

Desse modo, o entendimento do papel social da (LA) passou a ir além da teorização de conceitos restritos a uma única área, abrangendo também a capacidade de transgredir o que sempre foi considerado normal. Esses conceitos enfocam a língua como uma prática social, levando em consideração os contextos, as vivências e, especialmente, a dimensão política. Dessa forma, a LA busca abordar temas interdisciplinares, transdisciplinares e multiculturais, que englobam áreas complementares em seus objetos de estudo e teorizações.

Nessa perspectiva, esta discussão ancora-se na LA, tendo como base teórica, dentre outras discussões complementares, a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC), que enfatiza a natureza dinâmica das práticas sociais e linguísticas. Embora tenha surgido nas ciências clássicas, Paiva (2019) destaca que a Teoria da Complexidade pode dialogar com outras áreas do conhecimento. Para a autora, trata-se de um novo paradigma científico, fornecendo conceitos que auxiliam na compreensão de diferentes fenômenos em campos epistemológicos distintos, incluindo a LA.

Dessa forma, a aplicação da Teoria da Complexidade aos estudos da linguagem foi introduzida pela linguista Larsen-Freeman (1997), que identificou semelhanças entre complexidade e aquisição de segunda língua. No entanto, utilizo certos conceitos e categorias da TSDC para ilustrar e explicar as interações discursivas que ocorreram em uma página no FB, criada e administrada por mulheres quilombolas. Sob essa perspectiva, o foco é direcionado aos discursos e interações que surgiram durante uma transmissão ao vivo realizada por elas, e como essas interações permitiram que os indivíduos afirmassem suas identidades negras nesse espaço digitalmente mediado. Dessa forma, é possível compreender que a resistência negra e quilombola se manifesta em todos os ambientes, incluindo as plataformas digitais.

Nesse contexto, a página criada e gerida por mulheres quilombolas, bem como a *live* produzida por elas e o espaço onde ela se ambientaliza, são características do que tomo

nesta pesquisa como “aquilombamento digital¹”. A prática de aquilombar-se digitalmente, sob a descrição desse conceito, é recente e foi explicada por Santana e Sobrinho (2020) na obra “Aquilombamento Digital: identidades negras e contemporaneidade”. A razão dessa escolha se fundamentou em inquietações ambivalentes dos conceitos de língua e posicionamentos, pois acredito que fazer ciência é um ato político e que “todo conhecimento é político” (PENNYCOOK, 2001, p. 43).

Com base nessas ponderações, entendo que a história dos negros escravizados por invasores em terras brasileiras é apresentada nas escolas, desde o ensino fundamental, por um ângulo muitas vezes romantizado, maquiando a brutalidade sofrida por eles. Talvez com o intuito de preservar o imaginário das crianças em relação à violência sofrida pelas pessoas escravizadas ou até mesmo com o intuito de apagar essa parte da história para que se viva como se ela não tivesse acontecido. Entretanto, ao chegar ao ensino médio, a história continua a ser fragmentada, ignorando partes importantes da história constitutiva do Brasil, propiciando o desconhecimento não só histórico, mas também cultural, político, ideológico e social.

Diante do contexto mencionado, incluo-me no grupo de indivíduos que viveu em meio a esse desconhecimento. Ao longo de toda minha educação básica, concluída em um município do interior do Pará, nunca tive a oportunidade de ter

1 Aproprio-me desse conceito para explicitar os posicionamentos discursivos instituídos nas dinâmicas das mulheres quilombolas no contexto digital em que ocorreu a *live*.

uma aula ou disciplina que abordasse o fato de que o município em questão abriga um dos maiores territórios quilombolas do Brasil, composto por 37 comunidades divididas em 9 territórios que se estendem por toda a região.

Sob essa ótica, as discussões aqui apresentadas surgem a partir de inquietações pessoais. Primeiramente, por reconhecer minha completa desinformação sobre a importância dos quilombolas na constituição da minha própria cidade e do Brasil; em segundo momento, a importância histórica e social que a situação abarca, considerando tudo o que ela implica frente às bases em que o racismo foi construído, como preconceito e desigualdades; e, por fim, ao pensar mais profundamente na importância do trabalho feminino na constituição da sociedade quilombola no passado e como ela se desencadeia no presente, primordialmente por meio da linguagem em ambientes virtuais.

Diante dessa realidade, é fundamental destacar que, desde o período da colonização, os povos africanos submetidos à escravidão enfrentaram uma luta constante pela sobrevivência. Em uma trajetória de resistência, muitos deles conseguiram escapar para as florestas e estabelecer acampamentos, que se tornaram conhecidos como Mocambos e, mais tarde, Quilombos.

De acordo com Nascimento (1980), esses assentamentos eram utilizados como refúgios para que os negros (quilombolas) pudessem morar e abrigar quem mais chegasse precisando de ajuda, incluindo indígenas e brancos. Essa grande rede de organização, apoio, afetividade e resistência,

que teve início na colonização, reverbera atualmente dentro dos movimentos negros e quilombolas, recebendo algumas denominações que derivam da palavra “quilombo”. Trata-se de conceitos como quilombismo (NASCIMENTO, 1980); quilombagem (MOURA, 1989); aquilombar-se (SOUZA, 2008) e o mais recente utilizado neste trabalho: “aquilombamento digital” (SANTANA; SOBRINHO, 2020).

Nesse contexto, senti-me motivada a investigar como o aquilombamento digital, permeado por práticas sociais e linguísticas, influencia os posicionamentos identitários, políticos e ideológicos das palestrantes, mediadoras e usuários que interagiram durante a transmissão ao vivo. Ressalto que a escolha dessa temática em um ambiente virtual ocorreu, primeiramente, por uma necessidade imposta, uma vez que o objetivo inicial envolvia uma pesquisa etnográfica. No entanto, devido à pandemia de Covid-19 e à necessidade de distanciamento social, foi preciso redimensionar o foco e voltar a atenção para as possibilidades virtuais. Assim, tornou-se inviável viajar até os quilombos ao ponderar que a saúde de todos os envolvidos poderia ser prejudicada.

Cabe ressaltar que as discussões aqui apresentadas tiveram origem na Dissertação de Mestrado intitulada “Aquilombamento Digital nas Práticas Sociais e de Linguagem em uma Página de Mulheres Quilombolas no FB: posicionamentos, identidades e complexidades”, de onde surgiram questionamentos relevantes em relação às práticas sociais de aquilombamento. Alguns desses debates discutem como os quilombos

se organizam no presente, quais são as possibilidades que o ambiente digital oferece ao Movimento Quilombola, quais são as práticas de linguagem que se inserem nesse contexto e o papel da mulher negra na constituição dos quilombos, tanto no passado quanto no presente.

Além disso, examino como os posicionamentos discursivos podem marcar identidades negras e manifestar resistência no âmbito das transmissões ao vivo. Também investigo de que forma os discursos multimodais no ambiente digital podem influenciar a expressão de posicionamentos negros. Por fim, abordo o papel do aquilombamento digital nas práticas sociais e de linguagem das mulheres quilombolas, particularmente como essas questões se manifestam durante as transmissões ao vivo. Esses apontamentos são explorados ao longo deste trabalho com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o tema e contribuir para a promoção de debates mais inclusivos e conscientes sobre o aquilombamento e suas dimensões sociais e linguísticas.

Nessa direção, utilizei os discursos proferidos na *live* como o *corpus*. Trata-se das transcrições dos discursos pronunciados pelas mediadoras, palestrantes e alguns comentários pertinentes que emergiram no decorrer das falas. Esses enunciados foram divididos em categorias de acordo com seus temas, que são: Resistência Quilombola; Políticas Públicas para o Povo Quilombola; Educação Quilombola; e as Violências Sofridas pela Mulher Quilombola. Além das categorias elencadas, pontuei mais duas questões discursivas que

emergiram na análise da categoria que discute a resistência quilombola. Tais emergências se dão por meio das *affordances*², que consistem em maneiras de se expressar, de participar e se posicionar no meio digital.

O percurso deste texto está subdividido em 3 capítulos: No Capítulo I, discuto os movimentos quilombolas e os quilombos em movimento que sofreram atualizações e ressignificações até culminar no aquilombamento e nas práticas sociais de linguagem no digital. O Capítulo II é responsável por introduzir a fundamentação teórica, abordando o caráter transdisciplinar da LA, a TSDC, as categorias utilizadas na análise, o quilombo enquanto sistema dinâmico, além de destacar a metodologia utilizada e o procedimento realizado para a coleta de dados. O capítulo III elucida as análises e, por ser extenso, optei por dividi-lo em 2 partes. Na primeira, analiso os elementos que compõem a páginas, bem como as dinâmicas que se estabeleceram para convidar pessoas para apreciar a transmissão ao vivo, e analiso a primeira categoria, intitulada “resistir para existir”. Na segunda parte exponho questões relacionadas às políticas públicas para a população quilombola, educação e as violências sofridas pelas mulheres quilombolas. Por fim, concluo a reflexão retomando o que foi abordado no decorrer do texto, expressando as dinâmicas do processo de escrita.

2 O conceito de *affordances*, em tradução livre para o português, pode ser entendido como “possibilidades de ação” ou “potencialidades de uso”. Esse termo foi introduzido pelo psicólogo James J. Gibson, que o definiu como as características percebidas de um objeto ou ambiente que sugerem possíveis ações ou usos para um observador.

QUILOMBOS EM MOVIMENTO E MOVIMENTO QUILOMBOLA

O quilombo representou a mais significativa manifestação de resistência cativa que ocorreu no Brasil. Revoltados com os maus tratos e supressão da liberdade, os trabalhadores escravizados romperam com as amarras do cativo através das fugas e, a partir das fugas, formaram quilombos - enclaves de liberdade no seio do regime escravista [...] (FIABANI, 2018, p. 40).

A citação de Fiabani é mencionada no início deste capítulo para ilustrar a resistência dos quilombos desde o seu surgimento na primeira fase da era colonial, passando pela abolição da escravatura e estendendo-se até os dias atuais. Segundo o autor, embora se tenha documentado pelo Rei de Portugal que os primeiros quilombos surgiram em 1740, José Honório Rodrigues (1970) advoga que as fugas e os primeiros acampamentos formaram-se em 1559. Ainda que existam relatos das formações dos primeiros quilombos em áreas rurais, há pluralidades que empreendem as diversas formas que os quilombos se instituíam, destituindo o imaginário de que:

Ao se referir a quilombo é comum as pessoas imaginarem comunidades exclusivamente negras formadas por choupanas de palha escondidas no

meio da floresta, no alto das montanhas, longe das cidades, fora do alcance dos senhores e onde se vivia apenas da própria lavoura, da caça, da pesca e do extrativismo. Mas não é bem essa a história de um grande número de quilombos no Brasil. Em todo o país foram muitos os negros rebeldes reunidos em pequenos grupos nos arredores de engenhos, fazendas, vilas e cidades, em lugares conhecidos por seus senhores e autoridades (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 118).

Ao descortinar a ideia inicial sobre os quilombos, vislumbra-se a existência de diferentes formas de constituir essas sociedades e de resistir em um contexto de diversidade ainda no primeiro estágio da colonização. Com a chegada de pessoas negras no litoral do Brasil, os quilombos formaram-se de dife-distintivamente — o que se reflete atualmente com a existência de quilombos urbanos em todo o país. Como exemplo, cito os terreiros de candomblé e espaços virtuais que reúnem comunidades e coletivos negros que são configurações e reconfigurações desses quilombos, cujas ações foram ressignificadas ao longo do tempo e do espaço. A esse respeito:

Mostra-se importante estabelecer a definição de que quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantem tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos. Comunidades Quilombolas, terreiros de Umbanda e de Candomblé e comunidades periféricas/populares denominadas Favelas são reflexos da África no Brasil, primeiramente por uma questão histórica de ocupação e de uso de tais terras e de espaços caracterizados majoritariamente como negros (exemplo: terras compradas por negros libertos, da posse de terras destinadas a igrejas, de terras abandonadas pelos proprietários por algum problema pessoal, etc.), e, posteriormente, pelo fato social desses territórios

abrigarem a noção africana de coletivo, de práticas sociais comuns e de preservação e manutenção de uma identidade e cultura única, ancestral e milenar (ALVES, 2018, p. 88).

Diante do supracitado, é necessário compreender que os quilombos se constituem como entidades plurais repletas de significados, representações e realidades diversas. Partindo dessa compreensão, o foco analítico desta discussão volta-se aos quilombos rurais em que vivem as mulheres que compõem a página investigada. Desse modo, retrato as realidades vivenciadas por essas mulheres, que resistem em meio a dificuldades não enfrentadas por quilombos urbanos, por exemplo. Para tanto, não pretendo levantar uma discussão exaustiva sobre os quilombos rurais, mas sim situar a discussão no ambiente em que essas mulheres se encontram, enfatizando o deslocamento de suas práticas sociais e linguísticas dos espaços analógicos para os espaços *online*.

A próxima subseção traz uma breve apresentação da página do grupo, onde elas mostram ao mundo suas histórias de lutas e resistências por meio de suas atuações na sociedade.

1.1. UMA PÁGINA DE MULHERES QUILMBOLAS NO *FACEBOOK*

A página investigada é constituída de muitas significações, uma vez que se trata de um espaço aberto para que qualquer pessoa possa interagir. Por pertencer a mulheres quilombolas,

há um processo de resignificação que a integra, em que esse espaço (página) se torna o ambiente onde pessoas negras-quilombolas entendem ser um lugar seguro para expressarem seus posicionamentos políticos, ideológicos e sociais. Ou seja, é um ambiente para aquilombar, resistir e existir.

Mulheres quilombolas têm formulado e apresentado suas demandas em diferentes espaços sociais, denunciando o racismo institucional, mobilizando o judiciário nacional e as cortes internacionais, lutando contra a invisibilidade, a marginalidade, a violência doméstica, sexual e psicológica que ainda sofrem em uma sociedade altamente racista e machista (DEALDINA, 2020). Diante disso, Gomes (2020), afirma que as mulheres quilombolas carregam em seus corpos a grandeza da ancestralidade e são responsáveis por suas próprias buscas emancipatórias e dos demais que compõem os quilombos. Para a autora, “ser mulher quilombola é sinônimo de resistência” (GOMES, 2020, p. 14).

São mulheres que precisaram e precisam resistir todos os dias em suas buscas por liberdade, direitos e equidade. Diante disso, entendo que registrar e manter a história é um ato de resistência protagonizado por essas mulheres. Com base nisso, é pertinente ressaltar que antigamente, a oralidade era o único meio pelo qual os quilombolas repassavam seus ensinamentos de geração em geração, como afirma Dealdina (2020, p. 37):

nos quilombos, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos são transmitidos às e aos mais jovens pela oralidade. A mulher quilombola tem um papel fundamental na transmissão e na preservação das tradições locais; na manipulação das ervas medicinais, no artesanato, na agricultura, na culinária e nas festas. São as mulheres quilombolas que desempenham um papel central, estabelecendo vínculos de solidariedade e transmitindo experiências.

Na presente discussão, entender uma página criada no FB como um sistema permite visualizar de maneira clara as categorias da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC) que se formam naturalmente à medida que esse sistema surge. Trata-se das condições iniciais nas quais alguém sentiu a necessidade de criá-la, e a partir daí, ela se auto-organiza à conforme os usuários interagem entre si e se adaptam às novas condições que surgem desse movimento interacional. Nesse espaço, não há conteúdo de apenas um usuário, mas sim de uma coletividade, em que “a ação do todo é maior do que a soma das partes” (HOLLAND, 1997, p. 28).

A interação entre os usuários que compõem um sistema também pode ser compreendida a partir da perspectiva ecológica da interação humana, que consiste em uma dependência inerente ao ser humano, uma vez que “a vida humana é grupal” (KOEHLER; SPENSE, 2014, p. 40). Nesse contexto, a necessidade de permanecer em grupo levou o ser humano a transferir suas relações presenciais também para os ambientes virtuais, formando uma grande rede de interações. Barabási (2002) observa que atualmente vivemos em um mundo

interconectado, em que basta olhar ao redor para reconhecer a complexa rede social que nos envolve o tempo todo.

1.2. QUILOMBOS: O PONTO DE PARTIDA

A carga semântica que acompanha a palavra “quilombo” abarca questões históricas, culturais, sociais, ideológicas e políticas. Desse modo, ao pensar em quilombo na contemporaneidade, é necessário retomar, quase que instintivamente, a história constitutiva de toda essa significação, pois dessa palavra derivam não só o passado de um povo, como também o presente e até mesmo o futuro. Os quilombos deram início a um processo revolucionário de libertação para os povos africanos que foram escravizados no período colonial. Uma vez que esses locais representavam uma resistência ativa e organizada contra a opressão escravista, sendo considerados, assim, espaços de força. Nesse sentido:

A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Aparentemente um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de uma improvisação de emergência em metódica e constante vivência das massas africanas que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista (NASCIMENTO, 1980, p. 209).

Desse sentimento de insubmissão que os africanos escravizados compartilhavam entre si, surgiu a necessidade da criação dos quilombos como forma de organização e refúgio.

Atualmente, a organização quilombola perdura sob a égide do Movimento Quilombola (MQ), que sofreu ressignificações e atualizações ao longo do tempo, ainda que o objetivo central seja um só: refletir e criar mecanismos que assegurem os direitos dos povos quilombolas.

Para conhecer e compreender o movimento quilombola e os significados de suas vertentes, faz-se necessário compreender que o significado do termo “quilombo” também se ressemantiza, originando os demais termos: quilombismo, quilombagem, aquilombar-se, e o mais contemporâneo “aquilombamento digital”. Nesse ponto, é possível perceber que muitas das primeiras interpretações colonialistas do termo “quilombo” apresentam uma conotação simplista, sendo utilizado apenas para designar um povo fugitivo.

Os acampamentos fundados, por negros que fugiam do regime de servidão, receberam diferentes nomenclaturas ao longo do tempo e em diversas partes do mundo. As designações “quilombos, marrons, palenques, mocambos apontavam conotações depreciativas. [...] O termo inglês *maroon*, por exemplo, deriva do castelhano *cimarrón*, utilizado inicialmente para denominar animais fugidos” (SOUZA, 2008, p. 28). No Brasil, as primeiras comunidades fundadas por quilombolas eram denominadas mocambos e, posteriormente, quilombos. Ambos os termos derivam da África Central e indicavam acampamentos improvisados para guerras ou apresamentos escravizados (GOMES, 2015).

As terminologias depreciativas usadas para designar os quilombos criados por africanos escravizados no período da colonização, tornaram-se subterfúgios pela colonialidade para atribuir sentidos pejorativos a tudo que se referia aos negros. Tais ações são contrapostas quando se investiga os verdadeiros significados da palavra “quilombo” e suas derivações. Segundo Munanga (1996, p. 58), “o quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo)”. Nesse sentido, Souza (2008) ampara-se nos estudos de Lopes (2006) a fim de colaborar com o entendimento acerca dos quilombos como ambientes de fortalecimento para aqueles que buscavam abrigo.

A etimologia original da palavra ‘Quilombo’, entretanto, costuma ser esquecida. ‘Quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos (...) Quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa’ (LOPES, 2006: 27-28). No Brasil, o termo ‘quilombo’ passou a significar comunidades e agrupamentos de negros e negras escravizados fúgitivos (SOUZA, 2008, p. 28).

Diante das informações sobre a origem da palavra “quilombo” e o seu verdadeiro significado como movimento importante na história e na construção identitária dos remanescentes quilombolas, bem como dos brasileiros, percebemos que os movimentos quilombolas contemporâneos, de bases política e social, têm raízes ancestrais. Os termos “Quilombismo” de Abdias do Nascimento (1980), “Quilombagem” de Clóvis Moura (2001) e, mais recentemente, “aquilombar-se” de

Bárbara Souza (2008) e “aquilombamento Digital” de Santana e Sobrinho (2020), fazem parte do contínuo de ações e ressignificações que integram o movimento quilombola desde a criação e organização dos primeiros quilombos.

1.3. MOVIMENTOS QUILOMBOLAS SOCIAIS E NA SOCIEDADE

Embora o conceito de aquilombamento tenha surgido recentemente e a sistematização quilombo/aquilombamento seja simultânea, as práticas que empreendem os aquilombamentos ocorreram no passado, uma vez que as primeiras formas de quilombos implicavam práticas de quilombagem. Nessa direção, os quilombos não representam apenas os movimentos quilombolas que se organizam por todo o Brasil, mas também os quilombolas em movimento. Ou seja, há uma sinergia que gera resistência negra e que quando organizada, sistematiza-se socialmente.

Nesse contexto, Orlandi (2011) aponta diferenças entre “movimentos da sociedade ou na sociedade” e “movimentos sociais”. Para a autora, os movimentos na sociedade são inevitáveis, pois decorrem da materialidade real, histórica e social, enquanto os movimentos sociais “são organizações que se formam em certos momentos, visando objetivos bem determinados na sociedade” (ORLANDI, 2019, p. 04).

Partindo dessa discussão, compreendo que os movimentos sociais são reais, uma vez que a necessidade de se pensar em causas de grupos considerados marginalizados (populações minorizadas) é de extrema importância para que se alcance uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, Ponchirolli (2019) pontua que os movimentos sociais são formados por grupos de indivíduos que defendem uma determinada causa social e política. Para a autora, o resultado dessas lutas são fenômenos históricos que proporcionam transformações e geram mudanças nas estruturas das sociedades. Modesto (2014), ancorado nos estudos de Gohn (1995), aponta que:

Os sentidos de movimento social repousam em ações empreendidas por diferentes classes e categorias sociais, mas especialmente as classes populares, em luta pela conquista de seus direitos ou bens e equipamentos considerados como necessários em determinados períodos históricos, ou ainda ações contra o que chama de injustiças sociais, discriminações ou atentados contra a dignidade humana (MODESTO, 2014, p. 61).

A partir dessa perspectiva, pode-se depreender que os movimentos sociais não apenas reivindicam direitos, mas também geram saberes. Segundo Gohn (2011, p. 333), “para se analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem”.

De acordo com Ponchirolli (2019), os movimentos sociais tornaram-se populares no Brasil na década de 70 por se oporem ao regime militar. A autora divide os movimentos sociais em duas categorias: conjuntural e estrutural. O movimento conjuntural surge de uma demanda específica e tem curto prazo de duração, enquanto o movimento estrutural requer conquistar pautas a longo prazo. A partir da definição desses postulados, é possível perceber que os movimentos de luta contra o racismo e os movimentos quilombolas se encaixam tanto no movimento social conjuntural (pois necessita de mudanças a curto prazo), quanto no movimento social estrutural (que luta contra obstáculos que permanecem arraigados na estrutura social).

Segundo Souza (2008), as organizações sociais que lutam pelos direitos quilombolas não são constituídas exclusivamente por pessoas negras e estão presentes em todas as regiões do país. Para a estudiosa, o movimento de aquilombar-se e lutar pelos direitos dessas comunidades implica lutar pela garantia da sobrevivência física, sendo social, cultural, histórico e político. “Traz em seu íntimo uma dimensão secular de resistência, na qual homens e mulheres buscavam o quilombo como possibilidade de se manterem física, social e culturalmente, em contraponto à lógica escravocrata” (SOUZA, 2008, p. 12).

Nesse ponto, entendo que as dinâmicas de auto-organização desses processos ocorrem durante a instituição das relações sociais em movimentos como um sistema dinâmico complexo que produz diversidade. Ou seja, das diversas formas como os quilombos se estabelecem, surgem novas

maneiras de aquilombamento, como o digital. Dessa forma, compreendo que essas relações complexas criam dinâmicas de resistência que resultam em diferentes formas de quilombos ao longo do tempo.

Nesse sentido, apresento na seção a seguir, os conceitos de quilombagem, quilombismo, aquilombar-se e aquilombamento digital.

1.3.1. Quilombagem

É importante ressaltar que a escravidão desencadeou um sentimento mais forte do que aquele gerado pelo aprisionamento: a resistência. De acordo com Moura (2001), os quilombos eram uma forma de protesto radical e permanente, onde os negros podiam rebelar-se individual ou coletivamente. Conforme o autor, essas ações foram consequências da própria repressão da época, cujo desejo pela liberdade motivava-os a se amotinar, uma vez que o quilombo era uma sociedade alternativa de trabalho livre em meio a um regime social escravista institucionalizado em uma sociedade maior e mais poderosa. O autor pondera que essa sociedade paralela era o objetivo do negro escravizado inconformado, que passava por estágios até a concretização da fuga. O primeiro estágio é o que Moura (2001) caracteriza como “consciência rebelde”. O segundo estágio se dava a partir da socialização desse anseio com os demais, resultando na organização para a fuga. Esse segundo estágio, no nível de consciência, atuava como marcador da passagem de “negro fugido” para “quilombola”.

Desse modo, compreendo que o quilombo exerceu um papel de movimento social na época escravagista, podendo ser entendido como o primeiro movimento quilombola, visto que colocava os negros fugitivos em outra posição: a de pertencente a uma outra/nova sociedade. Nesse viés, Moura (2001) pensa o termo “quilombagem”, que se caracteriza pelo *continuum* que perpassa a história social dos quilombos na escravidão. “A quilombagem deve, por isso, ser vista como um processo permanente e radical entre aquelas forças que impulsionaram o dinamismo social na direção da negação do trabalho escravo” (MOURA, 2001, p. 109).

Batista (2019) aponta para o fato de que o termo “quilombagem” ressalta os atos de resistência, rebeldia e protestos dos escravizados, tendo como pano de fundo o quilombo. Para a autora, esse termo mostra a verdadeira relevância da luta assegurada pelos quilombolas da época, marcando esse movimento como “agitação emancipatória que antecede, em muito, o movimento liberal abolicionista” (BATISTA, 2019, p. 401). De acordo com as colocações de Moura (2001), a quilombagem se institui, então, como o processo de negação do sistema escravagista, ou seja, é o movimento que visava o sucateamento desse sistema até o seu desgaste total.

É através da quilombagem que a luta de classes se realiza no bojo das relações senhor-escravo. É por isto que para compreendê-la (a quilombagem) temos de encará-la como um processo permanente de negação radical ao sistema escravista [...]. Durante toda a vigência do sistema escravista ela se manifesta e se dinamiza de maneira polimórfica através de quilombos grandes ou

pequenos, agrícolas, pastoris, mistos, predatórios, de mineração' acompanhando de forma diversa (porque de negação) o sistema de produção e suas variações regionais (MOURA, 2001, p. 111).

Diante do exposto sobre o movimento de quilombagem, nota-se que a organização e a resistência eram as bases primordiais da luta pleiteada pelos negros escravizados, uma vez que o quilombo, embora “destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente, aparecia em outros locais, plantando sua roça, construindo suas casas, reorganizando sua vida social estabelecendo novos sistemas de defesa” (MOURA, 1992, p. 24).

Esses pontos reforçam o que foi abordado na seção anterior, em que a quilombagem representa as partes que compõem um sistema dinâmico complexo, sendo o quilombo o próprio sistema que se move, não só pelos agentes (quilombolas), mas pela resistência num processo contínuo de interdependência, resistindo e repetindo a mesma ação quantas vezes fossem necessárias a fim de assegurar suas existências livres.

Na década de 50, Guerreiro Ramos cunhou o termo “negro-vida” para designar a resistência do negro que jamais aceitaria ser aprisionado. Esse negro “não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje” (GUERREIRO RAMOS, 1995, p. 215). É importante perceber como as visões de Clovis Moura e Guerreiro Ramos desconstroem a ideia de um negro assujeitado, que aceitava tudo o que lhe era imposto, ao revelar esse

negro insatisfeito e disposto a fazer o que fosse necessário pela liberdade em um lugar seguro. “Falar de cordialidade na formação do povo brasileiro, ignorando a insubmissão dos negros é apagar [...] a possibilidade de os negros serem vistos como heróis do seu próprio povo” (NASCIMENTO, 2019, p. 28, grifo meu).

Assim sendo, a quilombagem foi um movimento de rebeldia que repudiava e enfrentava o sistema escravista da época, em que compreender essa condição é fundamental para entender a ancestralidade que perpassa a resistência até os movimentos negros e quilombolas na contemporaneidade.

Na subsecção seguinte, apresento uma outra variante do quilombo, que surge em paralelo à quilombagem de Clovis Moura. Trata-se do termo cunhado por Abdias do Nascimento em 1980: Quilombismo.

1.3.2. Quilombismo

Embora as noções de quilombagem e quilombismo tenham sido criadas paralelamente, seus postulados são antagônicos. Enquanto a quilombagem é “um movimento político-social, dirigido pelos próprios negros contra a sociedade escravista, por representarem uma de suas classes fundamentais” (MOURA, 1989, p. 22), o quilombismo “é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país” (NASCIMENTO,

1980, p. 201). Sobre essa discussão, Guimarães (2002) complementa que esse movimento é “uma das principais matrizes ideológicas que permeavam o movimento negro nos anos 1980, aliando radicalismo cultural a radicalismo político” (GUIMARÃES, 2002, p. 100).

Incomodado com a condição dos negros no Brasil, Abdias do Nascimento (1980) aponta o retrato imperfeito da realidade da maior parte dos remanescentes de quilombo. Eles viviam de engraxar sapatos, lavar carros, entregar encomendas, transmitir recados, vender doces e recebiam uma remuneração baixíssima por essas atividades. Dessa realidade, o autor aponta a necessidade urgente do negro de defender sua sobrevivência e assegurar sua existência em meio a sociedade da época. Desse modo, Abdias do Nascimento denomina de quilombismo as práticas sociais constituídas dos quilombos, por serem:

[...] genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade; dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os ‘ilegais’ foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo (NASCIMENTO, 1980, p. 264).

Nessa perspectiva, Abdias do Nascimento enxerga nos quilombos a forma pela qual uma sociedade negra deveria se

estruturar, a fim de garantir melhores condições socioeconômicas e psicossociais aos remanescentes de quilombo, assegurando-lhes condições de vida pautadas na equidade. Nesse sentido, “os quilombos são, portanto, um lócus de liberdade e de atualização dos laços étnicos e ancestrais afro-brasileiros” (SOUZA, 2008, p. 43).

Assim, o quilombismo torna-se uma atualização do processo de resistência que se iniciou com a constituição dos quilombos no período escravocrata, no qual o movimento revelou-se “um fator capaz de mobilizar disciplinadamente as massas negras, em razão do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros” (NASCIMENTO, 1980, p. 255). Nessa direção:

as lutas quilombolas, sempre presentes ao longo da história do Brasil, registram durante o século XX um importante crescimento e diálogo com demais movimentos, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Essas mobilizações quilombolas foram fundamentais para qualificar as demandas históricas desses grupos e para denunciar a situação de violência e de não respeito aos direitos fundiários dessas comunidades (SOUZA, 2008, p. 45).

No bojo dessa discussão, é importante ressaltar que o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU), teve início em 1978 e se tornou um elemento significativo para a resistência negra na sociedade. Segundo Gibson-Cunha e Albano (2017, p. 64), “é na década de setenta que o quilombo volta a servir como manifestação reativa ao colonialismo, desta vez cultural, reafirmando a herança e buscando um modelo brasileiro

capaz de reforçar a identidade étnica” A luta desse movimento resultou em importantes conquistas, como a instituição da data de 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra e a reformulação de políticas públicas para promover a igualdade racial, incluindo as leis n. 10.639/2003 e n. 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas (FERNANDES; SOUZA, 2016).

Na subseção seguinte, apresento mais dois conceitos relacionados ao movimento quilombola contemporâneo: aquilombar-se e aquilombamento digital.

1.3.3. Aquilombar-se e Aquilombamento Digital

De acordo com o dicionário *online* de Língua Portuguesa, o termo “aquilombar” significa “fazer um quilombo, reunir-se em um quilombo”. Levando em consideração as informações mencionadas sobre a criação dos primeiros quilombos e os movimentos decorrentes dessa prática, discuto que o conceito de “reunir-se” em um quilombo envolve questões mais profundas relacionadas a ideologias, histórias, culturas e políticas.

No que se refere ao “aquilombar-se” como movimento, a Dissertação de Mestrado da antropóloga e pesquisadora Bárbara Oliveira Souza (2008) oferece uma contribuição significativa para essa compreensão, uma vez que vai além da definição literal do termo, estabelecendo um contexto histórico que engloba a luta pela garantia da sobrevivência

física, social e cultural dos quilombolas. Nas palavras da autora, esse movimento:

[...] abarca uma dimensão secular de resistência e luta dos africanos e seus descendentes, muitas vezes em conjunto com indígenas e até brancos, e chega aos dias atuais na batalha pela garantia de direitos fundamentais, como a titulação das terras que tradicionalmente ocupam as comunidades quilombolas (SOUZA, 2008, p. 13).

Se durante a escravidão os quilombolas faziam frente aos seus interesses por meio de estratégias de fugas bem arquitetadas, acampamentos em territórios muito bem posicionados a fim de garantirem a segurança de todos, a proteção das sementes para garantir a subsistência (caso necessitassem abandonar seus acampamentos), e as guerras travadas em prol à liberdade; na contemporaneidade, essas estratégias precisaram ser redimensionadas para acompanhar as mudanças sociais que decorrem da própria dinâmica social que se estabelece através do tempo. São movimentos sociais que asseguram os direitos dos povos quilombolas, tais como: títulos coletivos das terras quilombolas, leis que asseguram a implementação de acesso às informações da história dos povos negros e quilombolas na constituição da nação brasileira no âmbito educacional, luta contra o racismo, dentre outras pautas importantes para essa população.

Na esteira dessa discussão, Batista (2019) defende que o termo “aquilombar-se” tem se tornando popular entre grupos que lutam pela resistência da cultura negra no Brasil. Segundo a autora, “para esses grupos, ‘quilombo’ é uma

importante tecnologia social de resistência que promove o ‘estar junto’ para ampliar e potencializar saberes, cultura, identidade e histórias ancestrais” (BATISTA, 2019, p. 399). Não se trata apenas de “reunir-se”, mas de reunir-se em vista de algo, de traçar estratégias e alcançar objetivos, pois a ação desse movimento na atualidade é uma atualização significada pela força da ancestralidade e ressignificada pelo mesmo motivo:

aquilombar-se é, portanto, uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história [...] e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si e que, num movimento mais amplo e recente, une as comunidades de distintas regiões (SOUZA, p. 106, 2008).

A citação da autora destaca que, seja o movimento quilombola instituído no período da escravidão ou no presente, há uma característica em comum que os permeia: a resistência, que, por sua vez, tem como finalidade a existência em diversos níveis e espaços. Além disso, há a questão da união, que reitera o sentido de “aquilombar”. No período da colonização esse sentido ocorria através das reuniões nos quilombos. Já na contemporaneidade, ocorre em diversos espaços, sejam eles físicos ou digitais.

Assim, o aquilombamento, que antes acontecia apenas de maneira presencial, sofre um redimensionamento para os espaços *online*, sem perder o seu sentido ou significado.

Conforme Barton e Lee (2015), esse deslocamento do *offline* para o online não implica a perda do sentido ou da importância, já que as pessoas podem ter laços fortes *offline* em qualquer site *online*.

Nesse viés, o aquilombamento em espaços mediados digitalmente não se configura como um novo movimento, mas sim como a expansão do movimento quilombola atual para a espacialidade *online*, garantindo, em seus termos, que a luta se atualize, ressignifique, expanda, mas nunca, em hipótese alguma, estagne. Dessa forma, “ao considerar o quilombo como categoria científica, podemos aplicá-la para pensar a criação e ocupação de territórios digitais” (LEBLANC, 2019, p. 5).

Embora haja pouca literatura especificamente sobre o termo “aquilombamento digital”, cito três trabalhos que versam sobre o tema de forma direta, trata-se da obra “Aquilombamento Digital: identidades negras e contemporaneidade”, que aborda, dentre outros aspectos, a questão da formação da identidade social e cultural de jovens negros no contexto digital, em vista de “investigar a influência das interações mediadas pela internet na formação de identidade de jovens negros” (SANTANA; SOBRINHO, 2020, p. 17); o artigo intitulado “Aquilombamento Digital: mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos” (CONCEIÇÃO, 2020); e a Dissertação de Mestrado de Eufrásio (2021), intitulada “Práticas informacionais na comunidade do FB: entre postagens e discursos” que tem por objetivo “compreender as práticas informacionais, com foco na informação étnico-racial, na comunidade do FB “VOCÊ É PRETO?”

ENTÃO DEVE SABER! II” e sua relação com o empoderamento racial” (EUFRÁSIO, 2021, p. 7). Além dessas pesquisas, há um trabalho do ano de 2019 que traz o termo “aquilombamento digital”, porém não o especifica e nem o conceitua. Refere-se ao artigo “Quilombos Digitais: desafios para pensar contemporaneamente o trânsito de imagens e narrativas” (LEBLANC, 2019).

Embora as discussões acadêmicas sobre o tema sob essa nomenclatura sejam relativamente novas, o aquilombamento digital é uma realidade advinda da contemporaneidade. Ao fazer uma rápida busca pela internet, é possível encontrar canais no *YouTube* que falam sobre o tema, além de páginas e perfis em redes sociais que, mesmo que não debatam diretamente o assunto, já praticam o ato de aquilombar-se no digital. Em relação a essa discussão, não se sabe ao certo a origem do termo. Conceição (2020), acredita que “aquilombamento” esteja relacionado ao conceito de quilombismo cunhado por Abdias do Nascimento. Nas palavras da autora:

[...] O que podemos entender é que o ‘aquilombamento digital’ pode ser uma atualização do movimento quilombista na contemporaneidade, onde ele se utiliza de técnicas e ferramentas tecnológicas na tentativa de uma sociedade com equidade (CONCEIÇÃO, 2020, p. 12).

A partir da compreensão original do termo “quilombo” e da ideia de que o aquilombamento digital é uma atualização do quilombismo, compreendo que o que constitui o termo “aquilombamento digital” e a ação de “aquilombar-se” é a rede de apoio entre pessoas que reafirmam suas identidades negras, pertencendo ao movimento presencial que se expandiu para o

digital, ou ainda, nos termos de Barton e Lee (2015), a transição do *offline* para o *online*.

Este 'aquilombamento' no ambiente urbano e com o uso de plataformas digitais se torna o ocupar e o resistir de uma população negra que integra a sociedade contemporânea. É uma forma encontrada por esta população de se manter conectada com a ancestralidade e cultivar esperanças para a concretização de um futuro melhor (CONCEIÇÃO, 2020, p. 12).

Corroborando essa concepção, Santana e Sobrinho (2020) afirmam que o aquilombamento na internet gera espaços digitais que permitem aos negros acessar novas narrativas e obter outros olhares sobre corpos biológicos e sociais que se unem em uma voz uníssonas para a mesma causa, embora forjada por seres humanos diferentes, reafirmando o sentido real da palavra, ou seja, "quilombo significa reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial" (NASCIMENTO, 1980, p. 348). Esses aspectos reverberam de maneira positiva e instintiva no digital como prática social ressignificada pela resistência.

Considerando tudo o que foi abordado sobre os quilombos e os movimentos quilombolas que continuam a ecoar até os dias atuais, ressalto a importância dos processos de ocupação de espaços pela população quilombola, onde eles se reúnem para debater pautas políticas, culturais, históricas, sociais e ideológicas. Essas pautas, abordadas no ambiente digital, tornam-se acessíveis a toda a comunidade, contribuindo para a exposição de questões muito profundas.

Dessa forma, pode-se dizer que “aquilombar é uma forma de ser no mundo” (BATISTA, 2019, p. 399).

Na seção seguinte, abordo o desdobramento da prática do aquilombamento digital, uma vez que nesses ambientes é possível posicionar-se e afirmar identidades já constituídas e em desenvolvimento.

1.4. POSICIONAMENTO, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES QUILOMBOLAS NO DIGITAL

Ao considerar o caráter dinâmico dos espaços digitais como o FB, Barton e Lee (2015) apontam que essas plataformas existem para permitir a interação das pessoas através de conteúdos escritos e, principalmente, recursos multimodais. Essa interação é realizada por meio de comentários gerados a partir de uma postagem.

De acordo com Barton e Lee (2015, p. 22), “comentar é um ato importante de se posicionar e posicionar os outros; isso constitui um posicionamento”. Nessa perspectiva, percebo que as práticas sociais e de linguagem abrangem temas importantes para a vida em sociedade. Tomando emprestado o postulado estabelecido por Bakhtin (1981), que toma o campo da palavra como a arena onde se desenvolve a luta de classes, afirmo que os espaços *online* tornaram-se a arena onde se desenvolve a luta de classes, uma vez que *online* e *offline* são

fluidos: o que ocorre em um, ocorre também no outro, dependendo dos eventos.

Barton e Lee (2015) também afirmam que os espaços online criam situações de aprendizagem informal de diferentes tipos de saberes. O caráter dinâmico desses espaços digitais torna-se seguro para as interações, visto que todos podem compartilhar e receber informações com base nas suas vivências, e, no caso das mulheres quilombolas, suas “escrevivências”³.

No que diz respeito aos posicionamentos negros nas plataformas virtuais, “essa movimentação de forma orgânica nos revela uma nova relação estrutural entre pessoas negras no ambiente digital para chegar e sobreviver” (CONCEIÇÃO, 2020, p. 7). É o existir negro em ambientes virtuais como prática emergente do aquilombamento digital. Nesse sentido, os posicionamentos são posturas que emergem a partir dos discursos, sejam eles escritos ou multimodais⁴.

a postura não marca apenas como um indivíduo marca sua posição, mas também quais atos comunicativos alguém quer alcançar ao fazer isso, e como a marcação de postura promove a interação dentro de um contexto maior [...] esses atos de posicionamento multimodal-multilíngues, são geralmente autogerados no início e mais tarde se tornam

3 Termo cunhado pela professora e escritora Conceição Evaristo (2017). Trata-se de uma escrita que se dá através das vivências coletivas ou individuais de mulheres negras, em sua maior parte, contadas por elas próprias, daí deriva o termo, de escrever vivências.

4 Segundo Kress e van Leeuwen (2006) textos multimodais são aqueles que se utilizam da combinação de códigos semióticos para produzirem sentido no ato da transmissão de um enunciado, como a combinação de texto escrito e imagem, por exemplo.

colaborativos (BARTON; LEE, 2015, p. 121).

Diante do exposto, Paiva (2015) entende que a linguagem se constitui como um Sistema Dinâmico Complexo (SDC), no qual as tecnologias digitais de comunicação têm um forte impacto nas formas de linguagem, especialmente na linguagem mediada digitalmente. De acordo com Barton e Lee (2015), nos espaços de escrita *online* os usuários percebem as virtualidades que possibilitam uma ampla gama de opções de comunicação, criando formas multimodais. Desse modo, o FB dispõe de recursos multimodais como os *emojis*⁵, que são figuras carregadas de sentidos capazes de expressar com clareza determinados tipos de enunciados.

Partindo do princípio de que as práticas sociais e linguísticas emergem de formas complexas e dinâmicas, os posicionamentos podem expressar ideologias e também identidades. Essas identidades são constituídas e modificadas na interação dos sujeitos com o sistema que age como espaço dinamizador. Nesse viés, Santana e Sobrinho (2020, p. 102) entendem que “identidade é um conceito de fundamental relevância para os diversos processos que integram as dinâmicas sociais”. Assim, os espaços *online* funcionam como oportunidades para textos multimodais atuarem como forma de autorrepresentação, além de serem ferramentas que expressam opiniões sobre assuntos de qualquer natureza, inclusive as questões étnico-raciais e identitárias.

5 “Figuras geradas pelo sistema Unicode” (PAIVA, 2015, p. 389).

Nos espaços de escrita *on-line*, as pessoas percebem e mobilizam as virtualidades, no intuito de agir segundo determinados propósitos [...] ao usar a linguagem, as pessoas agem em relação a outros grupos e comunidades de várias maneiras, incluindo os *grupos de afinidade* de que participam (BARTON; LEE 2015, p. 39).

Enxergando os espaços *online* sob a ótica do aquilombamento digital, é possível perceber que posicionamentos de resistência por meio de discursos podem gerar autorrepresentações de acordo com o grupo de pessoas que os utiliza. A respeito disso, menciono a página de mulheres quilombolas no FB, tomada como universo desta investigação, uma vez que ao tomar os *emojis* como possibilidades discursivas de posicionamentos, resistência e identidades, identifico que o sistema FB passou por atualizações que permitiram essa forma de expressão aos usuários da plataforma. Em outras palavras, os usuários podem escolher como querem ser autorepresentados em discursos multimodais. Desde 2016, o FB dispõe de uma paleta de cores de tons de pele que contempla a diversidade, permitindo aos usuários utilizarem as cores de tons de pele nos *emojis* que os representem.

Nesse ponto, retomo a discussão acerca das identidades em devir, visto que as características identitárias dentro de uma comunidade são constituídas por heterogeneidades sob a égide de “que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de ebulição” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71). Para Rajagopalan (2003), a única maneira de definir uma identidade seria se essa mesma identidade se opusesse a outra,

como em um jogo em que essas identidades só pudessem ser pensadas de formas estruturais, estabelecidas por um momento específico.

Trata-se do sujeito pós-moderno, uma das concepções apresentadas por Stuart Hall (1997) sobre a crise de identidade que perpassa a contemporaneidade, uma vez que o homem não possui uma identidade fixa, mas se constitui de tantas outras. Bakhtin (1981) propôs essa concepção como sendo parte da constituição do sujeito ideológico, em que os discursos anteriores, de alguma forma, contribuíram para a concepção ideológica presente. Como bem diz Candau:

as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de 'trações culturais' – vinculações primordiais-, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socio situacionais – situações, contexto, circunstâncias-, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de 'visões de mundo', identitárias ou étnicas (CANDAU, 2011, p. 27).

Tangente às identidades negras e quilombolas no ambiente digital, existe um processo de construção identitária que independe do olhar do outro sobre o negro. São os conceitos de *auto atribuição* ou *autodefinição* definidas por Munganga (2012), que concebem a ideia de um grupo estabelecer sinais diacríticos para se autodefinir e criar a noção de pertencimento e representatividade de sua ancestralidade, ou seja, sua negritude. Dessa forma, entendo que as identidades negras também são ações autoatribuídas e

autodefinidas que permitem uma visão **auto afirmativa** no ambiente digital para as identidades negras e quilombolas, ou seja, como o negro se vê em espaços digitais complexos permeados por práticas de linguagem, e então, como esse mesmo grupo é percebido por outros.

No Brasil, a popularização da negritude foi acompanhada pela ampliação de sua inserção social e diversificação de seus significados. Do sentido de consciência racial, a negritude estendeu sua ação para diversos planos em que a identidade negra é usada como chave para ativar a enunciação da diferença e comunicar mensagens (GIBSON CUNHA; ALBANO, 2017, p. 64).

Sobre a representatividade negra, Kabengele Munanga (2020, p. 50) afirma que “consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer com a cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro”. Essa afirmação contempla o fato de que o orgulho da identidade quilombola é expresso também nos espaços virtuais, que são carregados de sentido, linguagem, dinamicidade e complexidade. Nessas plataformas, as identidades podem ser lidas sob óticas multimodais que fazem parte da dinâmica e adaptação dos sistemas.

Na subseção seguinte, aprofundo a discussão em torno das representações pictográficas (*emojis*) como ferramentas de representação e reafirmação identitárias.

1.4.1. *Emojis* negros: recursividade digital

No contexto desta discussão, os *emojis* no FB desempenham um papel discursivo que evoluiu ao longo do tempo, graças às mudanças nas interfaces da plataforma. Desde a sua criação, o FB tem aprimorado constantemente os recursos relacionados aos *emojis*. No que diz respeito ao tópico em questão, surgiram *emojis* com diferentes formas e cores. Inicialmente, esses recursos no FB eram todos representados na cor amarela, não havendo opção para selecionar diferentes tons de pele. Somente após uma atualização em 2016, a plataforma passou a oferecer *emojis* com diferentes tons de pele, permitindo que os usuários escolhessem aqueles que melhor representassem sua identidade.

Para realmente compreender o significado dos *emojis*, é essencial reconhecer a natureza dinâmica e complexa da linguagem, uma vez que eles não são simplesmente ilustrações sem significado; mas desencadeiam uma rede complexa de significados de maneira altamente criativa, como mencionado por Paiva (2015, p. 395): “os *emojis* não são meras ilustrações, mas sim agentes comunicativos que fazem emergir, de forma muito criativa, uma rede complexa de sentidos”.

Na era cibernética, a tecnologia nos permite acessar o mundo sem sair de casa, o que traz consigo uma transformação na maneira como as pessoas se expressam linguisticamente em suas práticas sociais. De acordo com Barton e Lee (2015), as práticas sociais nas quais a linguagem está inserida desempenham um papel crucial ao examinarmos a

linguagem *online*, especialmente devido às mudanças constantes nesse contexto.

É necessário compreender que os recursos digitais, como os *emojis*, surgem como produtos que emergem em ambientes virtuais à medida que os usuários os adotam em suas práticas sociais. É nessa perspectiva que Barton e Lee (2015) destacam a importância de compreender os usos reais dessas novas formas de linguagem em espaços virtuais, a fim de identificar os novos significados atribuídos a elas, pois “as pessoas criam e são criadas pelo seu ambiente” (BARTON; LEE, 2015, p. 45). Assim:

O que podemos observar na interação mediada pela tecnologia nos permite afirmar que novos comportamentos discursivos também emergem a partir da inter-relação entre as experiências, a interação social, os mecanismos cognitivos, os propiciamentos e as restrições tecnológicas. Um exemplo é o uso crescente da multimodalidade (PAIVA, 2015, p. 380).

A linguagem passa por um processo contínuo de transformação, o que implica em sua modificação à medida que os usuários interagem e conferem novos significados aos usos e contextos linguísticos. Um exemplo disso é o *emoji* que simboliza o choro (😭), frequentemente empregado para expressar sentimento de perda⁶. Portanto, não se pode subestimar o valor desses pictogramas, visto que eles carregam significados próprios e constituem uma forma de linguagem.

6 Significados (2020).

Outro exemplo dessa dinâmica é a utilização do coração negro (❤️), comum em muitos comentários da *live* produzida pelas mulheres quilombolas, cujo sentido original foi reconfigurado. Antes dos *emojis* existirem, o coração preto era utilizado da mesma maneira que o coração roxo é utilizado atualmente, visto que esse *emoji* é empregado para expressar dor ou perda. No entanto, quando utilizado em um contexto como na *live* das mulheres quilombolas, o coração preto é reinterpretado e adquire um significado ideológico racializado, para expressar sentimentos e ações relacionados à causa negra.

Durante a transmissão da *live*, identifiquei comentários de usuários que utilizaram *emojis* negros para marcar identidades raciais, posicionando-se em defesa da causa quilombola discutida. São exemplos de expressões de palmas negras (👏), punho cerrado negro (✊) e corações negros (❤️) representando de forma legítima e ideológica a posição preta/negra no ambiente digital. Essa discussão originou o trabalho intitulado “Posicionamento, Linguagem e Aquilombamento: *emojis* negros como ferramenta de Resistência no digital”, publicado no ano de 2023 pela revista Caminhos em Linguística Aplicada. Nesse trabalho, aprofundo, juntamente com o querido professor Dr. Valdir Silva (*In memoriam*), as questões relacionadas a existência e utilização dos *emojis* racializados em contextos digitais.

Nesse contexto, a postura em novas mídias, conforme abordada por Barton e Lee (2015), refere-se à forma como as pessoas se posicionam ao se expressarem em determi-

nadas situações ou ao se dirigirem a alguém. De acordo com os autores, a postura não é um fenômeno individual, mas sim colaborativo, envolvendo uma rede de pessoas que utilizam o FB. A fim de fornecer uma compreensão mais aprofundada desse conceito, os autores explicam que:

postura, em suma, se refere ao posicionamento das pessoas em relação a si mesmas, ao que é dito e a outras pessoas ou objetos[...] a postura é marcada por formas particulares de linguagem, mas também por outros recursos para a construção de significado [...] há três componentes principais – a pessoa que expressa a postura, o tema discutido e os recursos utilizados [...] (BARTON; LEE, 2015, p. 118).

Em outras palavras, ao considerar a *live* como um exemplo, a postura refere-se à maneira como um participante se percebe e é percebido pelos outros ao expressar um enunciado. Embora a postura se manifeste por meio de formas específicas de linguagem, ela ocorre em um ambiente público, o que significa que “a postura também é um ato público” (BARTON; LEE, 2015, p. 119). Nesse sentido, os participantes da *live* utilizaram os três principais elementos mencionados pelos autores para expressar suas opiniões, recorrendo a palavras e *emojis*.

De acordo com Paiva (2015), a relação entre os sujeitos que integram um sistema exerce uma influência direta sobre as práticas sociais de linguagem, tornando-as complexas. Isso se deve ao fato de que é a interação entre diversos sujeitos que gera significados, assim como a tecnologia que medeia

tais práticas. Nesse sentido, os comentários publicados em postagens podem transmitir sentimentos e ações autênticos, além de expressar ideias e ideais importantes, como a valorização da identidade negra e quilombola.

No que diz respeito a essas posições identitárias, Stuart Hall (1997) sustenta que as representações sociais resultantes das relações étnico-raciais têm o poder de produzir significados que refletem as identidades de um povo por meio de representações e marcadores sociais. Segundo o autor:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (HALL, 1997, p. 61).

Diante do exposto, compreendo que não é possível estabelecer conceitos fixos e imutáveis quando se trata de identidade. Em vez disso, devemos compreender as identidades no plural, que são construídas gradualmente por meio da diferença e das interações entre seres humanos, ou seja, são identidades em constante evolução. Nessa perspectiva, o uso de *emojis* negros para expressar posturas representa a afirmação de identidades negras por meio de recursos digitais que se consolidaram a partir de representações sociais individuais, expandindo-se para o coletivo. Nesse sentido, escolher a cor que se deseja utilizar para se auto-representar no ambiente

digital é uma escolha individual, uma vez que a plataforma do FB não possui algoritmos que identifiquem a cor do usuário, tampouco suas intenções.

A ação de selecionar as opções de cor de pele ao clicar, movimentando o cursor para encontrar a representação pictográfica mais adequada, manifesta uma afirmação da identidade negra que não apenas se revela na página, mas se estende ao mundo, considerando que o acesso é livre e a internet possui um alcance ilimitado. Assim, reforça-se a natureza dinâmica e aberta desse sistema, sujeito a mudanças de acordo com o uso e as interações dos usuários.

Nesse contexto digital, a comunicação não se limita ao texto escrito, mas também envolve o uso de representações imagéticas, que fortalecem essas posturas de resistência. Em outras palavras, a noção de aquilombamento digital ganha novos significados a partir do emprego de recursos digitais, como *emojis* e a própria espacialidade, e é por meio dessas práticas sociais de linguagem que se estabelece a ação de aquilombar. A seguir, apresento alguns exemplos ilustrativos.

Figura 1 - Posicionamento por meio de *emojis*



Fonte: Facebook, 2020.

Conforme afirmado por Paiva (2016), o FB é considerado um sistema adaptativo, pois está em constante processo de mudança, evolução e adaptação. De acordo com a autora, “o sistema aprende, muda, evolui e se adapta” (PAIVA, 2016, p. 68). Sendo um sistema dinâmico, o FB incorporou à sua interface uma funcionalidade que permite aos usuários escolherem os tons de pele pelos quais desejam ser representados, como resposta aos movimentos de apoio à diversidade. Essa funcionalidade possibilita o uso de marcadores de identidades raciais, estabelecendo uma conexão direta e indireta entre as cores relacionadas aos tons de pele negra e o usuário que reage, constituindo uma forma de expressão negra imageticamente instituída

A prática de expressão em um ambiente coletivo com interesses compartilhados está inserida no contexto do aquilombamento digital, que representa uma prática social que une e agrega pessoas. Nesse sentido, a noção de postura está intimamente ligada a essa dinâmica coletiva, uma vez que:

a postura não marca apenas como um indivíduo marca sua posição, mas também quais atos comunicativos alguém quer alcançar ao fazer isso, e como a marcação de postura promove a interação dentro de um contexto maior [...] esses atos de posicionamento multimodal-multilíngues, são geralmente autogerados no início e mais tarde se tornam colaborativos (BARTON; LEE, 2015, p. 121).

O contexto mencionado pelos autores pode ser facilmente associado à crescente ocorrência do aquilombamento digital. Pois, se considerar que essa ocorrência surge a partir da interação entre agentes, a ação de aquilombar revela-se como um processo sistêmico e complexo. Além de representar uma manifestação, ele é composto por diversas questões ideológicas, políticas e sociais que o constituem.

Conseqüentemente, as mulheres se unem e se agregam, característica também presente nos sistemas dinâmicos, como mencionado anteriormente. Essas mulheres estão unidas por questões ideológicas e sociais, e a agregação dessas participantes resulta em conseqüências para o sistema, como evidenciado pela *live* realizada pelas mulheres quilombolas e pela própria página do grupo no FB. Além disso, diversas outras manifestações decorrem das práticas sociais de linguagem, que ocorrem diariamente nos ambientes virtuais, uma vez que

os sujeitos produzem discursos em suas interações dentro do contexto social. Por fim, o resultado dessa união é a formação do que conceituo neste espaço, como aquilombamento digital.

Além de reconhecer os *emojis* como indicadores discursivos que revelam atitudes e identidades na prática de “aquilombar-se” no ambiente digital, surgiu outra questão a partir dos dados coletados: a distinção discursiva entre a utilização dos termos “negro” e “preto” pelos usuários e produtoras da *live*.

1.4.2. Os sentidos de “Negro” e “Preto”

Uma questão discursiva adicional que merece discussão é o uso dos termos “preto” e “negro” pelas mulheres durante a transmissão ao vivo, conforme observado nos dados coletados. O debate em torno dessas duas palavras é antigo e pode ser abordado a partir de diversos pontos de vista: como indivíduos de pele clara se referem a pessoas de pele escura, como indivíduos negros se autodenominam e como esses termos foram historicamente construídos. Grande parte das discussões sobre racismo e racismo linguístico baseia-se no uso desses dois termos. Nesse contexto, promovo uma breve discussão linguística sobre essas terminologias, destacando como as mulheres do grupo se referem a si próprias.

Durante um longo período, o termo “negro” foi empregado de forma pejorativa. Segundo Costa (2018), a questão linguística desempenha um papel relevante, já que nossa língua abriga expressões racistas como “lista negra”, “peste negra”, “fome

negra” e assim por diante. A autora argumenta que isso reflete o contexto histórico e ideológico construído ao longo do tempo. Portanto, ela defende que o termo “negro” deve ser adotado com orgulho pelos indivíduos negros, a fim de romper com a estigmatização que essa palavra carregou por tantos anos.

Corroborando a perspectiva da autora mencionada acima, um artigo publicado no site Estado de Minas (2020) aborda essa temática, trazendo o ponto de vista de diversos intelectuais negros, incluindo a escritora Conceição Evaristo. Durante a entrevista, Evaristo destacou:

Sou de uma geração que assistiu esse esvaziamento negativo da palavra negro. A palavra negro era usada sempre no sentido pejorativo. Quando queria atingir uma pessoa negra, o termo era usado. Houve um trabalho, uma autonomação da palavra negro para esvaziar o sentido negativo dessa palavra. Foi criada uma semântica de positividade (EVARISTO, 2020, *online*).

Martins e Cruz (2020) afirmam que a escritora Conceição Evaristo tem adotado o termo “preto” por influência das novas gerações, mas prefere o termo “negro”, pois, segundo ela “[.] é mais enfático por esse trabalho de criar um novo sentido, de rebater o sentido negativo da palavra e se afirmar como pessoa negra em todos os sentidos”.

Nessa perspectiva, Munanga (2020), respaldado pelos estudos de Césaire (1987), compartilha a visão de Conceição Evaristo ao abordar a questão da negritude que permeia esses termos. O autor propõe uma redefinição do conceito de

negritude com base em três palavras-chave: identidade, fidelidade e solidariedade.

Sob esse viés, trata-se de abraçar plenamente e com orgulho a condição de ser negro, afirmar com confiança o “ser negro”. A palavra é despojada de todas as conotações negativas que carregou no passado, transformando-se em uma fonte de orgulho para os indivíduos negros (MUNANGA, 2020).

Quanto ao uso dos termos preto e negro, Gabriel Nascimento (2020) afirma que os dois termos são problemáticos no imaginário coletivo. Para ele, tratam-se de dois signos/palavras distintos que estão em constante processo de ressignificação por suas constituições históricas. Nesse sentido, o autor aponta que as duas palavras estão cada vez mais incorporadas às redes sociais, e que “a palavra negro é uma invenção da modernidade e passou a ser usada com mais frequência” (NASCIMENTO, 2020, p. 41).

Ancorado nos estudos de Sansone (1997), Nascimento informa que “o termo negro é retomado em contraposição a preto, de maneira a positivar um lugar de negritude por meio do discurso” (NASCIMENTO, 2020, p. 42).

No nosso caso, ‘preto’ e ‘negro’ coexistem atualmente e dependem de uma variada gama de contextos discursivos. No caso de ‘preto’, ele também tem sido retomado como signo de ressignificação rumo a um devir-negro, que também ocorre no terreno na linguagem [...] se trata também de agir sobre o mundo e permitir que os sujeitos ajam sobre o mundo através dos seus falares [...] (NASCIMENTO, 2020, pp. 44-45).

A partir desses entendimentos sobre os usos dos dois termos, retorno à *live*, na qual é possível perceber a predominância do uso da palavra “negro(a)” de forma escrita em compartilhamentos para a divulgação e nos comentários interativos durante a transmissão ao vivo, sendo mencionada 58 vezes. Foi proferida verbalmente 48 vezes e 10 vezes de forma escrita. Já em relação ao termo “preto(a)”, presente no próprio nome do *Grupo de Mulheres Pretas* e também no tema da *live* - “Pretas e sua importância na construção dos quilombos”, apresentou menor incidência, ocorrendo 27 vezes. Sendo 18 vezes de forma verbalizada e 9 de forma escrita. Com base nesses dados, percebe-se que houve a utilização dos dois termos, ainda que “negro” tenha sobressaído em relação a “preto”.

Ainda com base nos dados retirados da *live*, percebi que há uma diferença na utilização dos termos de acordo com a faixa etária das participantes do evento, de modo que as mulheres de aparência mais jovem utilizaram predominantemente o termo “preta(o)”, enquanto as mulheres mais velhas utilizaram mais o termo “negra(o)”. Essa afirmativa retoma o que foi explicitado por Conceição Evaristo no começo da discussão desta seção, na qual a autora declara que utiliza o termo “preto(a)” influenciada pelas novas gerações, mas que ainda prefere utilizar o termo “negro(a)”.

Nessa direção, considerando tudo o que foi apresentado sobre essa temática, considero que o debate sobre os usos desses dois termos vem de muito tempo e não há como classificar uma maneira “correta” de utilizá-los, pois diversos grupos

têm visões diferentes sobre essas questões, fazendo-se necessário considerar o caráter linguístico do debate, ou seja, que todo signo é ideológico (Bakhtin, 1981). Desse modo, os dois termos são carregados de significância histórica, ideológica, cultural e política, e tanto “preto” quanto “negro” sofreram, sofrem e sofrerão ressignificações em pautas antirracistas socialmente instituídas.

Neste primeiro capítulo, procurei construir um percurso que levasse o leitor por uma empreitada epistemológica acerca dos movimentos quilombolas desde a sua gênese no período colonial, a fim de fazer compreender como as dinâmicas emergiram e emergem a partir dos quilombos em movimento, ou seja, das práticas sociais constitutivas dos coletivos que formam esse sistema, e com ele, seus subsistemas. Ou seja, as atividades realizadas no passado em consonância com o presente, culminaram no que tomo como universo desta pesquisa: a página de mulheres quilombolas no FB, fruto da prática do Aquilombamento Digital.

E como se pôde observar, as ações dos agentes (mulheres quilombolas) não são as únicas constantes nesses espaços, há também a emergência de outros fatores tão importantes quanto, que emergem à medida em que esses agentes se movem no sistema. Dito isso, exemplifico com as discussões das duas últimas seções do capítulo — o surgimento e uso dos *emojis* negros e a utilização dos dois termos “preto” e “negro” (anteriormente carregado de significados negativos), que foram ressignificados.

Essa discussão será pormenorizada no próximo capítulo, onde discuto as teorias fundamentais que compõem a aporte teórico deste texto e que são utilizadas na análise dos dados. Além disso, apresento a relação entre a Linguística Aplicada e a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos.

COMPLEXIDADE, LINGUAGEM E INTERAÇÃO

Considerando as informações apresentadas na introdução deste texto, reitero a importância de abordar a temática quilombola e suas práticas contemporâneas no âmbito digital, a fim de destacar suas posições e identidades através da linguagem. Tal abordagem é de grande relevância para a Linguística Aplicada (LA), pois amplia o espaço de debate sobre questões relacionadas às populações marginalizadas.

A LA, por ser transdisciplinar, estabelece conexões com outras áreas do conhecimento que dialogam com seus princípios teóricos. Nesse sentido, recorro à Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC) para elucidar o funcionamento do espaço ocupado pelas mulheres quilombolas durante a prática do aquilombamento digital. Esse espaço é caracterizado pela dinamicidade, abertura e imprevisibilidade, uma vez que é ocupado por indivíduos e suas subjetividades.

Nos próximos tópicos, serão apresentados o caráter inter/transdisciplinar da LA, seguido de uma explicação sobre a Teoria da Complexidade, desde sua origem até o

referencial atual: a TSDC. Além disso, será descrita a relação entre complexidade e linguagem e, por fim, será analisado o quilombo como um sistema dinâmico complexo desde seu surgimento.

2.1. LINGÜÍSTICA APLICADA: FOCO NAS MINORIAS, OU MAIORIAS TRATADAS COMO MINORIAS⁷

A Linguística Aplicada (LA) oferece ferramentas que permitem ao linguista realizar pesquisas científicas sob diferentes perspectivas e a partir de temas transversais, por meio de abordagens inter e transdisciplinares. Segundo Pennycook (2006), esse conceito é visto como uma “prática pós-moderna problematizadora” e uma maneira de garantir a “relevância social” da ciência na LA. Assim, a LA expandiu seus interesses, deixando de se restringir principalmente a questões educacionais, como a Aquisição de Segunda Língua (ASL) e os Estudos da Tradução — campos de estudo que também são de extrema importância para as práticas linguísticas e educacionais.

No entanto, tornou-se necessário refletir e teorizar fenômenos das ciências sociais e humanidades que abordam questões relacionadas à natureza do sujeito social, ao contexto histórico e ideológico, não apenas no âmbito das práticas linguísticas, mas também nas práticas sociais (MOITA LOPES,

7 (CAVALCANTI, 2006).

2006). Surgindo, assim, um “um novo conjunto de questões e interesses, tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade[...] questões que até então não haviam sido consideradas como de interesse em LA” (PENNYCOOK, 2006, p. 68).

Nesse sentido, a abordagem problematizadora adotada pelos estudiosos da LA não se limita a teorizar conceitos restritos a uma única área, mas transcende fronteiras ao enfocar e amplificar as vozes dos sujeitos que são considerados invisibilizados. Segundo Moita Lopes (2006, p. 18), “os interesses da LA vão além da educação linguística e focalizam práticas linguísticas” e sociais, tornando-se “transgressores” (PENNYCOOK, 2006), “críticos e emancipatórios” (RAJAGOPALAN, 2003), além de serem “contemporâneos e indisciplinados” (MOITA LOPES, 2006). Esses conceitos são relevantes para esta pesquisa, pois enfocam a língua como prática linguística e social, levando em consideração os contextos, as experiências e, principalmente, a dimensão política. É uma nova forma de abordar temas interdisciplinares, transdisciplinares e multiculturais que abarcam áreas que se complementam, como a TSDC.

Dessa maneira, abordar e refletir acerca de temas étnico-raciais, além de ser um ato político, social e cultural, reitera o fazer ciência em LA, pois visa os estudos da linguagem como meio de verificação das questões identitárias através de posicionamentos discursivos, isto é, um contributo com os estudos em práticas sociais e discursivas que se aportam na LA como uma nova base de temas transversais, entre os quais estão

as minorias consideradas marginalizadas. “A LA é uma ciência social, já que seu foco é em problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso no contexto social [...]” (MOITA LOPES, 1996, p. 20).

Com base nessa discussão e na compreensão de que a Linguística Aplicada (LA) engloba postulados que vão além das práticas linguísticas, abarcando questões sociais, políticas e ideológicas, com foco nos sujeitos marginalizados — que, no caso dos negros e quilombolas, representam 54% da população brasileira — é necessário compreender e divulgar que se trata de uma maioria colocada socialmente como minoria.

Diante desse contexto, Gomes (2015) afirma que, devido ao passado de escravidão, os povos quilombolas asseguraram sua existência desde o século XVI, quando fugiam dos senhores de escravos e estabeleciam acampamentos para viverem em liberdade. Desde então, a luta quilombola tem sido constante, pois, apesar dos avanços ocorridos desde o século XVI, a sociedade ainda carrega preconceitos em suas esferas sociais, institucionais, estruturais e culturais. Essas questões são agravadas pela interseccionalidade, pois envolvem mulheres negras quilombolas.

Historicamente, para superar as dificuldades provocadas pelo abandono ou pela presença repressora do Estado, a população negra se vê na obrigação de criar alternativas de enfrentamento. Nesse cenário, as mulheres quilombolas assumem a postura de grandes protagonistas em defesa dos direitos coletivos constantemente violados, sendo aguerridas nesse propósito. Em muitos casos,

essas mulheres têm de enfrentar graves violências interpessoais, sejam em espaços domésticos ou públicos (MENDES, 2020, p. 60).

Nesse contexto, percebo que o grupo de mulheres negras que compõe a página é constituído por indivíduos que enfrentam uma dupla marginalização, uma vez que são mulheres negras e pertencem às comunidades ribeirinhas de remanescentes quilombolas. Prosseguindo com a análise embasada nos princípios teóricos que fundamentam esta pesquisa, apresento a seguir a Teoria da Complexidade e sua atualização para a denominação utilizada neste estudo: TSDC.

2.2. TEORIA DA COMPLEXIDADE E O USO DA DENOMINAÇÃO SDC

É importante ressaltar, nesse primeiro momento, que a TC pode ser categorizada como uma **metateoria**, que, segundo Colom (2004), refere-se a elementos formais e conceituais do pensamento e reflexão sobre determinada teoria. Trata-se do “mundo da problematização e se correlaciona às teorias da segunda esfera, formulando-as e questionando-as” (SEBA, 2020, p. 16).

A TC tem passado por evoluções e atualizações de acordo com as concepções epistemológicas que a acompanham. Portanto, apresentarei alguns conceitos relacionados a essa área do conhecimento desde a sua origem até chegar

aos fundamentos que embasam este trabalho. É importante ressaltar, nesse momento inicial, que a TC pode ser classificada como uma metateoria, que, conforme Colom (2004) refere-se a elementos formais e conceituais do pensamento e reflexão sobre determinada teoria. Trata-se do “mundo da problematização e se correlaciona às teorias da segunda esfera, formulando-as e questionando-as” (SEBA, 2020, p. 16).

Na obra *Complexity Theory and Language Development: In celebration of Diane Larsen-Freeman* (2017), Larsen-Freeman destaca a relevância de considerar a TC como uma metateoria. Para reforçar sua argumentação, a autora baseia-se na compreensão de Overton (2007) sobre a metateoria, que a define como:

[...] um conjunto coerente de princípios interligados que descrevem e prescrevem o que é significativo e sem sentido, aceitável e inaceitável, central e periférico, como teoria - os meios da exploração conceitual - e como método - os meios de exploração observacional - o contexto no qual os conceitos teóricos e metodológicos são construídos. Teorias e métodos referem-se diretamente ao mundo empírico, enquanto as metateorias referem-se às próprias teorias e métodos (OVERTON, 2007, p.154 apud LARSEN-FREEMAN, 2017, p. 30).

Conforme a visão de Overton, as metateorias desempenham um papel crucial ao possibilitar uma reflexão crítica que mobiliza conceitos teóricos já estabelecidos, contribuindo para ampliar a compreensão de determinada teoria, conceito ou método. De acordo com Larsen-Freeman (2017), a aplicação das metateorias pode alterar paradigmas, dependendo do

contexto em que são utilizadas, uma vez que essa abordagem proporciona uma visão mais abrangente, inclusive identificando possíveis lacunas nas formulações das teorias já consolidadas.

Neste trabalho, utilizo os postulados da TSDC como uma metateoria nos estudos da linguagem, com o objetivo de compreender o ambiente digital como um sistema dinâmico complexo. Assim, afasto-me do enfoque na ASL, mantendo, no entanto, a perspectiva linguística. Essa abordagem de pesquisa é possível devido à própria natureza metateórica da TSDC. Dessa forma, concentro-me não apenas nas questões relacionadas ao caos e à complexidade, mas também na análise do ambiente digital como um sistema dinâmico com características e funcionamentos próprios.

Ao compreender a TSDC como uma metateoria e sua implicação para o trabalho na área da LA, torna-se necessário conhecer a origem dessa teoria versátil, que está presente em diversos campos do conhecimento, incluindo os estudos linguísticos, mais especificamente na LA. De acordo com Martins e Braga (2007), a Teoria do Caos ou da Complexidade surgiu no meio do século XX, inicialmente nas ciências naturais, e foi amplamente dominada pela matemática Euclidiana, que ignorava aspectos sociais como a não-linearidade e a complexidade que sempre estiveram presentes nas interações humanas no mundo.

Atualmente, os estudos sobre complexidade abrangem diversas áreas do conhecimento, buscando novas maneiras

de compreender as relações do mundo, dos seres humanos e dos mais diversos sistemas. É uma abordagem mais clara para compreender fenômenos que não podem ser explicados pela lógica reducionista e metódica, como ressalta Franco (2013). Há muitos sistemas considerados caóticos, nos quais várias áreas se baseiam. Larsen-Freeman e Cameron (2008) mencionam teóricos de demais áreas que adotaram o paradigma complexo como objeto de pesquisa desde a década de 70, conforme pode ser observado a seguir:

- Matemática: a dinâmica não-linear de Henri Poincaré (1880), a cibernética de John von Neumann e Norbert Wiener (1940), a teoria da catástrofe de René Thom (1960);
- Biologia: a embriologia genética de Conrad Waddington (1940), a teoria geral dos sistemas de von Bertalanffy (1950) e a teoria da autopoiese de Humberto Maturana e Francisco Varela (1970);
- Meteorologia: a teoria do caos de Edward Lorenz (1960);
- Química: a teoria das estruturas dissipativas (com foco na auto-organização e irreversibilidade) de Ilya Prigogine (1970) – prêmio Nobel de Química em 1977;
- Ciências Cognitivas e Neurociência: a sinérgica de J. A. Scott Kelso e Hermann Haken (1980) e as redes neurais de Timothy van Gelder e Robert F. Port (1990);

- Estudos Multidisciplinares: pesquisas teóricas-aplicadas em sistemas adaptativos complexos do Instituto Santa Fé no Novo México, Estados Unidos (1980).

Além das áreas e teóricos citados acima, Borges e Silva (2016) destacam também o modelo atômico de Bohr (1913), o princípio da incerteza de Heisenberg (1927), a geometria fractal de Mandelbrot (1975), a teoria da transdisciplinaridade de Basarab Nicolescu (1996) e o paradigma da complexidade de Edgar Morin (1980). Com base nessas informações, é possível perceber a versatilidade da Teoria da Complexidade.

Diante desses apontamentos, KE (2004) pontua que Roman Jakobson fez referência a alguns teóricos que abordavam a complexidade em 1960, entendendo a linguagem humana como um sistema “autodirigido” ou “teleonômico”. Apesar dessa referência ao pensamento complexo, ele só foi relacionado à linguística a partir da década de 80.

A ciência clássica — pensamento dominante — descartava os contextos sociais, as complexidades e a subjetividade que permeiam as relações humanas, bem como demais elementos complexos que nos formam como indivíduos por não serem da ordem da certeza. Tal exclusão era motivada pela crença de que esses aspectos poderiam interferir nos resultados dos estudos. Entretanto, surgiu a necessidade de se pensar nos elementos que eram descartados. Nesse sentido, “a perspectiva complexa resgata o que era considerado ruído e acrescenta

que atualmente o ‘ruído’ pode ser significativo e fundamental para o fomento de novas interpretações” (SEBA, 2020, p. 11).

Em vista disso, o panorama atual da complexidade em relação aos estudos da linguagem, mais especificamente à LA, é de ascensão. Muitos estudiosos da linguagem têm ancorado suas pesquisas nessa perspectiva, dentre eles a pesquisadora norte-americana Larsen-Freeman (1997), que estabeleceu um método que consegue explicar o processo de aquisição de uma segunda língua sob o viés complexo.

Conforme salientam Borges e Silva (2016), a partir da publicação do artigo “Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition” no ano de 1997, de autoria de Larsen-Freeman, muitas inquietações surgiram e ainda surgem no campo dos estudos da linguagem sob a ótica da complexidade. Dessa forma, as nomenclaturas adotadas para se referir às diferentes vertentes em que o pensamento complexo é abordado não apresentam fixidez em sua aplicação. Desde o seu nascimento, conforme apresentamos neste capítulo, o pensamento complexo passou por diversos redimensionamentos, como a expansão de suas categorias, outrora nascidas e aplicadas nas ciências exatas, sendo introduzidas aos estudos da linguagem, estudos sociais, etc., e, por conseguinte, às mudanças nas suas denominações.

Atualmente, o movimento que referimos como ‘pensamento complexo’ é mais comumente chamado de ciência da complexidade, um termo que foi adotado no final do século 20 para substituir ‘teoria da complexidade’. As razões para a

mudança de ‘teoria’ para ‘ciência’ girou em torno do desejo de representar a pesquisa complexa como uma abordagem acadêmica e rigorosa para a investigação (DAVIS; SUMARA, 2006, p.34 *apud* BORGES; SILVA, 2016, p. 04).

Ainda que no final do século XX a nomenclatura “Teoria da Complexidade” tenha dado lugar à “Ciência da Complexidade”, como apontam Davis e Sumara (2006), muitas foram as denominações que emergiram a partir disso em diferentes contextos. Corroborando o supracitado, Borges e Silva (2016) afirmam que qualquer área científica pode escolher qual nomenclatura utilizar a partir do significado que um determinado conceito representa no contexto de uso. Daí pode resultar a explicação para tantos termos diferentes sobre a complexidade.

Para compreender a denominação que adotamos neste trabalho, é pertinente entender a definição de complexidade elaborada por Larsen-Freeman (1997), principal expoente desse tema na área de Linguística Aplicada. Para ela, a ciência da complexidade pode ser entendida como o estudo dos fenômenos que emergem das inter-relações entre os agentes que compõem um sistema. Nessa direção, Paiva (2016) aborda a complexidade como um conjunto de teorias que nos permite enxergar fenômenos sob diversas perspectivas, percebendo a realidade de uma situação a partir de diferentes aspectos.

Nesse sentido, utilizo neste trabalho a nomenclatura Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos, por ser a mesma utilizada por Larsen-Freeman (1997, 2017), que antes utilizava o termo “Ciência do Caos/Complexidade”. Desse modo Seba

(2020) salienta que o termo TSDC configura-se como mais amplo e completo para compreender os sistemas de comportamento complexo.

Sob essa perspectiva, a complexidade abarca uma variedade de nomenclaturas que se dão a partir de áreas distintas, sendo comum haver confusão em relação aos termos e às áreas do conhecimento que utilizam seus postulados dentro de seus estudos. Tais postulados teóricos se inter-relacionam de alguma forma, uma vez que partem de uma mesma concepção teórica, ainda que para finalidades distintas (RESENDE, 2009).

Sobre essa questão, Seba (2020) aponta o fato de que nenhuma dessas teorias foi designada originalmente com a finalidade de ser aplicada aos estudos da linguagem, mas sim por apresentar postulados transdisciplinares. De modo semelhante, Paiva (2016) pontua que usamos a TSDC como metáfora na linguística e na linguística aplicada, para explicar fenômenos da língua(gem).

A partir dessa definição, é necessário perceber que, por seguir o princípio da incerteza, esse sistema não apresenta linearidade, pois é dinâmico, adaptativo, auto-organizável, aberto e sujeito a mudanças à medida em que os agentes (seres que se movem no sistema), interagem entre si, gerando uma rede heterogênea de ações. Nesse sentido, Paiva, 2005, p. 1) informa que “a língua(gem) como um sistema dinâmico e complexo é um amalgamento de processos biocognitivos,

sócio-históricos e político-culturais, constituindo-se em uma ferramenta que nos permite refletir e agir na sociedade”.

Dessa discussão, é necessário explicar o conceito de sistema que perpassa esta reflexão. Ainda que as definições de “sistema” sejam diversas para as diferentes áreas, no âmbito desta pesquisa, o conceito mobilizado é formulado por Edgar Morin. Ele define que sistema é o que “exprime a unidade complexa e o caráter fenomenal do todo, assim como o complexo das relações entre o todo e as partes” (MORIN, 2002, p. 265). Fundamentalmente, o sistema não é formado pelas partes que o integram, mas sim pela maneira como essas partes se inter-relacionam e interagem dentro dele.

Larsen-Freeman (2017) entende os sistemas complexos como lugares de movência, onde nada é estático ou pré-estabelecido. Para ela, a teoria “oferece uma estrutura conceitual para informar a maneira como investigamos e entendemos a natureza e o mundo em que vivemos” (LARSEN-FREEMAN, 2017, p. 12). Partindo desses pressupostos, a teoria da complexidade apresenta dinamicidade, pois é utilizada para explicar os mais diversos fenômenos que circundam o mundo em que vivemos, cuja “visão sistêmica se instala nos postulados complexos fazendo com que as práticas sociais passem a ser vistas de maneira mais global e funcional” (LEMES, 2019, p. 11).

Com base nas questões mencionadas, percebo que a complexidade foi incorporada aos estudos da linguagem, principalmente para explicar a ASL, formulada por Larsen-Freeman

(1997). No entanto, ao compreender seu caráter transdisciplinar, nota-se que ela pode explicar qualquer sistema que seja dinâmico, ou seja, aberto e diversificado. Nesse ponto, importa observar ainda o quanto a TSDC se alinha com a LA, uma vez que “a Linguística Aplicada [...] é transdisciplinar por natureza, e sempre trabalhamos com o apoio de outras áreas como a educação, a sociologia e a psicologia, dentre outras” (PAIVA, 2016, p. 402).

Diante de toda essa discussão, utilizo os conceitos dos Sistemas Dinâmicos para explicar o funcionamento da *live* no FB como prática de aquilombamento, bem como para explicar o quilombo, desde a sua gênese como um sistema complexo que evoluiu, organizou e adaptou até as formações quilombolas atuais. Na subseção a seguir, descrevo algumas propriedades dos SDC adotados na análise e a relação dessas categorias com as práticas sociais de linguagem.

2.3. CATEGORIAS DOS SISTEMAS DINÂMICOS COMPLEXOS AQUI MOBILIZADAS

De acordo com Paiva (2019), a TSDC representa um novo paradigma que exerce um impacto positivo na condução da ciência, uma vez que contribui para a compreensão de diversos fenômenos em diferentes esferas. Seba (2020), complementando essa perspectiva, destaca que a TSDC possui um caráter inter/transdisciplinar, conforme proposto por Larsen-Freeman (1997), o que abre precedentes para a utilização dos conceitos da teoria da complexidade como metáforas na área da LA, a fim de explicar fenômenos sem desviar o foco linguístico. Portanto, os estudos realizados na área da LA abrem espaço para discussões cada vez mais relevantes e pertinentes à sociedade.

Nesse contexto, Paiva (2009) aponta para a conexão existente entre Complexidade e Língua(gem), uma vez que ambos escapam da linearidade, adaptando-se e inserindo-se nos domínios políticos, sociais, culturais e biológicos, possibilitando a interação do ser humano com a sociedade. Segundo Moita Lopes (2006), as discussões sociais sobre as práticas linguísticas relacionadas à Linguística Aplicada (LA) abrem caminho para um diálogo essencial com outras áreas do conhecimento.

Desse modo, a complexidade engloba conceitos e categorias fundamentais para a compreensão do funcionamento de um sistema específico. Conforme informado por Waldrop (1992), os sistemas complexos operam por meio das interações

entre seus componentes, não seguindo um único padrão, uma vez que apresentam características e ações imprevisíveis.

Conforme mencionado por Paiva (2006, p. 91), “um sistema complexo não é um estado, mas sim um processo, no qual cada componente do sistema está inserido em um ambiente resultante da interação entre suas partes”. Nessa mesma linha de raciocínio, Lemes (2019) acrescenta que os sistemas dinâmicos complexos possuem propriedades que se subdividem em partes e todo. Essas partes, chamadas de agentes, interagem entre si, gerando efeitos que afetam a estrutura do sistema em escala global. Conforme destaca Page (2015, p. 12), “sistemas complexos consistem de atores diversos que se adaptam e interagem com seus vizinhos por meio de conexões de redes. Essas interações produzem resultados agregados”.

Holland (1999) define os Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC) como entidades capazes de se autoconfigurarem e se adaptarem às condições dos processos ou ambientes em que seus agentes estão inseridos, ou seja, as partes que compõem o sistema. Segundo ele, os agentes desempenham um papel fundamental no funcionamento do sistema como um todo. Dessa forma, um sistema é considerado complexo quando “a coerência e a persistência dependem de numerosas interações, agregação e adaptação de vários agentes” (HOLLAND, 1999, p. 27).

Nessa mesma linha de pensamento, Morin (2011) destaca que as ações realizadas pelos agentes, que são partes constituintes de um sistema, exercem influência sobre o todo,

que, por sua vez, influencia as partes, estabelecendo assim um processo de inter-relação e interdependência.

Entende-se, então, que, o comportamento dos sistemas complexos emerge da interação de seus componentes de forma coletiva e não resulta de nenhum componente agindo de forma isolada. Fica explícito, então, uma característica predominante nos SDC que é a produção de efeitos a partir da interação dos agentes, ou seja, emergência. Toda essa produção se dá pela coletividade e nunca ocorre de forma isolada, já que a interação entre os agentes é constante (LEMES, 2019, p. 13).

Sichman (2015) concorda com a discussão ao apontar a complexidade que permeia os sistemas sociais, uma vez que são compostos por uma grande diversidade de indivíduos que interagem uns com os outros de maneiras distintas. Cada interação ocorre em contextos próprios e apresenta regras variadas. Para fins de compreensão do funcionamento de um sistema dinâmico complexo (SDC), utilizamos algumas categorias que o compõem. É importante ressaltar que, nesta seção, abordo somente as categorias utilizadas nesta pesquisa.

Dentre as categorias utilizadas, estão aquelas formuladas por Holland (1997), que tratam dos conceitos de agregação, emergência e imprevisibilidade.

2.3.1. Agregação

Segundo Holland (1997), a agregação nos estudos sobre Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC) pode ocorrer de duas maneiras distintas. A primeira ocorre por meio de

similaridades, em que os elementos ou agentes se agregam e se tornam equivalentes. Neste trabalho, por exemplo, utilizo o termo “sujeitos” para referir-me aos agentes que compõem o sistema, considerando a página do grupo de mulheres quilombolas e a *live* realizada por elas como sistemas, e os participantes como sujeitos (agentes).

A segunda definição de agregação apresentada pelo autor assemelha-se à primeira, porém, “está relacionada à emergência de comportamentos complexos em grande escala, a partir das interações agregadas de agentes menos complexos” (HOLLAND, 1997, p. 34). Com base nesse pressuposto, Seba (2020) destaca que a agregação está ligada à emergência de comportamentos complexos em escala global, e é por meio dessa interação que os agentes se adaptam de forma coletiva. Conforme afirmado por Seba (2020, p. 22), “quando os agentes se agregam, eles buscam benefícios em prol do coletivo, realizando atividades que seriam impossíveis de serem executadas individualmente”.

A partir da percepção do que a agregação representa dentro de um SDC, é possível perceber a relação que se estabelece com outra categoria apresentada por Holland (1997): a emergência.

2.3.2. Emergência

A emergência está intrinsecamente ligada à interação dos diversos agentes que compõem um sistema complexo,

e não pode ser analisada de forma isolada. Nesse sentido, trago novamente o contexto dessa análise para a discussão, a fim de estabelecer uma clara relação por meio da contextualização. É como se todos os participantes da *live* tivessem contribuído de alguma forma - por exemplo, por meio de comentários e compartilhamentos, gerando interações. Seba (2020) destaca que esse resultado é uma consequência que emerge em uma determinada fase do sistema, ou como Morin (1977) enfatiza, o todo é mais do que a soma das partes.

Nessa perspectiva, Rand (2015) aponta que os agentes de um sistema possuem suas próprias propriedades e agem de acordo com seus interesses individuais. No entanto, é importante ressaltar que esses interesses individuais não podem ser analisados de forma isolada. É somente por meio da interação coletiva que essa análise se torna viável. Em outras palavras, é a coletividade dos agentes que impulsiona o sistema, e é a partir desse movimento que emerge a complexidade do sistema.

2.3.3. Imprevisibilidade

Uma outra característica dos Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC), conforme apontada por Holland (1997), é a imprevisibilidade. Se todos os agentes que compõem um sistema complexo fossem lineares, ou seja, apresentassem as mesmas características, poderíamos afirmar que o sistema seria linear. No entanto, devido à heterogeneidade das partes que formam o todo, os sistemas estão sujeitos à imprevisibilidade, o que

os torna não-lineares. Conforme destaca Seba (2020, p. 25), “a imprevisibilidade é um efeito da ordem não-linear que define a dinâmica do sistema. Ela emerge da relação heterogênea dos agentes durante os fluxos de interação”.

Além das três categorias propostas por Holland, também utilizo as categorias formuladas por Larsen-Freeman (1997). Segundo a autora, os sistemas complexos apresentam dinamicidade, sensibilidade às condições iniciais, auto-organização, adaptação e atratores.

2.3.4. Dinamicidade

Os sistemas complexos são caracterizados por sua natureza aberta e dinâmica, o que implica em sua constante movimentação e modificação em resposta às interações e movimentos dos agentes envolvidos (SICHTMAN, 2015). Em um sistema dinâmico complexo, a dinamicidade é marcada pela capacidade contínua de adaptação e transformação do sistema diante das interações e movimentos dos agentes que o compõem. Essa dinamicidade decorre da própria abertura do sistema, que permite a entrada de novas informações e influências externas, e da complexidade intrínseca ao sistema, que envolve múltiplas interações e conexões entre seus componentes. Dessa maneira, um sistema dinâmico complexo se caracteriza por comportar-se de forma imprevisível e não-linear, o que dificulta sua completa previsão e controle.

2.3.5. Sensibilidade às condições iniciais

Lorenz (1996) salientou que os sistemas dinâmicos são hipersensíveis às condições iniciais, devido à possibilidade de pequenas alterações causarem consequências inesperadas no sistema. Holland (1997, p. 45) complementa a ideia afirmando que “pequenas mudanças nas condições iniciais podem causar grandes alterações no comportamento global de longo prazo”. Rand (2015) explica que as condições iniciais são pontos de partida próximos uns dos outros, porém seguindo rotas diferentes, podendo causar pequenas ou grandes alterações nos rumos de um SDC. Nesse ponto, ressalto que essas condições não estão necessariamente ligadas à criação de algo, mas que em determinada fase do sistema pode ocorrer uma ação que desencadeie outras a partir dela.

2.3.6. Auto-organização

Uma das características que define os SDCs é sua capacidade de auto-organização, a qual se evidencia ao longo da evolução do sistema. Essa habilidade possibilita a consecução dos objetivos almejados por tais sistemas (LEMES, 2020).

Conforme ressalta Lorenz (1996), a ordem de um sistema emerge a partir da desordem. Nesse sentido, a dinâmica de um sistema é intrinsecamente incontrolável, uma vez que uma situação inicial de “desordem que, por seu turno, fará emergir uma nova ordem” (SILVA, 2008, p.32). Sem esse

processo dinâmico, que garante a existência do sistema, ele corre o risco de se fragilizar e desaparecer, uma vez que tais processos constituem parte integrante da movimentação e da vitalidade do sistema.

2.3.7. Adaptação

A adaptação ocorre devido o processo de auto-organização do sistema, no qual os elementos e agentes que o constituem tendem a se ajustar. Ao passo que o sistema se modifica, ele aprende e se adapta. Esse mecanismo pode ser observado dentro do próprio sistema do FB. Um exemplo notável dessa dinâmica foi a necessidade de incluir *emojis* que representassem a diversidade de tons de pele, o que impulsionou o sistema a se auto-organizar. Como resultado, ocorreu um processo de adaptação por parte dos agentes envolvidos. Esse avanço é significativo para promover a inclusão e a representatividade, especialmente no contexto do movimento negro.

A representatividade desempenha um papel extremamente importante ao fazer com que as pessoas se sintam incluídas e valorizadas. A inclusão dos *emojis* com diferentes tons de pele contribui para reconhecer a diversidade existente na sociedade e combater o persistente racismo estrutural.

Essa iniciativa do FB também contribui para normalizar a representação de pessoas negras na mídia e na cultura popular, algo fundamental para combater o racismo e promover a igualdade racial. Portanto, a inclusão dos *emojis*

com diferentes tons de pele representa um passo importante na luta contra o preconceito racial e na promoção da diversidade e inclusão.

2.3.8. Atratores

O caminho pelo qual um SDC evolui é chamado de atrator. Trata-se de uma região no estado de fase para a qual todo o sistema tende a se mover (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Nesse sentido, pode-se considerar que a *live* produzida pelas mulheres configura-se como um atrator, uma vez que é em torno dela que todos os participantes se reúnem, assistem e comentam.

As informações mencionadas nesta seção mostram que as categorias apresentadas são de extrema importância para o funcionamento de um SDC, pois a partir do desenvolvimento delas em conjunto é que o sistema funciona. Além desses conceitos, a análise também apresenta os conceitos de interação, como citado anteriormente, que trata da relação entre os sujeitos (agentes), e ainda, o processo de iteração, que indica o ato de repetição de determinada ação dentro do sistema.

A fim de fazer compreender como essas categorias se organizam na prática, na seção seguinte apresento o quilombo em funcionamento como um sistema dinâmico complexo.

2.4. O QUILOMBO COMO UM SISTEMA DINÂMICO COMPLEXO

Após as caravanas portuguesas invadirem a América do Sul, milhões de homens e mulheres foram sequestrados da África para trabalharem como escravos no Brasil-Colônia. De acordo com dados⁸ levantados por pesquisadores de universidades do Brasil, Estados Unidos e Inglaterra, sabe-se que Portugal transportou 5,8 milhões de pessoas escravizadas⁹ para o território brasileiro, as quais “foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental (MUNANGA, 2020, p. 20).

Nesse contexto, Souza (2008) declara que o processo histórico marca um *continuum* de resistência que atravessa a história do Brasil, tendo em vista que os primeiros africanos escravizados chegaram à colônia em 1554, somando 316 anos de “tráfico negreiro”, o que representa 63% do tempo de vida do país desde a sua “descoberta”. São mais de 300 anos de escravidão em que povos africanos foram dizimados e a população que sobreviveu foi:

Submetida a péssimas condições de vida e maus-tratos, a população escrava não se reproduzia na mesma proporção da população livre. Era alto o

8 Disponível em: www.slavevoyages.org.

9 Por meio do site Correio Nagô (<https://correionago.com.br/africa-brasil-numero-de-escravizados-e-quase-odobre-do-estimado/>), tive acesso à informação da pesquisa realizada pelos pesquisadores brasileiros, americanos e ingleses que apontam o número exato de escravizados para o Brasil.

índice de mortalidade infantil e baixíssima a expectativa de vida. Além dos que morriam, o tráfico repunha os que saíam do sistema através da alforria ou da fuga para os quilombos (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 40).

A herança do direito romano permitiu que a Coroa portuguesa lançasse ordenações que classificavam os africanos (e os índios) como coisas, como propriedade móvel, cuja transmissão de posição social era estabelecida pela mãe (de acordo com o princípio *partus sequitur uetrem*) que negava ao escravo qualquer condição humana (*seruus personam non habet*)' (FERNANDES, 1970, p. 279).

Conforme Salles (1971), antes de investir excessivamente no tráfico africano, a mão de obra indígena também era escravizada. Os nativos da terra que foram submetidos a trabalhos forçados eram chamados de “negros da terra”. Enquanto os africanos escravizados eram chamados de “negros da Guiné”. No entanto, vários fatores contribuíram para que a preferência por mão de obra escrava africana prevalecesse. Muitos indígenas morreram em decorrência de epidemias e muitos outros escaparam para territórios que só eles conheciam, a fim de fugir do regime imposto. Ainda assim, os indígenas foram escravizados por muito tempo, antes que o tráfico de africanos se tornasse intenso.

Na ideia dos europeus, o tráfico era justificado como instrumento da missão evangelizadora dos infieis africanos. O padre Antônio Vieira considerava o tráfico um ‘grande milagre’ de Nossa Senhora do Rosário, pois retirados da África pagã, os negros teriam chances de salvação da almana Brasil católico. No século XVIII, o conceito de civilização complementar a justificativa religiosa do tráfico atlântico

ao introduzir a ideia de que se tratava de uma cruzada contra as supostas barbárie e selvageria africanas (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 41).

Gomes (2015) relata que os negros escravizados eram provenientes de diversas partes do continente africano, como da Alta Guiné e da Senegâmbia, bem como de impérios e reinos, tais como Daomé, Oyo, Ndongo, Ketu, Matamba, além de cidades como Uidá e Luanda nas áreas ocidentais e centrais africanas. Apesar da pluralidade de suas origens, foram todos categorizados como um povo só: africanos. Assim, suas histórias, línguas, culturas e religiões dos negros foram-lhes arrancadas. Conforme Gomes (2015, p. 8), “entre os escravizados havia reis, príncipes, rainhas, guerreiros, princesas, sacerdotes, artistas, mercadores urbanos, conhecedores de metalurgia e pastoreio”.

Albuquerque e Filho (2006) informam que muitos escravizados morriam durante a travessia do Atlântico. Contudo, aqueles que conseguiam chegar percebiam que sobreviver seria uma luta. Eles teriam que conviver com traumas, ausência de amigos e familiares, cultura e qualquer resquício de dignidade, além de conviver com a ideia de que teriam que se submeter a um senhorio. Ao serem tratados como mercadorias, poderiam ser vendidos, trocados, doados ou leiloados para desempenharem as mais diversas funções. O regime escravo perdurou por mais de trezentos anos, isso significa que “a maior parte da riqueza produzida, consumida no Brasil ou exportada foi fruto da exploração do trabalho escravo” (2006, p. 65). Desse modo, “os quilombos resultaram dessa exigência vital dos

africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre” (NASCIMENTO, 1980, p. 209).

Apesar da insistência do senhorio escravocrata em tornar os negros pessoas submissas ao regime imposto, fazendo deles “vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (MUNANGA, 2020, p. 19), como forma de aniquilar qualquer traço de identidade negra proveniente de sua ancestralidade. Muitos escravizados não aceitavam os tratamentos desumanos impostos a eles, desse modo, ocorriam as fugas, pois, “os agentes oprimidos pela colonialidade e a partir da colonialidade também atuaram e não se mantiveram passivos” (NASCIMENTO, 2019, p. 23).

Ao contrário do que se prega no imaginário popular, reforçado por leituras como a de Gilberto Freire na obra “Casa-grande e Senzala”, a colonização do Brasil não foi amistosa e os escravizados não eram conformados. Pelo contrário, a população negra sempre resistiu de diferentes maneiras. Essas formas de resistência produziram quilombos que, por sua vez, geraram diferentes formas de aquilombamento em todo o território brasileiro.

Assim, a existência e a resistência são complexificadas pela interação entre esses sujeitos, sua ancestralidade e a sociedade. O aquilombamento das mulheres na página do FB, por exemplo, que ocorre tanto no ambiente analógico como no

digital, não se refere apenas aos quilombos do passado, mas também aos quilombos do presente.

Nesse contexto, Albuquerque e Filho (2006) afirmam que as sociedades escravagistas foram surpreendidas pela resistência dos escravos, que às vezes desobedeciam às ordens, demoravam a executar tarefas, sabotavam as produções e buscavam a liberdade de formas individuais ou coletivas. Nesse ponto, enxergo a resistência e o desejo legítimo por liberdade como as condições iniciais para explicar o sistema social dos quilombos como sistemas dinâmicos complexos. De acordo com Gomes (2020), as comunidades constituídas por negros que conseguiam fugir da escravidão produziram histórias complexas de ocupação.

Dessa forma, empresto as categorias dos SDC supracitadas para explicar o funcionamento das fugas até o assentamento das comunidades, considerando que os termos utilizados foram previamente estabelecidos e explanados nas duas seções anteriores. Partindo desse pressuposto, os escravizados tinham a liberdade como objetivo principal.

Diante dessa premissa, considero o anseio pela liberdade como ponto de partida para estabelecer uma dinâmica no sistema, destacando a existência prévia da concepção de assentamentos coletivos que, posteriormente, seriam conhecidos como mocambos ou quilombos. A busca pela liberdade atuava como a força propulsora que impulsionava o processo de aquilombamento, ou seja, de resistência. Nesse sentido,

a fuga se configurava como um meio e não como o objetivo principal, uma vez que outros elementos também deveriam ser levados em consideração para alcançar o objetivo pretendido.

Na esteira desse entendimento, Larsen-Freeman (1997) apresenta o conceito de “sensibilidade às condições iniciais” como uma das características de um sistema dinâmico complexo. Isso implica que as condições iniciais de um sistema podem gerar efeitos inesperados. Trata-se do princípio do caos ou metáfora do efeito borboleta cunhado por Lorenz (1996)¹⁰. Sob o viés complexo, é possível compreender que essas condições iniciais não são necessariamente ligadas à criação do sistema. Entretanto, no caso da formação dos quilombos, a ideia de organização para atingir o objetivo da liberdade pode ser considerada como propiciadora do sistema quilombo, uma vez que um grupo ou uma pessoa teve primeiro a ideia de fugir e montar um acampamento.

A esse respeito, Salles (1971) aponta que o processo de busca por liberdade consistia em fugas para os matos, onde os negros reuniam-se e ajudavam-se solidariamente formando os quilombos. Apesar de haver uma “solução” para a liberdade, o processo todo era demasiadamente arriscado, em razão de nem sempre haver companhia na fuga, e muitos se encontravam sozinhos no meio da mata. Apesar das intempéries encontradas por aqueles que fugiam, formou-se um processo

10 Em meteorologia, Lorenz (2001) cunhou a metáfora do efeito borboleta para representar a noção da dependência sensível às condições iniciais na teoria do caos, ou seja, a ideia de que pequenas alterações no sistema podem provocar enormes consequências (PAIVA, 2010. p. 36).

de organização, resultando nos quilombos ou mocambos, “a mais perfeita organização de defesa do período da escravidão” (RAMOS, 1938, p. 116 *apud* SALLES, 1975, p. 215).

É necessário elucidar que essas dinâmicas de auto-organização não se davam apenas em decorrência da fuga, mas sim para a resistência, derivando diferentes formas de aquilombamento tanto dentro da sociedade colonial quanto na sociedade atual. São as reconfigurações desse sistema como o modelo tradicional de quilombo, as revoltas e as tomadas de terras.

Nesse sentido, Alves (2018) afirma haver uma série de equívocos acerca da verdadeira definição de um quilombo, o que leva muitos brasileiros a acreditarem que os quilombos existiram apenas durante o período da escravidão. Ao realizar pesquisas formais e informais, percebe-se que são poucos aqueles que sabem que essas comunidades negras também foram formadas por pessoas que ocuparam ou adquiriram terras livres e isoladas, que receberam terras por doação ou herança. Ao mencionar essa realidade contemporânea, presente em seu próprio estado de residência e até na mesma cidade, muitos se surpreendem e demonstram curiosidade.

Nessa perspectiva, ao constatar dinamicidade e diversidade nos quilombos, emergem dois outros conceitos: auto-organização e adaptação. Eles consistem no surgimento de outros sistemas a partir das práticas de resistência, ou seja, os quilombos como sistemas de liberdade nascem a partir do enfrentamento à opressão. E devido a essa capacidade

de auto-organização, os quilombos se adaptam às diversas condições que se estabelecem a todo instante. Esse entendimento remete ao pensamento de Larsen-Freeman (1997), ao dizer que o sistema se torna adaptativo na medida em que se auto-organiza.

A fim de evidenciar as explicações supracitadas e a afirmação de que quilombos podem ser caracterizados como SDC, recorri a recursos de produção imagética para mostrar mais claramente o que discuto acima, pois embora a TSDC apresente conceitos que parecem abstratos à primeira vista, quando contextualizados, eles adquirem forma, evidenciando aquilo que se quer demonstrar.

Figura 2 - Quilombos como Sistemas Dinâmicos Complexos



Fonte: Elaborado pela autora.

A figura acima retrata organicamente as categorias dos SDC na formação dos quilombos e, conseqüentemente, dos movimentos sociais que emergiram a partir desse processo.

O sistema organizou-se da seguinte forma: Ao serem sequestrados do continente africano e trazidos para o Brasil, as pessoas negras passaram a ser escravizadas. Inconformados com esse sistema de opressão, essas pessoas ansiavam por liberdade, e é esse desejo por liberdade que entendo como a “Condição Inicial” para que todo o universo-quilombo fosse criado. A partir desse ponto, em que houve uma ação inicial, ocorreram outras ações que deram dinamicidade a esse sistema, dentre elas, as fugas.

Essas fugas, planejadas ou aproveitadas conforme a situação, em massa ou de forma individual, só ocorriam devido motivos que impulsionasse essa ação. Como não poderiam voltar para seu continente, serem livres, mesmo que naquela terra, era melhor do que sofrer nas mãos dos brancos escravagistas. Desse modo, escapar requeria auto-organização, de forma individual ou coletiva.

Ao conseguirem alcançar o objetivo da liberdade, iniciava-se um outro processo: a adaptação (que permeia todas as outras fases do sistema). Uma vez livres da escravidão, os sujeitos recém libertos precisavam adaptar-se às novas realidades que surgiam, ou seja, precisavam de moradia, segurança e subsistência. Em decorrência dessas imprevisibilidades (que são comuns em sistemas dinâmicos complexos), a auto-organização para projetar a fuga, gerou adaptabilidade que, por sua vez, gerou novamente a auto-organização para a criação de acampamentos (quilombos).

Uma vez formados esses acampamentos, mais pessoas chegavam e reuniam-se nesses espaços. Em termos complexos, trata-se do conceito da agregação, que como explicitado nas seções anteriores, consiste na união dos agentes que partilham similaridades dentro do sistema. Esse ato de agregar equivale ao aquilombamento, ou seja, reunir-se em quilombo. Assim, ao se agregarem em prol a uma demanda coletiva, os quilombolas da era colonial desenvolveram práticas específicas que garantiram suas existências. Eles resistiram.

Diante desse contexto, é possível fazer um paralelo entre as formações dos primeiros quilombos com as ações dos movimentos quilombolas no presente, pois da mesma forma que precisaram se organizar para obterem liberdade, os quilombolas continuam lutando pelo direito de existir por meio dos movimentos quilombistas, de quilombagem, no ato de aquilombar-se e, também, no aquilombamento digital. Diante de tudo o que essa população sofreu desde o tempo da escravidão, entendo não ser justo que essa luta precise continuar, pois só se luta em meio a um cenário de guerra, e infelizmente ainda não conseguimos vencer o racismo em todas as suas esferas na sociedade. Desse modo, a luta negra e quilombola se ressignifica, auto-organiza e amplia seu espaço produzindo mudanças nos sistemas institucionais, estruturais, econômicos, dentre outros.

Com base nas informações discutidas nesta seção, busquei esclarecer que os sistemas apresentam características de abertura, dinamicidade e interconexão, resultando

em propriedades emergentes com potencial transformador (LARSEN-FREEMAN, 2017). É importante ressaltar que os quilombos, por serem dinâmicos, possuem uma variedade de características e funcionamentos que não foram abordados na análise anterior. Meu objetivo foi sintetizar o surgimento dos quilombos e as ações decorrentes desde o período colonial até os dias atuais. Embora a ancestralidade seja fundamental para a resistência quilombola, este trabalho se concentra nas práticas contemporâneas das mulheres quilombolas que produziram a *live*.

No tocante a isso, na próxima seção, explicarei o percurso metodológico que me permitiu estruturar este trabalho, e apresento como estruturei os dados relevantes para a discussão, bem como o universo investigado.

2.5. METODOLOGIA ADOTADA

Como citado na introdução, esta reflexão é oriunda de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Dessa forma, há alguns passos importantes para a inteligibilidade do trabalho que devem ser especificadas, dentre elas consta o percurso metodológico, responsável por nortear o de pesquisa percorrido.

Nesse sentido, o pesquisador está constantemente localizado em algum contexto específico, e não existe outro ponto

de vista a partir do qual seja possível observar o fenômeno. Essa posição é, em parte, determinada pelos nossos conhecimentos e objetivos como pesquisadores, em que a adoção de um determinado posicionamento pode se revelar uma ferramenta analítica poderosa em diversas áreas de pesquisa *online* (BARTON; LEE, 2015).

Dessa forma, o caráter exploratório me ajudou a conhecer de forma aprofundada o tema proposto a fim de tornar as questões que o circundam mais esclarecidas (RAUPP; BEUREN, 2003). Segundo Gonçalves (2003, p. 06), “a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, isto é, uma primeira aproximação a determinado fenômeno que é pouco explorado”. Nesse sentido.

Ao trazer para o diálogo as discussões dos SDC (LARSEN-FREEMAN, 1997, 2017), as Mulheres Quilombolas (DEALDINA, 2020), o Aquilombamento Digital (SANTANA; SOBRINHO, 2020) e os posicionamentos e posturas *online* (BARTON e LEE, 2015), propus expandir esses conceitos ao abordar posturas que afirmam identidades quilombolas em uma rede dinâmica de aquilombamento digital.

Este estudo também pode ser considerado descritivo, pois observei as interações na página, descrevi, transcrevi, categorizei, interpretei e analisei os fatos coletados. Nesses termos, “[...] a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e

correlaciona fatos ou fenômenos e variáveis sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 66 *apud* PAIVA, 2019, p. 14).

Em relação à abordagem, esta pesquisa apresenta-se como qualitativa, uma vez que considerei o contexto social, cultural e histórico dos sujeitos envolvidos no processo de aquilombamento digital. Diante disso:

a pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de ‘compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas’ (FLICK, 2007, p. x). Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc (PAIVA, 2019, p. 13).

Com essa intenção, tomei uma *live* de pouco mais de três horas de duração com o objetivo de esclarecer as posturas e posicionamentos das mulheres quilombolas palestrantes, bem como dos usuários que interagiram através de comentários a partir de suas falas, buscando descrever as práticas discursivas e sociais do universo investigado, com foco nos posicionamentos *online* como objeto de análise.

No que diz respeito aos posicionamentos e posturas como formas de analisar textos *online*, Barton e Lee (2015) afirmam que o pesquisador deve se posicionar como um participante, estando familiarizado com o contexto investigado. Segundo eles, ao explorar uma rede social já utilizada, o pesquisador pode ser influenciado pelo ambiente em que está inserido e pelas práticas que ali se desenrolam. Isso não implica comprometer a pesquisa, mas sim reconhecer que o pesquisador

pode desempenhar diferentes papéis durante a investigação, podendo ou não compartilhar as mesmas posturas dos sujeitos pesquisados. É necessário oscilar entre esses papéis, pois há momentos em que o pesquisador é observador, outros em que é espectador e ainda outros em que é usuário. Segundo os autores, essa abordagem proporciona uma forma de envolvimento mais próximo com a pesquisa, permitindo uma observação mais minuciosa dos sujeitos investigados.

2.6. COLETA DE DADOS

Com o objetivo de coletar os dados que seriam analisados, optei por utilizar a postagem do dia 31/07/2020 intitulada “I Roda de Conversa Online: Raízes de Dandara”. O evento ocorreu na página de um grupo de mulheres quilombolas no FB e teve uma grande repercussão, contabilizando 293 reações, 930 comentários, 63 compartilhamentos e mais de 800 visualizações.

Originalmente planejado como um encontro presencial, o evento teve que se adaptar às circunstâncias impostas pela pandemia da Covid-19, sendo realizado como uma transmissão ao vivo no FB. Mulheres quilombolas de diferentes comunidades participaram do debate, abordando a importância das mulheres na formação dos quilombos. As apresentações e mediações do evento também foram conduzidas pelas próprias mulheres do grupo. Vale ressaltar que devido

a problemas técnicos relacionados à conexão de internet, a transmissão ao vivo teve duração de mais de três horas, sendo dividida em três partes e reiniciada duas vezes devido às falhas do provedor.

No que diz respeito ao *corpus*, foram selecionados trechos relevantes de acordo com as categorias estabelecidas para a realização das análises. Esses trechos englobam as falas das mediadoras e palestrantes, bem como os comentários surgidos durante a transmissão, promovendo a interação entre os participantes e contribuindo para os debates realizados nesta reflexão.

Durante o desenvolvimento do trabalho, percebi que além de analisar as transcrições, era importante examinar a página onde ocorreu a atividade organizada pelas integrantes do grupo. Dessa maneira, as análises se estenderam a alguns aspectos específicos da página, como o espaço onde a apresentação do grupo foi postada, o cartaz de divulgação e a história das ancestrais que foram homenageadas no evento.

Assim, busquei destacar os elementos que constituem a prática do aquilombamento e que foram enfatizados durante a transmissão ao vivo. Essas interações que ocorreram antes do evento têm relevância ao explicar o seu funcionamento dentro do contexto dos SDC. Por isso, é importante abordar esses aspectos durante as análises.

Para apresentar os dados, utilizei a ferramenta de captura de tela para exibir os comentários que trazem opiniões

e declarações identitárias por meio de texto escrito e imagens, incluindo *emojis*. Além disso, utilizei o *software Canva* para ocultar as identidades dos usuários que interagiram nos comentários, seguindo todas as diretrizes éticas de pesquisa. Dessa forma, foram protegidos o nome da página, as identidades das mulheres que fazem parte do grupo (atribuindo-lhes nomes fictícios) e o município de origem.

É relevante destacar que, para esclarecimento dos dados, os 930 comentários não são todos interativos. Uma grande parte deles está relacionada à hashtag “#raizesdedandaras”, utilizada para que os participantes pudessem concorrer a prêmios sorteados durante a transmissão ao vivo.

É importante esclarecer que as transcrições não seguem a ordem cronológica da *live*, uma vez que não foram atribuídas falas específicas às palestrantes, permitindo que elas abordassem diversos assuntos no tempo que lhes era destinado. Portanto, reagrubei as falas relacionadas para organizar os temas de acordo com as categorias de análise. O mesmo procedimento foi aplicado aos comentários: alguns deles surgiram simultaneamente às falas transcritas, enquanto outros foram agrupados por tema para garantir a coerência das análises, sem perder o sentido do diálogo apresentado no texto.

AS ANÁLISES: PARTE I

Divido este capítulo que corresponde as análises em duas partes. A primeira contempla a apresentação da página do grupo de mulheres quilombolas no FB, a estrutura organizativa do evento e a primeira categoria de análise, intitulada “Resistir para existir”. Na segunda parte das análises, teço discussões acerca das políticas públicas e educação para o povo quilombola e concludo com a categoria que discute as violências sofridas pe;las mulheres quilombolas.

Para fins de organização e melhor compreensão ao longo da análise, optei por dividir os temas abordados na *live* em tópicos. Essas categorias são úteis para descrever com precisão a proposição dos fenômenos analisados com base nas transcrições realizadas e nas interações que surgiram nos comentários da transmissão.

3.1. A PÁGINA

Conforme descrito na página do grupo, trata-se de uma organização sem fins lucrativos, acessível livremente, como pode ser observado na imagem a seguir.

Figura 3 - Apresentação da página



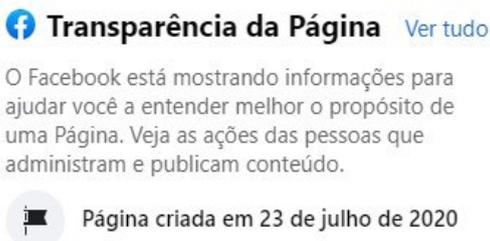
Fonte: Facebook, 2020.

O *layout* da página é voltado para a cultura afro, enfatizando o aspecto feminino das mulheres negras quilombolas. A logomarca oficial do grupo é uma imagem vetorial que retrata uma mulher negra de perfil, usando um turbante na cabeça e brincos afros. As cores vibrantes utilizadas também remetem à cultura africana.

A foto de capa da página foi adicionada em 24 de julho de 2020 e mostra as mulheres que fazem parte do grupo reunidas. São cerca de 25 mulheres, a maioria delas usando turbantes afro, tranças e acessórios da cultura afro, como brincos, colares e pulseiras. Na imagem, é possível perceber que elas estão concentradas em algo ou alguém, direcionando sua atenção para uma atividade específica que não é visível na foto.

O FB oferece duas funcionalidades que fornecem informações sobre a página, desde sua criação até os dados mais recentes. Na seção chamada “Transparência da Página”, é possível acessar informações importantes sobre qualquer página, desde sua origem. Essas informações são essenciais para garantir a integridade e transparência das pessoas, produtos e serviços.

Figura 4 - Recurso que mostra a transparência da página

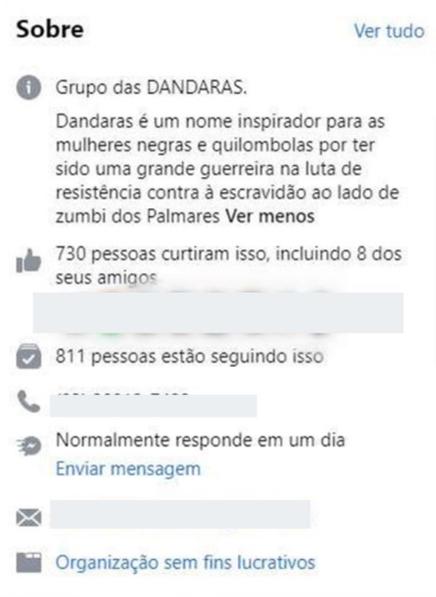


Fonte: *Facebook* (2020).

Nesse sentido, a página investigada, criada em 23 de julho de 2020, ainda utiliza o mesmo nome desde a sua criação. Na seção “Sobre”, é possível visualizar informações atualizadas sobre a página, como o número de seguidores

e curtidas. Essas informações são importantes, pois, a partir delas podemos observar o nível de engajamento¹¹ da página. Até o momento da escrita deste trabalho, a página contava com 811 seguidores e 730 curtidas.

Figura 5 - Sobre a página



Fonte: Facebook, 2020.

Observe-se que a dinâmica de criação da página está centrada na análise da *live* intitulada “Raízes de Dandara: pretas e sua importância na formação dos quilombos¹²”.

11 O termo que, literalmente, significa “empenhar-se em algo” sofreu uma ressignificação em tempos digitais. O termo engajamento tem sido utilizado para designar a interação entre produtores de conteúdos em redes sociais com o seu público.

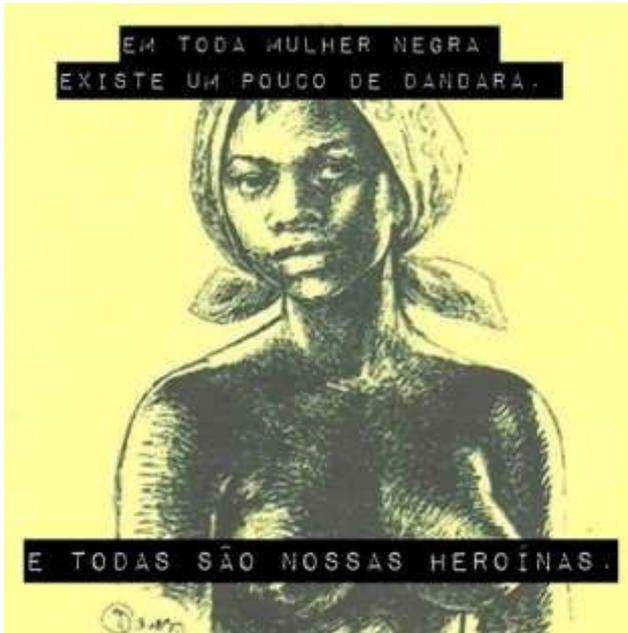
12 Disponível em: <https://fb.watch/8J71TD32Wv/>.

Em certa medida, a página foi concebida com o propósito de divulgar esse projeto, tornando-o a condição inicial para sua concepção. Seu primeiro objetivo consistia em promover a visibilidade desse evento que ocorreu de forma remota. Após a conclusão do evento, a página passou por uma reestruturação, com o intuito de abranger outras práticas do grupo relacionadas ao quilombamento. Ela continuou a ser atualizada com outras ações que sucederam o evento.

O nome escolhido para a *live* faz referência à história de Dandara dos Palmares, uma mulher quilombola que se destacou como uma guerreira na luta pela resistência contra a escravidão. De acordo com a SBMFC¹³, Dandara dos Palmares é uma das figuras mais importantes da luta negra no Brasil, desempenhando um papel fundamental na construção e liderança do quilombo dos Palmares, juntamente com seu companheiro, Zumbi dos Palmares, que também é um símbolo de luta e resistência.

13 Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.

Figura 6 - Imagem atribuída à Dandara dos Palmares



Fonte: Facebook, 2020.

Embora tenha desempenhado um papel fundamental na construção e liderança do maior quilombo do século XVII, além de dominar a arte da capoeira e lutar ao lado de 30 mil aquilombados em grandes conflitos pela liberdade dos negros e negras, Dandara foi durante muito tempo mencionada apenas como a companheira de Zumbi e mãe de seus três filhos. No entanto, relatos históricos encontrados no site oficial da Fundação Palmares revelam que Dandara é sinônimo de lealdade, coragem e justiça. Ela se opôs ao tratado de paz proposto pelo governo português, pois percebeu que isso resultaria no fim da República de Palmares e no retorno à vida de escravidão,

os portugueses buscavam obter as terras ricas em cacau em troca de um acordo falso de paz (CLAUDINO, 2018).

Dandara dos Palmares é mais uma mulher negra apagada pelo machismo e racismo, sua vivência negava o lugar social destinado para as mulheres negras tanto na época em que viveu como hoje em dia, sua luta contra as raízes da opressão trazia extremo incômodo para a sociedade. A líder e guerreira tem sua imagem frequentemente lembrada sob a sombra de seu marido, Zumbi [...] Apesar das lacunas na sua história e imagem, Dandara vive em cada um de nós que luta por liberdade e por uma vida mais digna e justa (SBMFC, 2017).

De acordo com Claudino (2018), a história de Dandara é amplamente desconhecida devido à intenção colonizadora da branquitude em suprimir as narrativas ancestrais dos negros e negras que lutaram por sua liberdade. Além disso, a história de Dandara ainda carrega as marcas do machismo, o qual tem negligenciado mulheres cujas histórias poderiam facilmente superar as dos homens. Historiadores sustentam a teoria de que Dandara nasceu em solo brasileiro e, em uma idade muito jovem, chegou ao Quilombo dos Palmares. No entanto, sua história possui algumas lacunas, e não há informações precisas sobre sua data de nascimento e morte. Existem relatos que indicam que, após ser capturada em 6 de fevereiro de 1694, Dandara teria escolhido o suicídio, lançando-se de uma pedreira, preferindo a morte a retornar à condição de escravidão.

Em 24 de abril de 2019, o nome de Dandara dos Palmares foi finalmente incluído no livro “Heróis e Heroínas da Pátria”, após 22 anos da inclusão do nome de seu marido, Zumbi dos

Palmares, na mesma obra oficial (MEDEIROS, 2019). Além disso, Dandara dos Palmares também é uma das personalidades destacadas na obra “Extraordinárias Mulheres Que Revolucionaram o Brasil” (SOUZA; CARRARO, 2017), que apresenta o nome de 40 mulheres cujas realizações deixaram marcas na história formadora da nação brasileira. Nessa mesma obra, as autoras mencionam a data emblemática em honra à conscientização sobre a mulher negra, que coincide com o dia da morte de Dandara dos Palmares, ocorrida em 6 de fevereiro.

Com o intuito de resgatar a história da participação feminina na luta contra a escravidão, a Assembleia do Rio de Janeiro aprovou, em 2016, a inclusão no calendário estadual oficial do “Dia de Dandara e da Consciência da Mulher Negra”, celebrado em 6 de fevereiro (SOUZA; CARRARO, 2017). É importante destacar que a data de 20 de novembro, dedicada à consciência negra, refere-se à morte de Zumbi dos Palmares e foi estabelecida em 2011, anteriormente a qualquer menção a sua esposa, Dandara dos Palmares.

Devido à significância histórica de Dandara não apenas para o movimento negro, mas para o país como um todo, seu nome é frequentemente citado e utilizado como um símbolo feminino de luta negra e quilombola. No que diz respeito à página, que é relativamente nova, são compartilhadas iniciativas sociais e culturais promovidas pelo grupo, com o propósito de divulgar atividades que antes eram realizadas exclusivamente de forma presencial. Essa adaptação ao ambiente digital resulta em postagens sobre o grupo e suas ações sociais, bem

como na ênfase a datas importantes para o movimento negro, especialmente para as mulheres negras quilombolas, como o dia 25 de julho¹⁴. Nesse contexto, destaca-se a publicação da *live* realizada em 30 de julho de 2020, em homenagem a esse momento tão significativo do movimento feminino negro.

O dia 25 de julho possui grande importância para a comunidade negra, pois é celebrado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha¹⁵. No Brasil, é comemorado o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Segundo Camazano (2021), há escassos registros sobre as conquistas de Tereza de Benguela, porém é conhecido que ela era conhecida como Rainha e viveu em meados do século XVIII no Estado de Mato Grosso. Após a morte de seu companheiro pelas forças coloniais, ela assumiu a liderança do Quilombo do Quariterê.

-
- 14 Foi só a partir do dia 25 de julho de 2014 que a “Rainha Negra” passou a ser celebrada anualmente no Brasil. A lei 12.987, sancionada por Dilma Rousseff (PT), instituiu o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, com o propósito de resgatar a memória de uma heroína negligenciada pela história (CAMAZANO, 2021).
 - 15 Data reconhecida pela ONU desde 1992. Graças ao trabalho incansável de mulheres que se reuniram em julho daquele ano, na República Dominicana, no 1º Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe – momento no qual discutiram a realidade de suas vivências e se organizaram internacionalmente – foi marcado como um dia de luta pelas mulheres negras em todo o mundo (BLENDEDU, s.d.).

Figura 7 - Representação da imagem de Tereza de Benguela



Fonte: BdF Paraíba, 2021.

Tereza de Benguela é um verdadeiro tesouro histórico, tendo desempenhado um papel fundamental na construção do nosso país. Sua coragem, liderança firme e determinação são fontes de inspiração para inúmeras mulheres negras, especialmente aquelas que vivem nos quilombos. Devido sua relevância histórica, em 1994, a escola de samba Unidos da Viradouro prestou uma emocionante homenagem à Rainha Negra do Pantanal em seu enredo de samba.

Figura 8 - Samba enredo em homenagem à Tereza de Benguela

Amor, amor, amor	
Sou a viola de cocho dolente	
Vim da Pérsia, no Oriente	Ilê ayê, ara ayê, ilú ayê
Para chegar ao Pantanal	Um grito forte ecoou
Pela Mongólia eu passei	A esperança no Quariterê
Atravessei a Europa medieval	O negro abraçou
Nos meus acordes vou contar	
A saga de Tereza de Benguela	No seio de Mato Grosso a festaça começava
Uma rainha africana	Com o parlamento, a rainha negra governava
Escravidada em Vila Bela	Índios, caboclos e mestiços, numa civilização
	O sangue latino vem na miscigenação
O ciclo do ouro iniciava	A invasão gananciosa, um ideal aniquilava
No cativeiro, sofrimento e agonia	A rainha enlouqueceu, foi sacrificada
A rebeldia acendeu a chama da liberdade	Quando a maldição a opressão exterminou
No quilombo o sonho de felicidade	No infinito uma estrela cintilou
	Vai clarear, vai clarear
Ilê ayê, ara ayê, ilú ayê	Um sol dourado de quimera
Um grito forte ecoou	A luz de Tereza não apagará
A esperança no Quariterê	E a Viradouro brilhará na nova era
O negro abraçou	

Fonte: BLENDedu.

De acordo com o site Alma Preta (2017), especializado em questões afrodescendentes, o enredo de samba narra a história fascinante da corajosa guerreira Tereza de Benguela, reconhecida por sua atuação combativa contra as forças bandeirantes que tentavam invadir o quilombo que ela liderava. Apesar do difícil acesso ao quilombo devido à sua localização, Tereza conseguiu estabelecer estratégias defensivas e implementar um sistema de produção agrícola que garantia a subsistência dos quilombolas, cultivando algodão, milho, feijão, mandioca e banana, além de comercializá-los para obter recursos. Sobre a morte de Tereza, existem duas versões: uma sugere que ela teria cometido suicídio após ser capturada, enquanto outra afirma que ela foi assassinada e teve sua cabeça exposta no centro do quilombo.

A história de Tereza possui relevância significativa para as comunidades quilombolas e, conseqüentemente, para a construção da história do Brasil. Por essa razão, ela foi a grande homenageada da transmissão ao vivo realizada pelo grupo em sua página no FB para comemorar o dia 25 de julho. O evento foi realizado no formato de uma roda de conversa, contando com a presença de notáveis mulheres quilombolas que desempenham diversos papéis na sociedade. Para alcançar um público amplo, foram realizados esforços de divulgação prévia. Abaixo, pode-se observar o cartaz criado para promover o evento.

Figura 9 - Cartaz de divulgação da *live*



Fonte: Página das mulheres quilombolas no *Facebook*, 2020.

O cartaz apresenta a imagem de uma mulher negra com acessórios que fazem alusão à cultura ancestral africana. Essa representação, traz à memória o passado. À esquerda da imagem central, destaca-se outro elemento: a representação de uma transmissão ao vivo no FB, em que as reações de “amei” e “curtir” surgem à medida que o evento ocorre. No lado direito do cartaz, encontra-se o símbolo do FB acompanhado da palavra “*online*”.

A disposição dessas imagens sugere uma conexão entre a ancestralidade e a memória do passado do povo quilombola com uma visão de futuro. É uma memória ancestral que se renova, em que os elementos se diferenciam, mas se entrelaçam em determinado momento. Através desse processo, podemos perceber que os sistemas quilombolas se auto-organizam e se adaptam conforme suas relações se modificam ao longo do tempo e do espaço, convergindo e se tornando mais complexos dentro de um sistema marcado pela resistência.

A publicação do cartaz gerou 47 reações e 33 compartilhamentos, provocando outros comentários com as mais variadas palavras de incentivo devido à importância de lembrar e reverenciar Tereza de Benguela. Nas imagens abaixo, pode-se ver os comentários convidando e incentivando todos a participarem.

Excerto # 01

Figura 10 - Compartilhamento-convite do cartaz de divulgação do evento



Fonte: Página do grupo no *Facebook*, 2020.

O Excerto #01 apresenta uma mensagem que foi publicada a partir do compartilhamento do cartaz de divulgação do evento. No enunciado “a Amazônia também é negra”, o contexto em que foi empregado o advérbio “também” exprime o significado de “inclusão”, uma vez que a Amazônia é constituída por povos diversos, como indígenas, caboclos, bem como povos negros e quilombolas que vivem em comunidades de remanescentes. Sob um ponto de vista sistêmico, isso estabelece uma marcação que possibilita o

reconhecimento identitário de um povo, complexificando suas existências.

Com base nisso, o *post* apresenta um posicionamento político e ideológico que pode atrair sujeitos que se identifiquem com as pautas, contribuindo, assim, para o redimensionamento da dinâmica de agregação, ou seja, a dinâmica de aquilombamento digital desses povos negros que vivem na Amazônia, gerando uma afirmação de pertencimento a esse lugar.

Do ponto de vista teórico, aquilombar é o processo de agregação em que as partes se unem por similaridades de pensamento ou equivalências de ideias. Em outras palavras, os sujeitos compartilham das mesmas bandeiras e dos mesmos marcadores que os definem como mulheres pretas quilombolas em defesa, resistência e existência em torno da causa em que acreditam e fazem parte. Elas se aquilombam para compartilhar e realizar objetivos em comum.

Nesse sentido, a *live* é o grande atrator do sistema complexo que é a página, pois é o ponto para onde convergem as demais partes que formam o sistema. Paiva (2016) define o FB como um grande atrator na internet, sendo um espaço onde os sujeitos que o compõem mantêm um fluxo de interação contínuo. Essa é a maior característica que o constitui como um sistema dinâmico complexo que, por não seguir uma base fixa de funcionamento, está sujeito a atratores. A autora se apoia em Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 50) ao citar que “um atrator é uma região no estado de fase de um sistema para a

qual as outras partes tendem a se mover”. Dessa forma, cada postagem com o intuito de divulgação apresenta um funcionamento que alimenta o sistema e cria condições de produção para a realização da *live*.

Retomando o comentário do Excerto #01 na perspectiva quilombola, a UNIAMAZÔNIA (2019) realizou uma produção visual sobre o Quilombo de Cachoeira Porteira¹⁶, localizado em território paraense. Dirigido por André D’Elia, essa produção é composta por narrativas dos próprios moradores do quilombo. Em um trecho específico, aos seis minutos e trinta segundos, Ivanildo Carmo de Souza, presidente da AMOCREQ¹⁷ naquele ano e residente do Quilombo de Cachoeira Porteira, declara:

[...] falta o mundo conhecer, de fato, o que é a Amazônia, porque muitas das vezes fala só da floresta. A Amazônia tem uma composição de floresta e seres humanos, um povo dentro dela, e nós somos parte da Amazônia, porque a gente vive dentro da floresta.

Diante do posicionamento dos quilombolas em saberem e reconhecerem que são parte constitutiva da Amazônia, o senhor Ivanildo aborda em seu comentário esse sentimento de pertencimento dos quilombolas à Amazônia, evidenciando que um pertence ao outro.

16 Disponível em: <https://www.uniamazonia.co/2019/03/11/cachoeira-porteira-resiste/>.

17 Associação dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Cachoeira Porteira e dos quilombolas (AMOCREQ-CPT).

Nesse entendimento, dados estatísticos apresentados pelo Instituto Sociedade, População e Natureza corrobora essa questão ao registrar que:

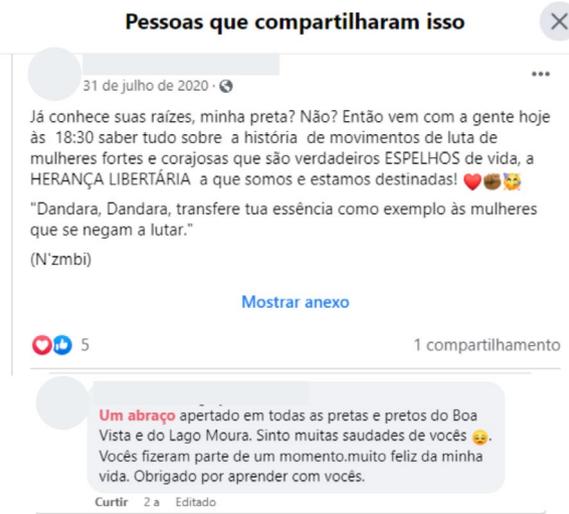
os quilombos, comunidades constituídas por homens e mulheres escravizados, que fugiram na época da escravidão, estão também na Amazônia. No bioma, há particularidades na formação dessas comunidades, pois muitas delas reuniram índios, mestiços e brancos junto aos negros escravizados. Segundo o projeto Nova Cartografia Social Brasileira, foram mapeadas mais de 1.000 comunidades quilombolas na Amazônia Legal, assim distribuídas: cerca de 750 no Maranhão, mais de 400 no Pará, quase 100 no Tocantins e dezenas no Amapá, Amazonas e Rondônia (ISPN, 2020, *online*).

De acordo com as informações obtidas, é possível perceber que a Amazônia é composta tanto pela natureza como também pelos povos que fazem parte dessa composição, dentre os quais se destaca uma grande parcela de quilombolas. Sobre os territórios que abrigam as comunidades onde residem as integrantes do grupo, Andrade (2011) aponta que no município existe a maior concentração de vilas por município do Brasil, totalizando 37 comunidades divididas em nove territórios.

Continuemos a analisar outras interações que surgiram a partir da dinâmica de divulgação do grande evento.

Excerto # 02

Figura 11 - Comentários de divulgação



Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto #02 apresenta um diálogo em dois comentários. No primeiro comentário, uma usuária escreveu um texto-convite para divulgar o cartaz da *live*, convidando especificamente as mulheres pretas de sua rede social. O texto começa com as seguintes perguntas: “Já conhece suas raízes, minha preta? Não?” A partir dessas interrogações, a pessoa que convida estabelece um diálogo intimista com as possíveis mulheres que podem ser alcançadas por esse enunciado, como é possível notar na utilização da expressão “minha preta”.

Ao escrever a segunda pergunta, a usuária conjectura que as mulheres pretas ainda não conhecem suas raízes e afirma que para conhecê-las, precisam assistir à *live*.

O uso do advérbio de negação reforça o convite como tom provocativo, podendo ser compreendido como uma estratégia para atrair mais mulheres a assistirem à *live*. Em seguida, a usuária informa o horário da transmissão, convidando as mulheres a conhecerem a história de suas ancestrais (que as descreve como “espelhos de vida” e “herança libertária”). Ela conclui o convite com a letra de uma canção escrita pela banda N'zambi, em homenagem à Dandara dos Palmares.

Esse texto escrito para o compartilhamento do cartaz gerou um comentário, conforme mostrado na figura 11. A pessoa que comentou sente saudades dos pretos e pretas de uma comunidade quilombola, o que remete à ideia de que os interlocutores possuem algum vínculo. Isso seria muito comum de ocorrer, uma vez que os primeiros quilombos eram interligados por uma grande rede de parentesco. Práticas como essa também são denominadas de aquilombamento.

Excerto # 03

Figura 12 - Convite-compartilhamento da *live* e comentário por meio de imagem



Fonte: Facebook, 2020.

O excerto #03 denota entusiasmo através da escrita. É possível verificar que o sujeito está contente em anunciar a *live* pela forma como escreve a palavra 'HOJEEEEEE', em caixa alta e com a vogal 'e' repetida cinco vezes. Geralmente, esse comportamento na escrita reflete a forma oral de euforia (quando alguém grita de alegria por algo). Além disso, o texto contém a hora em que o evento iria começar e um convite para que as pessoas pudessem prestigiá-lo, ou seja, assisti-lo.

Esse compartilhamento gerou um comentário em forma de *sticker*, um recurso característico do meio digital, repleto de significado. A imagem-texto mostra uma mulher negra

segurando um ramalhete de flores, o que implica uma autoafirmação identitária, na qual a usuária escolheu as características pelas quais queria ser representada através do sticker.

Assim como o cartaz, outras formas discursivas foram utilizadas para a divulgação, como chamadas de vídeo e textos que informaram sobre o evento e convidaram as pessoas a participarem e divulgarem. Na imagem abaixo, podemos identificar uma chamada de divulgação com o propósito de convidar as pessoas a participarem da *live*.

Figura 13 - Convite para a *live*



Fonte: Facebook, 2020.

Na chamada de divulgação acima, o grupo utilizou uma foto dos encontros presenciais que realizavam antes da pandemia para reforçar o convite para o grande evento.

Dessa forma, considerou-se a estrutura da *live* e o seu alcance, visto que foi filmada presencialmente com poucas pessoas e transmitida por videoconferência. Nesse sentido, é possível perceber que o digital propicia o aquilombamento, ou seja, a possibilidade de reunir-se, mesmo que virtualmente. O texto da postagem informa que os idealizadores do evento convidaram a população a participar da comemoração do dia 25 de julho e a conhecer mais sobre as histórias de luta e resistência das mulheres quilombolas que compõem o grupo e a página.

Conforme mencionado anteriormente, a *live* é um atrator para onde os sujeitos estão sendo direcionados através das divulgações, não só pelas administradoras, mas também por outros usuários da página, fazendo com que essa interação preliminar se repita várias vezes, tornando-se marcadores que reforçam o convite para o evento.

Sob essa ótica, cada postagem é uma parte que move o sistema num processo contínuo de interação e iteração, pois são “sistemas que não se apresentam desconectados uns dos outros, pelo contrário [...] apresentam uma natureza calcada no processo de inter-relação e de iteração em que as partes dinamizam o todo e são por ele dinamizadas” (SILVA, 2008, p. 209). A dinâmica de interação estabelece uma relação entre os usuários do FB à medida que seus compartilhamentos e comentários geram respostas dos demais. Esse processo é conhecido como iteração, que se caracteriza pela repetição dos discursos que permeiam os compartilhamentos com o objetivo de reforçar o convite. Iteração significa “repetir uma

função por um determinado período de tempo até que uma condição seja alcançada”¹⁸.

Para compreender melhor esse funcionamento, Silva (2008) destaca que a iteração ocorre em um fluxo contínuo de repetições, em que o resultado final de um processo dá origem a um novo processo. Partindo desse pressuposto, é possível observar esse funcionamento quando se compartilham chamadas de divulgação de uma *live*. O processo começa quando um usuário curte uma publicação feita na página do grupo, seja o cartaz, a chamada de vídeo ou o texto, e a compartilha, escrevendo um novo comentário. Isso cria a possibilidade para que outros usuários também compartilhem e escrevam novos comentários, criando condições para que outros também façam o mesmo, e assim por diante, sucessivamente.

3.2. A ESTRUTURA ORGANIZATIVA DO EVENTO

O evento seria presencial, mas em decorrência da pandemia, sofreu um redimensionamento em sua estrutura e ocorreu no espaço digital do *Facebook* em formato de *live*. Contou com a participação de mulheres quilombolas de diferentes comunidades para debater a importância delas na formação dos quilombos que fazem parte. A apresentação e mediação do evento também foram realizadas por essas mulheres.

18 Disponível em: <https://coodesh.com/blog/dicionario/o-que-e-iteracao/>.

Devido aos problemas técnicos de conexão de rede e ao tempo de duração da *live*, seu compartilhamento ficou dividido em três partes. Houve perda do sinal de internet e a *live* acabou caindo algumas vezes, além de momentos de instabilidade que ocasionaram falhas de transmissão.

A primeira parte durou 8 minutos e 14 segundos. A segunda parte também durou 8 minutos e 14 segundos. A partir da terceira parte, não houve mais perda da conexão de internet, mantendo-se ininterrupta por 3 horas, 3 minutos e 35 segundos.

A *live* teve o intuito de lembrar mulheres de importância significativa para o país e na construção de uma identidade negra, que reaviva a força da ancestralidade. Foram citadas Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela, Carolina de Jesus e Marielle Franco, mulheres que representam a força da mulher na formação da história negra e quilombola. A partir desses discursos, foi possível observar as interações que iam gerando o sentimento de pertencimento nas pessoas que estavam assistindo às falas, como se pode ver nas interações abaixo.

Excerto # 04

Figura 14 - Apoio às mulheres quilombolas



Fonte: Facebook, 2020.

O excerto #04 apresenta um conjunto de interações que demonstram apoio às mulheres quilombolas responsáveis pela produção da *live*. As manifestações discursivas presentes nas interações são marcadas por elementos que reafirmam a identidade negra, tais como palmas negras, coração negro e palavras de incentivo. As organizadoras do evento apresentaram a história de um quilombo até então desconhecido pela sociedade, narrando a história das mulheres quilombolas por elas mesmas. Essas mulheres buscam melhores oportunidades e qualidade de vida para seus quilombos. Na roda de conversa, diversas mulheres de comunidades quilombolas atuantes historicamente na cidade foram convidadas por desempenharem os mais diferentes papéis sociais: são engenheiras, costureiras, pedagogas, cantoras, artesãs, entre outras.

As falas das participantes remetem a discursos de resistência e luta, decorrentes das barreiras enfrentadas por serem mulheres negras quilombolas, sofrendo com a discriminação, racismo e preconceitos. Foram abordados temas como a luta para conseguir um espaço para discutir sobre o poder da mulher negra, a dificuldade de mobilização de uma política pública voltada para as mulheres negras e quilombolas, evidenciando a barreira da discriminação de gênero. Além disso, foi discutida a questão da violência contra a mulher, principalmente durante a pandemia da Covid-19, uma vez que as famílias tiveram que conviver por mais tempo, destacando o problema da violência doméstica.

Destaca-se a relevância social, política e ideológica dos discursos proferidos durante a *live*, trazendo debates importantes sobre a história quilombola e a participação ativa das mulheres na construção dessa história, bem como as dificuldades encontradas nesse percurso desde as ancestrais até a contemporaneidade. Além disso, foi possível investigar as interações que emergiram a partir desses discursos de resistência, que reafirmaram as identidades quilombolas a partir de posicionamentos no meio digital.

3.3. RESISTIR PARA EXISTIR

Mulheres quilombolas têm inscrito em seus corpos o poder da ancestralidade das mulheres que as antecederam. Portanto, elas lutam e resistem em meio a uma sociedade que

ainda replica comportamentos completamente opressores, os quais desvalorizam essas mulheres e insistem em colocá-las em lugares menores. No entanto, mesmo nesse cenário adverso, elas prosseguem inspiradas pelo protagonismo feminino negro (SOUSA *et al.*, 2020). Nesse sentido, contar a história da participação das mulheres negras e quilombolas na construção dos quilombos é, por si só, um ato de luta e resistência.

Os quilombos resistem há séculos à violência racista do estado brasileiro e de agentes privados detentores do poder. A luta negra quilombola está representada nos quilombos que até hoje lutam por igualdade social, racial e de gênero (DEALDINA, 2020, p. 31).

Em uma tentativa de burlar as punições do sistema escravocrata, os negros criaram e organizaram estratégias de fuga para que pudessem viver livres e seguros. Os quilombos representaram formas de resistência e luta contra a opressão vivenciada por africanos e seus descendentes ao longo da história brasileira (FURTADO *et al.*, 2014, p. 109).

Nesse sentido, a realização da *live* configura-se como um ato de força repleto de discursividades que reafirmam o caráter de luta que permeia a história do povo negro, especialmente da mulher quilombola desde a instituição dos primeiros quilombos. Os excertos que foram selecionados para análise nesta seção referem-se às posturas de resistência dos participantes do evento realizado. Para isso, foram utilizados alguns enunciados proferidos pelas participantes como condições iniciais que mais desencadearam interações. A seguir, trago a transcrição retirada da *live* e os comentários produzidos pelos participantes.

Transcrição # 01

[...] às pioneiras nesse movimento dentro dos territórios quilombolas, e hoje se fazem presentes nessa nova geração, nos apoiando, estando ao nosso lado e isso nos inspira e nos dá força para continuar a inspirar outras mulheres negras [...] (Informação verbal)

A Transcrição #01 apresenta o momento em que uma das palestrantes expressa gratidão às pioneiras do movimento das mulheres negras nos territórios quilombolas, as quais ainda estão presentes e auxiliando as novas gerações. A luta negra, e mais especificamente a luta negra feminina, é atravessada historicamente e ideologicamente pela força ancestral de muitas mulheres que agiram em defesa da vida. É perceptível que a luta do povo negro em defesa das suas vidas ressoa até hoje.

Em defesa dos nossos territórios, da luta da reivindicação por mais visibilidade e direitos, e em defesa das vidas de quilombolas, que têm sido ceifadas em todo o Brasil, as mulheres quilombolas têm atuado em diferentes contextos para afirmar: **vidas quilombolas importam!** (COLETIVO DE MULHERES DA CONAQ, 2020, p. 50, grifo das autoras).

A citação acima confirma o trecho transcrito da *live* e embora não haja menção ao movimento *Black lives Matter* nas falas das participantes, a citação traz um enunciado interessante, “vidas quilombolas importam”, que faz uma alusão direta ao movimento *Black lives Matter*. No Brasil, esse movimento ganhou força após o episódio ocorrido nos Estados Unidos em que um policial branco asfixiou George Perry Floyd Jr., um cidadão afro-americano. Conforme Lemes e Santana (2021, p. 156):

A infeliz morte de Floyd foi filmada e compartilhada por milhões de pessoas nas redes sociais, o que impulsionou o movimento através da hashtag #BlackLivesMatter, em português, Vidas Negras Importam. Esse movimento foi fundado em 2013 e em 2020 acarretou centenas de protestos nas ruas em variadas cidades dos EUA. Porém, por conta do cenário pandêmico do Coronavírus, e o isolamento social, as manifestações foram muito mais fortes e consistentes nas redes sociais.

Assim sendo, o trecho transcrito e a citação exposta nos remetem ao fortalecimento das lutas em comunidade e mostram como a união é imprescindível para o movimento em defesa da vida negra, especialmente das mulheres negras quilombolas, que são o foco central deste trabalho. Nesse sentido, a luta do movimento de mulheres quilombolas mencionados pela palestrante não se limita à vida em sentido literal, mas abrange uma jornada, pautada em ações e direitos previamente estabelecidos, garantindo qualidade de vida e acesso a locais que, em outros momentos da história, não eram ocupados por mulheres negras. Em suma, a luta é contra a invisibilidade social que o povo negro sofre.

Considerando o papel que as mulheres quilombolas desempenham diariamente para garantir seus direitos, a *live* tornou-se um espaço importante para refletir sobre o papel da mulher na sociedade quilombola. Teoricamente, ao utilizarmos os trechos transcritos da *live* como condições iniciais para o funcionamento do sistema, podemos visualizar os comentários resultantes das interações dos participantes da *live* como emergências.

Excerto # 05

Figura 15 - Comentário de incentivo às Dandaras



Fonte: Facebook, 2020.

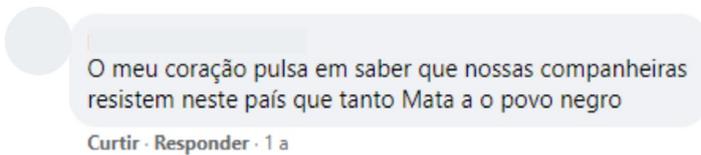
No Excerto #05, há um comentário proferido por um homem. Ao dizer que a luta não pode parar, ele faz alusão à jornada das pioneiras citadas na *live* que estão sendo homenageadas no evento, além de parabenizar as mulheres quilombolas pela iniciativa. Ao concluir o primeiro comentário, ele se insere na problemática afirmando “seguimos juntos na luta”. Ao utilizar o verbo “seguir” na 1ª pessoa do plural, o participante se coloca na posição de caminhar junto às mulheres quilombolas em suas trajetórias de resistência pela vida e pelos seus direitos. Não podemos afirmar que ele esteja diretamente envolvido com as ações dessas mulheres, no entanto, podemos pensar, a partir do seu discurso, que ele as apoia e se coloca na condição de participe dos processos de luta e resistência do grupo.

No canto inferior direito, é possível ver ainda que o comentário recebeu uma reação de “amei”, que normalmente indica que mais alguém está concordando com o que foi dito.

Essa ação de reagir com “amei”, pode ser visualizada como um dos funcionamentos de um SDC, pois se trata de uma interação que mostra como os sujeitos se movimentam e interagem uns com os outros, organizando-se e adaptando-se às ferramentas inerentes ao sistema.

Excerto # 06

Figura 16 - apoio às mulheres quilombolas



Fonte: *Facebook, 2020.*

No segundo comentário proferido pelo mesmo participante do Excerto #05, nota-se o uso da metáfora “meu coração pulsa”, indicando a felicidade do participante em fazer parte do momento histórico que é uma *live* produzida por mulheres quilombolas. Essa assertiva corrobora, ainda, a ideia de que o sujeito que comentou pode ser uma pessoa envolvida em assuntos referentes às causas negras. Ao dizer “meu coração pulsa em saber que nossas companheiras resistem”, faz uso do pronome pessoal “nossas”, no plural, precedido do substantivo feminino “companheiras”, para se referir às mulheres que estão realizando a *live*. Com isso, o participante se coloca novamente na posição de partícipe, trazendo nesse enunciado o sentimento de pertencimento à causa. Sobre o uso do vocábulo “companheiras”:

esta palavra tem viajado desde as crenças cristãs que consolaram e agruparam os escravos romanos até os primeiros servos dos ateliês medievais, logo foi parar nas mãos e bocas dos primeiros operários ingleses e franceses que se uniam para protestar contra as exaustivas jornadas de até 16 horas de trabalho, imediatamente agrupou os que marcharam atrás das bandeiras da Comuna de Paris e do Manifesto Comunista. Até o dia de hoje, nós que lutamos por um mundo sem escravidão assalariada, que sonhamos em tomar o céu de assalto, somos aqueles que compartilhamos o pão da luta – as vezes doce, outras amargo (BUICH, 2016, s/p).

Considerando o contexto em que foi inserida e a origem da palavra “companheira” explicitada por Nora Buich, o participante da *live* reafirma sua conexão com a causa. A segunda parte do excerto, “resistem nesse país que tanto mata o povo negro”, tem conotação forte, pois remete aos dados diários sobre a morte de pessoas negras no Brasil.

Segundo dados do Atlas da Violência em um levantamento feito pela FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública) em parceria com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o número de homicídios de pessoas negras cresceu 11,5% em 2020. Os dados são ainda mais alarmantes em relação às mulheres, pois em 2018, uma mulher foi assassinada a cada duas horas (VASCONCELOS, 2020). A respeito disso, Nascimento (2019, p. 15) conceitua a questão da violência como genocídio do povo negro, e complementa com mais dados retirados do Atlas de Violência: “em dez anos (de 2006 a 2016), a taxa de homicídios de indivíduos não negros caiu 6,8%, enquanto a de negros subiu 23,1%”.

O participante intensifica sua assertiva ao escrever a palavra “morte” com a inicial em maiúscula, pois, ao afirmar que as mulheres resistem à morte, ainda que os dados sejam alarmantes em relação aos homicídios, deve-se levar em consideração as outras mortes sofridas pelos negros todos os dias em nossa sociedade. Pois, ainda que sejamos um povo miscigenado, o Brasil acumula preconceitos raciais nas esferas sociais, institucionais e estruturais. Devido a essas dificuldades que os negros do Brasil enfrentam todos os dias, o participante afirma que as mulheres resistem em um país (Brasil) que mais mata o povo negro. Dessa maneira, os discursos que passam a ideia de fortalecimento à causa se intensificam nos comentários que remetem às lutas diárias, como visto no Excerto #05.

Excerto # 07

Figura 17 - Mais interações



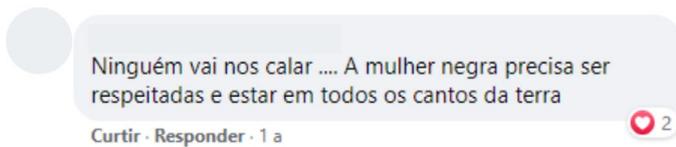
Fonte: Facebook, 2020.

Em sentido literal, resistência indica o ato ou efeito de resistir, de prosseguir independentemente das condições que se apresentam. Nesse sentido, lutar todos os dias implica em um cansaço diário. No esporte de luta, como o boxe, por exemplo, os atletas não lutam todos os dias, pois precisam renovar suas energias entre uma luta e outra, em um árduo

processo de preparação. O discurso da participante do Excerto # 09 afirma que a luta continua todos os dias, ou seja, a luta da mulher negra em prol de seus direitos existe desde suas ancestrais, num contínuo de força, sem pausa para recuperação ou preparação. A força da ancestralidade as forma e as prepara para resistir e existir todos os dias. Nesse contexto, a imagem a seguir representa a força através do discurso de resistência.

Excerto #08

Figura 18 - Comentário de apoio



Fonte: Facebook, 2020.

A luta diária das mulheres negras é uma realidade constante. Elas buscam forças em sua ancestralidade para alcançar seus objetivos. O excerto #08, proferido por um homem, apresenta um efeito de rebeldia. A frase “ninguém vai nos calar” evidencia o poder das mulheres negras que demandam ser ouvidas e respeitadas em qualquer espaço que desejem ocupar. O empoderamento é uma forma de resistência, uma vez que “em uma sociedade capitalista alicerçada no sistema patriarcal, os negros, as mulheres e as crianças são as maiores vítimas dos desdobramentos das desigualdades sociais[...] as mulheres lutam para combater a violação de direitos” (MENDES, 2020, p. 62-63).

Além disso, é importante ressaltar que o excerto foi proferido por um homem, o que é interessante, uma vez que ele assume o papel de participante e se coloca no lugar de fala das mulheres negras e quilombolas na luta conjunta. Mesmo sem informações sobre o participante, sua afirmação recebeu duas reações positivas, demonstrando concordância com sua posição. Esse processo de agregação pode ocorrer por similaridades, quando os elementos são agrupados em categorias e tornam-se equivalentes, ou por recombinação, quando comportamentos emergem da interação dos agentes agregados (SEBA, 2017).

Portanto, podemos compreender que o homem que se une à causa das mulheres negras e quilombolas não se corporifica como uma mulher, mas se identifica com a luta por meio do processo de agregação, união em torno de ideais similares. Isso pode ser interpretado como equivalência, uma vez que a interação entre as mulheres quilombolas e o participante, por meio de comentários de apoio, torna-se uma equivalência.

Por fim, apresentamos mais um trecho sobre resistência, em que uma palestrante destaca a importância da persistência e da coragem em meio às adversidades:

Transcrição # 02

Precisamos olhar a essência da mulher, sobretudo com olhar de respeito, pautar a violência contra a mulher implica em respeito. Além da violência sofrida dentro de casa, vai desde a violência política. Porque quando nós, mulheres pretas, queremos entrar em cargos políticos, nós somos sempre colocadas lá em baixo, seja pra receber verbas, ou lançadas como candidatas. Mas hoje temos algo com muita importância, que é a quebra do silêncio, conseguindo de fato se empoderar, assumindo um lugar na sociedade. Nós somos umas pelas outras, nós apoiando [...]. (Informação verbal)

A transcrição #02 traz a fala de outra palestrante da *live*. A primeira parte do trecho refere-se à violência sofrida pelas mulheres quilombolas, pois afirma que trazer à luz esse tipo de discussão implica em respeitar a natureza feminina. A fala retrata um pouco das violências sofridas pelas mulheres negras. Sobre a violência doméstica apontada no trecho, discutiremos mais adiante. No que tange à violência política citada, a palestrante enfatiza que as mulheres pretas querem entrar em cargos políticos, mas que não recebem apoio e, por isso, não conseguem ocupar esses espaços.

Nesse sentido, Andrade e Fernandes (2020) atentam para a categoria da interseccionalidade¹⁹ trazida pelo movimento feminista negro norte-americano para designar o cruzamento de tipos distintos de violência vividas por minorias. “Para o caso das mulheres quilombolas, além dos recortes de gênero, raça e classe, é essencial que seja considerado o fator

19 [...] termo criado pela advogada, professora e pesquisadora afro-americana Kimberlé Crenshaw, surgiu como uma maneira de demonstração e evidência do fato de que algumas formas de violência e discriminação podem se inter cruzar, somando-se e tornando mais complexas situações de desigualdades a que alguns grupos de pessoas podem estar submetidos socialmente [...] (ANDRADE; FERNANDES, 2020, p. 121).

etnia” (ANDRADE; FERNANDES, 2020, p. 121). Nesse caso, o apontamento é feito em direção a sujeitos que sofrem dupla violência por estarem em grupos considerados marginalizados, uma vez que são mulheres negras, quilombolas e ribeirinhas.

Apesar do apontamento que evidencia a violência política sofrida por mulheres negras, a palestrante encerra a fala fazendo um adendo: “Mas hoje temos algo com muita importância, que é a quebra do silêncio, conseguindo de fato se empoderar, assumindo um lugar na sociedade. Nós somos umas pelas outras, nos apoiando [...]” Essa fala remete à ideia de que a mulher negra e quilombola resiste mesmo diante das adversidades impostas a elas, garantindo suas vitórias no ato de aquilombar. Em outras palavras, a rede de apoio que envolve as mulheres quilombolas é essencial para que elas deem continuidade aos seus propósitos e alcancem seus objetivos.

Vejamos no Excerto #09 dois exemplos dessa rede de afetividade.

Excerto # 09

Figura 19 - Comentários positivos



Fonte: Facebook, 2020.

No Excerto # 09 mostramos dois comentários que emergiram a partir do trecho que trouxemos acima. Trata-se de uma *hashtag* e um texto seguido por *emoji*. A hashtag *#resistenciafeminina*, serve como intensificador e propulsor do tema abordado, uma vez que o poder de alcance dessa funcionalidade é extenso na espacialidade da internet. Silva; Silva; Maluf-Souza (2021) denominam *hashtag* como uma série de palavras ou frases precedidas pelo símbolo #, que indicava antes cerquinha ou jogo da velha.

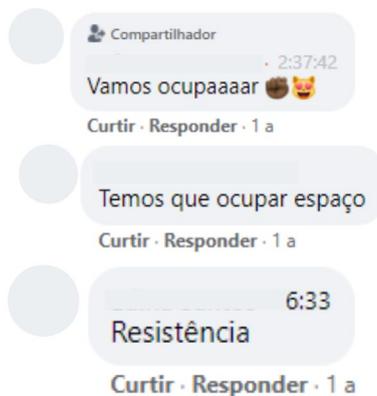
No contexto digital, esse símbolo é chamado de hash (resumo) e sua função está relacionada a qualquer algoritmo que possibilite o mapeamento de grande volume de dados e tamanho variáveis (big data) para pequenos dados de tamanho fixo (SILVA; SILVA; MALUF-SOUZA, 2021, p. 9).

Assim, o uso das *hashtags* amplia o alcance de algo, uma vez que elas funcionam como *hiperlinks* que direcionam os usuários das redes para pesquisas mais abrangentes sobre um determinado tema. Dessa forma, reforça-se o sentimento de resistência feminina e aumenta-se a divulgação dessa temática. No segundo comentário, a frase “que orgulho” é finalizada com um ponto de exclamação, atribuindo intensidade ao enunciado e remetendo à ideia de uma mulher orgulhosa não apenas da história de suas antepassadas, mas também da própria trajetória. O *emoji* de punho cerrado (✊) adiciona mais força à fala, pois representa uma mão negra cerrada em um gesto de luta e resistência.

Nesse sentido, a imagem abaixo mostra comentários que fazem alusão à ocupação desses espaços, aos quais, por muito tempo, as mulheres foram impedidas de acessar.

Excerto # 10

Figura 20 - Comentários sobre ocupar espaços sociais



Fonte: Facebook, 2020.

O excerto #10 apresenta um conjunto de três comentários que refletem sobre o que foi exposto na transcrição #02. De acordo com o dicionário, o verbo “ocupar” significa “preencher um espaço”. Portanto, no que se refere à ocupação de espaços, os povos quilombolas têm uma experiência histórica, pois quando foram privados do direito aos seus lugares de pertencimento na África, tiveram que se realocar em um espaço ao qual não pertenciam. Nesse sentido, Munanga (1996) sugere que, durante os tempos de colonização, quando o Brasil ainda estava sob o domínio português, os negros escravizados organizavam fugas das senzalas e ocupavam espaços desabitados, reproduzindo ao máximo as formas de moradia que possuíam na África. Esses espaços se transformavam em locais de acolhimento e resistência, pois estavam abertos para receber negros, indígenas, brancos e todos aqueles que eram excluídos do sistema social da época. O ato de se aquilombar nasceu nesses acampamentos, pois a partir da coletividade que se unia em prol do mesmo objetivo, esses espaços ocupados geravam a prática do ajuntamento.

O movimento de aquilombar-se, de lutar pela garantia da sobrevivência física, social e cultural, é histórico. Abarca uma dimensão secular de resistência e luta dos africanos e seus descendentes, muitas vezes em conjunto com indígenas e até brancos, e chega aos dias atuais na batalha pela garantia de direitos fundamentais, como a titulação das terras que tradicionalmente ocupam as comunidades quilombolas (SOUSA, 2008, p. 13).

Dessa discussão, compreendo que ocupar espaços sempre foi um ato de resistência do povo quilombola, pois eles continuam a lutar pelas titulações de suas terras, lugares sociais, dentre outras formas de inserção e permanência nesses espaços socialmente instituídos. Focalizando a questão da mulher negra na contemporaneidade, as mulheres quilombolas precisam assumir lugares na sociedade dos quais foram privadas. São cargos públicos, posições políticas, vagas nas universidades e onde mais elas quiserem estar inseridas.

Para exemplificar uma dessas formas de ocupação, os universitários quilombolas e indígenas da Universidade Federal do Tocantins sofreram uma redução no número de bolsas ofertadas em 2018. Diante dos cortes, indígenas e quilombolas se uniram e criaram o Movimento Estudantil Indígena e Quilombola (MEIQ), e a partir dessa mobilização, ocuparam a Fundação Universidade Federal do Tocantins, reivindicando o posicionamento da instituição.

Em uma ocupação histórica, obtivemos resultados positivos. Nessa ocupação as grandes protagonistas das negociações foram as mulheres indígenas e quilombolas. Ocupando nosso lugar de fala, enquanto mulheres quilombolas e indígenas, nos posicionamos nas situações que nos afetavam por conta do nosso gênero, raça e etnia durante a ocupação (SOUSA; LIMA; SOUSA, 2020, p. 93-94).

Diante do exposto em relação às mulheres do Movimento Estudantil Indígena e Quilombola, vemos que os espaços só são ocupados quando há organização e luta, ou seja, há uma relação de interdependência em que o ato de lutar

e resistir implica a ocupação, pois à medida que se ocupa esses espaços, começam outros processos: permanecer e pertencer a esses lugares, ou desterritorializar e reterritorializar esses espaços.

Esses termos derivam do substantivo “território”, que indica “sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma [...] uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323). Com base nisso, percebe-se que a noção de território vai além da noção de um espaço físico terreno, tornando essa discussão plausível no que se refere às práticas sociais dos quilombolas, uma vez que “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004, p. 138).

Deleuze e Guattari (1997b) identificaram os três movimentos concomitantes entre si no processo territorial – territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Em seu embalo, os territórios seriam constantemente abandonados para a criação de outros. A desterritorialização se caracteriza como o momento de saída do território, motivado pelas mais diversas causas e, necessariamente, vincula-se à criação de outros territórios, ou seja, à reterritorialização [...] (PRESTES, 2019, p. 21).

Ao redimensionar esses conceitos para o âmbito deste trabalho, observo que as mulheres quilombolas desterritorializam-se quando migram do espaço físico e se reterritorializam no espaço digital. Nesse movimento, a reterritorialização passa a ser o próprio aquilombamento digital. Nesse sentido, a *live* torna-se o território simbólico onde as práticas sociais da linguagem acontecem e continuam produzindo seus efeitos de forma atemporal. Ou seja, os discursos proferidos no ato da *live* se tornam um arquivo que permanece disponível mesmo depois que a transmissão acaba, pois o efeito produzido por ela ultrapassa os limites do tempo, possibilitando que os sujeitos que se interessam pela causa possam acessá-la e manifestar novos discursos a qualquer instante, reavivando uma dinâmica de iteração contínua no tempo.

Retomo aqui a ideia de ocupação expressa nos comentários em que as mulheres quilombolas dependem de um espaço (território), seja digital ou físico, para que possam lutar iterativamente. Em outras palavras, as mulheres quilombolas passaram a ter acesso a lugares que não podiam ter por razões históricas, ideológicas e políticas. No entanto, o direito de ocupar esses espaços não lhes foi concedido facilmente, elas tiveram e têm que continuar lutando e resistindo para continuarem existindo nesses e em outros espaços. Disso decorre a necessidade de desterritorialização, não se referindo somente às pessoas, mas também ao preconceito, ao machismo e ao racismo. Somente assim, elas passam a reterritorializar esses espaços com seus corpos, suas histórias, suas lutas e suas (re)existências.

A ocupação implica, assim, um processo de auto-organização, no qual essas mulheres complexificam suas existências ao produzirem ações que tornem esses espaços auto-organizados e “confortáveis” as suas práticas. Uma vez que ocorre essa organização, essas mulheres quilombolas se adaptam, agindo e criando outras emergências, pois a configuração do sistema é dinâmica e sujeita à imprevisibilidade e a novos processos de adaptação. Vale ressaltar que, por mais que a adaptação decorra do processo de auto-organização, não se trata de algo fixo em si mesmo, mas de uma dinâmica sujeita a instabilidade, imprevisibilidade e, portanto, a modificações em diversos níveis discursivos.

Nesse sentido, a adaptação decorre desse processo, pois elas, enquanto sujeitos que compõem o sistema, adaptam-se a essa nova realidade (ocupação de um espaço digital), onde os outros também se adaptam, pois a constituição desses espaços permite que essas mulheres, amparadas por seus direitos, possam e devam estar onde desejarem. Entretanto, como dito anteriormente, não há como assegurar uma fixidez, uma vez que a dinâmica desse processo é sujeita a instabilidade em decorrência daquilo que esses sujeitos produzem no âmbito da *live*. Não se trata de retirar outras pessoas desses lugares, mas sim de também poder ocupar esses lugares que, por séculos, foram monopolizados pela branquitude em um processo estrutural de colonização. Dessa forma, tanto a organização quanto a adaptação desses agentes nesses espaços constituem práticas

sociais ressignificadas pela luta, ou seja, elas se aquilombam (agregam e reterritorializam) para (re) existirem.

[...]A perspectiva de resistência é intrínseca, porém a resistência traz em si a concepção fundamental de existência. Essa existência histórica fundamenta-se e ressemantiza-se no presente, no existir atual [...] O central é que aquilombar-se remete à luta contínua não pelo direito a sobreviver, mas pelo de existir em toda a sua plenitude. Trata-se da luta pela existência física, cultural, histórica e social das comunidades quilombolas (SOUSA, 2008, p. 177).

O texto da citação se refere à dinamicidade que perpassa a luta quilombola e evidencia que o quilombo é um sistema complexo, imbricado com a perspectiva de luta que não termina, mas que deságua no processo instituído de resistência, causando a ressignificação do processo de existir. A palavra quilombo, em seu sentido puro para os quilombolas, sempre significou refúgio. Daí derivam os termos aquilombar e aquilombamento em um processo, também, de ressignificação. Ao buscar o significado de aquilombar, o dicionário sugere que esse verbo significa “reunir-se em quilombo” e aquilombamento quer dizer “ato ou efeito de aquilombar”. Nesse sentido, ao se pensar em aquilombamento, estabelece-se uma relação com o substantivo movimento, ou seja, faz parte das práticas sociais quilombolas. Esse agrupamento é dinâmico, dado as condições em que foram e são impostas àqueles que compõem o quilombo, ou seja, são práticas que necessitam de renovação constante a fim de que continuem a existir, pois o ato de aquilombar-se é e precisa ser constante.

Nessa direção, o movimento de aquilombar-se, em sua perspectiva histórica, abarca ideologicamente o redimensionamento dessa prática para o digital, pois sofre a ressignificação e atualização de acordo com as práticas atuais, como é o caso do aquilombamento em espaços digitais. A esse respeito, a *live* se institui organizadamente como uma roda de conversa para abordar temas importantes e assegurar lutas futuras. O aquilombamento digital, então, pode ser tomado como a atualização do movimento de aquilombar, uma vez que se preocupa com a ocupação dos espaços a fim de garantir existências negras e quilombolas.

Retornando ao excerto #12, o primeiro comentário traz a escrita “Vamos ocupaaaar”, o alongamento da vogal “a” amplia o sentido da palavra, causando um efeito de que alguém gritou, concordando com o que foi dito. Essa interação entre os participantes e as falas produzidas na *live* pelas palestrantes é o que constitui o caráter dinâmico desse sistema digital em que o evento está acontecendo. O *emoji* de punho negro cerrado é constitutivo do uso da multimodalidade para reafirmar um posicionamento. O *emoji* de gato com olhos de coração geralmente é utilizado para expressar sentimentos românticos. Nesse sentido, o uso desse elemento discursivo e imagético em complemento à escrita, pode indicar o sentimento de que a participante concorda com o que foi dito.

O segundo comentário traz a fala “Temos que ocupar espaço”. Trata-se de uma afirmação do que foi dito no trecho explicitado acima. Ao dizer que “tem que ocupar espaço”, o

sujeito reforça o sentido de que as mulheres negras não tinham um lugar estabelecido para elas em outros momentos históricos. A ideia de ocupação indica tomar posse de algo. Ou seja, ao ocuparem espaços que lhes eram de direito e que não podiam adentrar, as mulheres negras retomam a ação de resistir por meio de suas existências, pautadas em significações históricas.

A mulher quilombola está o tempo todo lutando pela existência e permanência do quilombo e de seu povo, articulando uma rede de colaboração em sua comunidade para possibilitar esse processo de luta. É esse trabalho de articulação, na maior parte das vezes invisível, que assegura que, enquanto uma parte da comunidade está à frente da luta, a outra parte atue como rede de apoio para que o processo de luta ocorra (SOUSA; LIMA; SOUSA, 2020, p. 89).

Ao refletir sobre a fala das autoras, é possível perceber uma similaridade com as características dos SDC, uma vez que estão falando sobre a resistência em rede. Trata-se de um processo que se articula de maneira dinâmica e que se modifica de acordo com as necessidades dos sujeitos que a compõem. São as práticas sociais que complexificam o sistema quilombola atual, que se entrelaça automaticamente com o ato de aquilombar, de estabelecer apoio em rede, onde ocorre a agregação de sujeitos para atingir seus objetivos, seja no contexto presencial ou digital.

Diante desse contexto, retomo a ideia de que o aquilombamento é uma ocupação que permite a (re)existência. Nesse caso, a ocupação se dá no espaço online, onde as autoras se

aquilombam em sites, redes sociais, plataformas de vídeos, etc. e depois se conectam pelos mais diferentes tipos de *links* em uma rede de espaços digitais que propiciam outros tipos de aquilombamento, em que uns podem acessar os conteúdos dos outros. Ainda que pareça disperso, permite, em sua tessitura social, a produção de efeitos e sentidos que, em certa medida, criam as condições de estar juntos, ou seja, aquilombados.

No que diz respeito ao aquilombamento das mulheres quilombolas, é escasso o registro sobre o papel central que elas têm na construção e organização da vida política e cultural dos quilombos, como explicitado pelas autoras. Embora atuem como acervo da memória coletiva e sejam responsáveis por transmitir conhecimentos de geração em geração, bem como detentoras de conhecimentos plurais, as mulheres quilombolas tendem a ser ignoradas nos debates teóricos, tornando-se invisibilizadas, uma vez que esses debates não são facilmente transportados para o universo delas (SILVA, 2020).

Ao aprofundar o olhar na atual questão política do Brasil, podemos ver que estamos vivendo um processo de luta contra o racismo e o fascismo. A questão toma maiores proporções quando o então pré-candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, proferiu discursos de ódio contra as minorias, nesse caso, contra os povos negro e quilombola. Em determinado momento, Bolsonaro disse que “quilombola não serve nem para procriar”²⁰. Ao se posicionar dessa maneira, menos-

20 Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-paraprocriar/>.

prezando os quilombolas, que são parte constitutiva da história do país, Bolsonaro perpetua o preconceito que estigmatiza o negro e o quilombola, gerando condições para que outros que compartilham do mesmo pensamento ideológico, tornem seus preconceitos legitimados pelo representante do Brasil. Sobre essas práticas de desrespeito às minorias, “[...] o fim do humanismo é outro processo nessa jornada capitaneada por Hitlers, Trumps e Bolsonaros, sendo um demônio criado pela própria branquitude e pela esquizofrenia que ela espalhou com a colonialidade” (NASCIMENTO, 2019, p. 33).

Como exemplo dessa violência estimulada por Bolsonaro e da falta de humanidade relacionada ao negro, cito o caso do comerciante bolsonarista Alberan Freitas, que amarrou e espancou o quilombola Luciano Simplício na cidade de Porto Alegre - RN. É possível ver na imagem abaixo que ao ser questionado sobre o ato, o agressor reitera: “Não estou arrependido, não. Eu faço isso, fiz e faço quantas vezes for preciso (informação verbal)”.

Figura 21 - Quilombola é espancado por bolsonarista



Fonte: Instagram de Manuela Dávila.

Aqui temos um exemplo explícito do fascismo e racismo que ameaçam a liberdade e o bem-estar do povo quilombola. Dessa discussão, resulta a necessidade de resistir para ocupar espaços, nesse caso, o espaço da liberdade de ir e vir sem ser agredido. É literalmente necessário ao povo quilombola

resistir para continuar existindo. Nesse bojo, entendo que o objeto de estudo deste trabalho é uma forma de resistência em resposta às práticas discursivas e não discursivas que ignoram, depreciam e agredem sua existência e importância.

Retomando à análise do Excerto #12, o terceiro comentário traz escrito apenas a palavra “resistência”; sem ponto, sem *emojis*, sem alongamento, sem nada, e ao mesmo tempo, com toda a visibilidade e significância do termo: Resistência!

A seguir, trago outro trecho da *live* que aborda a força da mulher negra e suas ancestrais, assim como o enaltecimento das mulheres do passado e do presente, e os comentários que emergiram a partir dessa fala.

Transcrição # 03

Estamos aqui para reforçar a nossa luta. Estamos aqui para reforçar que nós somos mulheres guerreiras. Estamos aqui para reforçar e dizer a todos vocês que as nossas lutas vêm de muito longe, de muitos outros passos. E que bom que elas não desistiram. Temos como exemplo, a Tereza. Foi uma mulher guerreira e vitoriosa, que uniu negros e índios para defenderem seus territórios. Assim como Teresa, aqui no nosso município, como em cada comunidade quilombola, temos mulheres guerreiras, aquelas mulheres que tem conhecimentos sensacionais, seja através do artesanato, seja através da música, seja através de um cargo de liderança ou na educação (Informação verbal).

Na Transcrição #03, a palestrante reitera que o objetivo das mulheres quilombolas ao produzirem a *live*, trata da legitimação de uma luta travada há séculos. Ao dizer “estamos aqui para reforçar que nós somos mulheres guerreiras”, a palestrante se coloca junto às outras mulheres na posição de guerreiras. Nesse sentido, os termos “luta” e “guerreiras”, pode

remeter a frentes de batalha. Essa metáfora reforça a ideia de que, de fato, é uma guerra pela vida e pelos direitos.

No decorrer da fala, a palestrante cita Teresa de Benguela como exemplo de resistência e a adjetiva como “guerreira e vitoriosa”. Tomando ainda a metáfora da guerra, à qual somos remetidos ao pensar em lutas, vitórias e guerreiras, podemos conjecturar que esse pensamento é forjado pelas histórias de grandes mulheres como Dandara dos Palmares e Tereza de Benguela, que lideraram exércitos em lutas por liberdade e direitos. Ao finalizar o discurso, a palestrante desloca sua fala do passado para o presente, ao dizer:

Assim como Teresa, aqui no nosso município, como em cada comunidade quilombola, temos mulheres guerreiras, aquelas mulheres que tem conhecimentos sensacionais, seja através do artesanato, seja através da música, seja através de um cargo de liderança ou na educação. (Informação verbal).

Na direção proposta, ao tomar a situação histórica como ponto de partida, percebo que as mulheres quilombolas não precisam empunhar armas e travar batalhas físicas, como fizeram Tereza e Dandara. No entanto, as mulheres quilombolas do presente se revestem simbolicamente dos escudos de suas ancestrais para prosseguirem lutando numa guerra que parece invisível, mas que ainda faz vítimas todos os dias. Essas mulheres resistem através da cultura, da política, da arte e da educação, seguindo os passos das primeiras guerreiras. Nesse sentido, vamos observar outras interações que apontam para essa discussão.

Excerto # 11

Figura 22 - Mais demonstrações de apoio à ação das mulheres quilombolas



Fonte: *Facebook*, 2020.

No excerto #11, é possível perceber a mistura de textualidades discursivas utilizadas pela participante, ela utiliza o adjetivo “fantástico” que, literalmente, refere-se a algo exótico, caprichoso, extravagante ou sensacional para descrever a transmissão do evento e parabenizar as mulheres. Para enfatizar sua colocação, ela emprega ainda duas exclamações e o *emoji* de mão negra com o dedo indicador apontando para cima, remetendo ao número um. Em seguida, complementando o texto, o sinal de reticências indica que a fala não acabou, acrescentando: “Sinônimo de Resistência”. A participante está informando que as mulheres quilombolas são sinônimo de resistência e conclui seu comentário com o *emoji* de punho negro cerrado e um *emoji* de mulher negra com as mãos perto da cabeça e raios, que podem significar brilho e magia, se olharmos novamente para a palavra “fantástico” utilizada no começo do comentário.

O *emoji* de mulher com as mãos perto do rosto recebe o nome de “information desk person” e, originalmente significa que ela está carregando uma bandeja invisível. Porém, existem

inúmeras interpretações para ele, sendo as mais populares atreladas à ideia de transmitir sarcasmo ou atrevimento (PADILHA, 2014). Levando em consideração o contexto de empoderamento das mulheres quilombolas ao realizarem uma *live* que enaltece a mulher na construção dos quilombos, o significado do uso do *emoji* de mulher com as mãos perto do rosto pode designar atrevimento, ou seja, o atrevimento de ocupar seus espaços sempre que necessário.

As participantes da imagem a seguir escreveram “raízes de Dandaras” em seus comentários, intensificados pelos usos de *emojis* negros.

Excerto # 12

Figura 23 - Alusão às raízes de Dandara



Fonte: Facebook, 2020.

Ao afirmar “Raízes de Dandaras”, as mulheres negras estão evocando a questão da ancestralidade, afirmando-se como descendentes de Dandara dos Palmares, a grande guerreira. Por isso, há o enaltecimento de grandes mulheres quilombolas que são símbolos de força. O posicionamento dessas mulheres é dandarizado²¹, marcado pela história de Dandara e de outras mulheres que lutaram e lutam em prol do protagonismo feminino negro. Essas mulheres não se inscreveram na história para serem apenas conhecidas como grandes guerreiras, elas foram e são grandes guerreiras e, por isso, se inscrevem na história.

Ao longo dos anos, a existência dos quilombos tem permitido a preservação de espaços de manutenção e resistência da cultura negra e da ancestralidade africana; uma (re)existência que deve muito à liderança de mulheres quilombolas [...] quando se fala em quilombo, pouco é dito sobre as mulheres quilombolas, apesar de a maior parte dos quilombos ser liderada por elas (SOUSA; LIMA; SOUSA, 2020, p. 91).

Elas seguem passos historicamente constituídos pelas mulheres que as antecederam, como Dandara dos Palmares, Anastácia, Tereza de Benguela, Maria Aranha, dentre tantas outras mulheres importantes que precisam ser lembradas para dar continuidade à luta nos dias atuais. Trata-se das legítimas representantes dos movimentos negros do passado e do presente, que lutam pela liberdade de seu povo em todas as esferas sociais. As mulheres que lutam e almejam liberdade

21 Termo cunhado pelo Dr. Valdir Silva (*in memoriam*), orientador desta pesquisa, em uma de nossas conversas de orientação.

para si e para os seus, por uma sociedade livre de racismo e opressão, desafiam a estrutura machista que se perpetua em diversos contextos históricos, instigando os levantes Brasil afora e mobilizando mais e mais mulheres a lutarem por uma sociedade mais justa (DEALDINA, 2020).

A seguir, apresento a fala de outra participante da *live*. Trata-se de uma jovem integrante do grupo cuja fala chamou a atenção devido ao significado que implica a nova geração seguindo os passos da ancestralidade em direção às conquistas para as mulheres quilombolas. Nesse sentido, ela faz uma analogia entre o artesanato feito de barro e a resistência, possibilitando a emergência de reações emocionais e instigadoras sobre a força da nova geração de mulheres quilombolas.

Transcrição # 04

O artesanato faz parte da nossa cultura, faz parte da história da humanidade. Quando falamos de artesanato, somos levados aos nossos costumes, às nossas tradições, faz parte do nosso povo. E quando falamos do povo, lembramos dos nossos ancestrais, daqueles que lutaram e que venceram, e por isso eu e você estamos hoje aqui. Mas não podemos esquecer que o artesanato vem do barro, o barro traz a beleza, mas ele também traz a resistência. (Informação verbal)

Vejamos abaixo as interações que emergiram a partir da fala presente na Transcrição #04.

Excerto # 13

Figura 24 - Afirmação identitária



Fonte: Facebook, 2020.

O comentário refere-se às mulheres pretas e quilombolas, seguido do *emoji* de punho negro cerrado. O adjetivo “pretas”, que acompanha o substantivo, traz à tona um debate importante sobre a dicotomia “negro” e “preto”, discutido no referencial teórico. Ao mesclar o comentário com palavras escritas e o recurso digital (*emoji*), a participante tecnologiza o discurso para reforçar o que está sendo dito. Como mencionado anteriormente, o punho cerrado simboliza luta. Dessa forma, pode-se inferir que o enunciado significa que as mulheres pretas e quilombolas estão resistindo por meio de lutas travadas diariamente contra sistemas opressores pautados na colonialidade.

Excerto # 14

Figura 25 - Apoio à fala de uma jovem mulher quilombola



Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto #14 apresenta dois comentários em que as participantes utilizam *emojis* para expressar suas reações e marcar seus posicionamentos em relação à luta negra quilombola por meio da linguagem. A participante do primeiro comentário escreveu o nome da jovem palestrante que falava no momento em que retirei o trecho da *live*. Em seguida, apresenta um *emoji* que representa um rosto emocionado (😓), seguido de *emojis* de coração negro (❤️).

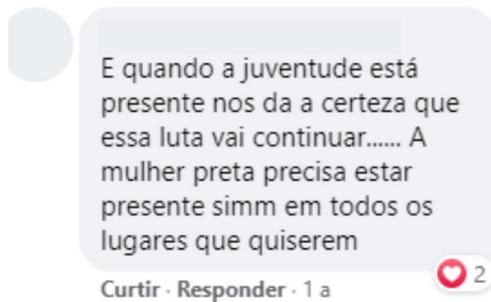
Quando lançado, o coração negro tinha o intuito de expressar o luto de uma perda. No entanto, nesse contexto, ele sofre uma ressignificação fazendo emergir sobre si um novo significado. Trata-se de um coração negro em sinal de sentimento em relação à fala negra proferida na *live*. Podemos observar ainda no segundo comentário, a presença de um texto produzido, em sua totalidade, a partir da utilização de *emojis*. São corações que retribuem afeto pelo que foi dito, havendo ainda uma carinha de espanto, com olhos arregalados e boca aberta, seguido de palmas negras.

O *emoji* que indica espanto (😱) é utilizado para representar situações assustadoras ou o sentimento de surpresa. Nesse sentido, a fala da palestrante pode ter surtido um efeito de surpresa diante dos que assistiam devido ser um discurso forte proferido por uma jovem mulher que está afetada pela luta negra, carregando em seu discurso a representatividade da mulher quilombola. As palmas negras (👏) indicam concordância e também uma afirmação identitária vinda da participante que escreveu o comentário. Ela pôde escolher, a partir da paleta

de tons de pele disponibilizada pela plataforma FB, a cor que a representa dentre outros tons de pele, ou seja, a cor negra.

Excerto # 15

Figura 26 - Comentário de apoio à juventude quilombola



Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto #15 demonstra um comentário que destaca a juventude da palestrante, evidenciando a relevância de manter a conexão dos jovens com o movimento das mulheres negras quilombolas. O comentário instiga a pensarmos que essa luta só possa continuar por meio da juventude, e que é na consistência da perseverança que elas resistem até hoje, perpetuando o legado iniciado no passado por suas ancestrais.

Durante a *live*, algumas personalidades da região que contribuíram e contribuem para a história das mulheres quilombolas do grupo estiveram presentes. Nesse sentido, foi apresentada dona Maria, uma anciã e símbolo de luta dos quilombos daquela localidade, que concedeu uma entrevista gravada em

sua comunidade quilombola e transmitida ao longo da *live*. É relevante ressaltar que a homenagem das mulheres do grupo se estende não somente às mulheres que são conhecidas por seus feitos historicamente, mas também às mulheres que fazem história nos quilombos atualmente.

No excerto a seguir, extraído da *live*, temos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre dona Maria, uma grande personalidade daquela localidade. Ela foi coordenadora das mulheres, uma das fundadoras da associação de mulheres do município, além de ser compositora, atriz, artesã e coordenadora do grupo cultural “A Força do Quilombo”. Durante sua fala, dona Maria destacou a importância da resistência para os quilombolas.

Transcrição # 05

As mulheres não tinham autonomia para sair e reivindicar seus direitos naquele tempo, até hoje existe um pouco de machismo, mas naquele tempo existia muito mais. Naquele tempo o machismo era grande com as mulheres. Mulheres não tinham vez e voz. Aquelas que estão dormindo, que acordem e aquelas que estão acordadas que sigam em frente. Segurem na mão de Deus e sigam, siga seus sonhos e realizem indo atrás de seus objetivos. Você é mulher. Viva à mulher!!! (Informação Verbal).

No momento dessa fala, Dona Maria discorre sobre o papel da mulher nos quilombos do passado, evidenciando como elas não tinham acesso a quase nada, apesar de desempenharem muitas funções na organização social. Dona Maria atribui esse tipo de tratamento com as mulheres ao machismo presente dentro da própria organização do quilombo.

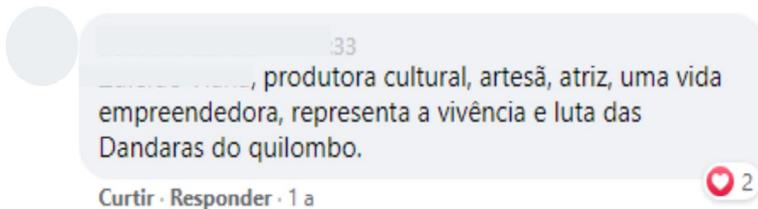
Desse modo, o respeito e a valorização à Dona Maria se devem, em grande parte, ao trabalho pioneiro por ela desempenhado dentro do movimento das mulheres quilombolas. Ao final de sua fala no trecho destacado, ela dirige um recado às mulheres quilombolas: “Aqueles que estão dormindo, que acordem, e aquelas que estão acordadas, que sigam em frente”. Trata-se de um conselho que pode ser interpretado como uma valorização da perseverança das mulheres quilombolas, uma vez que no passado, era muito mais difícil para uma mulher se impor, mas atualmente, as mulheres têm mais voz e espaço na sociedade.

Devido à grande contribuição de dona Maria para a sociedade quilombola, especialmente para as mulheres, ela pode ser considerada um símbolo da resistência negra, servindo de inspiração para as gerações mais jovens.

Na sequência, trago algumas manifestações digitais que mostram a interação entre as falas de dona Maria e os comentários que surgiram.

Excerto # 16

Figura 27 - Apoio a uma mulher quilombola que desempenha diversos papéis sociais



Fonte: Facebook, 2020.

O excerto #16 destaca os papéis sociais desempenhados por Dona Maria, ressaltando que ela é uma senhora que acumulou títulos ao longo de sua jornada como mulher quilombola, em uma época em que as mulheres não tinham voz e vez, como bem afirmado durante sua fala. A participante que escreveu o comentário afirmou, ainda, que ela é a representação da vivência e da luta das mulheres do quilombo.

Excerto # 17

Figura 28 - comentários que utilizam texto escrito e *emojis*



Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto #17 é um conjunto de três comentários que considerei interessante juntar, pois faz uso do mesmo recurso digital, o coração negro. O primeiro comentário chama a atenção pelo fato de a participante ter optado por utilizar apenas o *emoji* de coração negro, sem o uso do texto escrito

para completar o sentido. Isso corrobora com a categoria de adaptação dos SDC, uma vez que os agentes (participantes) que compõem o sistema da *live* optaram por utilizar os recursos disponíveis que mais se adequaram às necessidades naquele determinado momento, proveniente de uma auto-organização que esse sistema sofreu, como abordarei mais adiante.

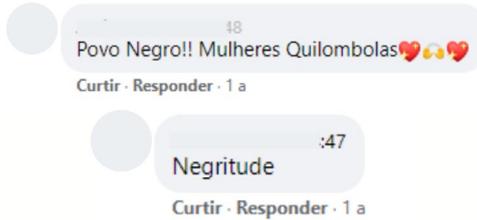
O segundo comentário também apresenta o uso do coração negro; no entanto, ele está acompanhando o texto escrito. Quando a participante coloca a palavra “maravilhosas” seguida de coração negro, ela está intensificando o adjetivo usado para expressar que as mulheres negras é quem são maravilhosas.

O terceiro comentário mostra uma forma mais íntima de tratar Dona Maria, pois antes de seu nome é colocada a palavra “tia”. Não se pode precisar se a participante que comentou possui algum grau de parentesco com Dona Maria ou se é apenas uma forma carinhosa de tratá-la. A participante complementa, ainda, dizendo que “Tia Maria é patrimônio”. Nesse contexto, podemos pensar que o termo “patrimônio” é utilizado para descrever a importância de Dona Maria para a comunidade quilombola feminina daquela localidade. Este último comentário é, ainda, seguido da palavra “Axé”²², intensificada pela colocação do coração negro.

22 **Axé**, na língua iorubá, significa **poder, energia** ou **força** presentes em cada ser ou em cada coisa. Nas religiões afro-brasileiras, o termo representa a energia sagrada dos orixás. Dentro e fora do contexto religioso, axé é uma saudação utilizada para desejar votos de felicidade e boas energias (<https://www.significados.com.br/axe/>).

Excerto # 18

Figura 29 - Apoio à negritude



Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto #18 é uma junção de dois comentários que abordam a negritude. O primeiro comentário traz a expressão “Povo Negro”, seguida de dois pontos de exclamação, transmitindo a ideia de uma afirmação forte em relação ao povo negro. Em seguida, cita-se “Mulheres Quilombolas”, acompanhado por *emojis* de coração vermelho (❤️) e mãos estendidas (👐), que geralmente são utilizados para agradecer, abençoar algo ou alguém.

Já o segundo comentário traz apenas a palavra “negritude”. Sobre esse termo, Santos (2017) destaca o processo dinâmico que envolve o significado dessa palavra. Para a autora, o termo surgiu nos Estados Unidos e depois se espalhou pela Europa, onde foi sistematizado. Somente após esse processo é que se expandiu para toda a África Negra e as Américas, alcançando os negros da diáspora²³.

²³ Originalmente, a palavra foi usada para designar o estabelecimento dos judeus fora de sua pátria, a qual se achavam vinculados por fortes laços históricos, culturais e religiosos. Por extensão, o conceito também é utilizado para designar os negros de origem africana deportados para outros continentes e seus descendentes (os filhos dos escravos na América, etc.) (MUNANGA, 2020, p. 79).

É importante frisar que a *negritude*, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica [...] A negritude e/ou identidade negra se refere à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros [...] (MUNANGA, 2020, p. 19).

Kabengele Munanga defende que o conceito de negritude não deve ser atribuído ao povo negro somente pela pigmentação da pele ou pela cultura negra. Para ele, a negritude é atribuída ao povo negro por terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização da história, “de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (MUNANGA, 2020, p. 19).

Considerando a definição de negritude na qual me baseio nesta reflexão, podemos observar que a participante, ao comentar somente a palavra “negritude” na *live*, atribui todo o significado que o termo implica em seus diversos sentidos ideológicos, sociais, culturais e políticos. Nesse sentido, o comentário é pertinente em relação à fala de Dona Maria, que, ao desempenhar seus vários papéis sociais como mulher negra quilombola, tornou-se um símbolo da resistência dessa negritude.

Excerto # 19

Figura 30 - Demonstração de afeto



Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto #19 apresenta um comentário que destaca a dimensão do trabalho das mulheres da página, que estão inseridas no contexto digital por meio de uma videoconferência, possibilitando atingir milhões de pessoas em todo o mundo. Esse redimensionamento do local para o global demonstra o poder da internet em disseminar, compartilhar e dar visibilidade à causa, afirmando que as mulheres negras de um município pequeno no interior do Pará estão resistindo por meio do ato de se posicionar, realizando ações como a *live*, onde reflexões e debates são gerados e expostos à comunidade.

O alongamento da vogal “o” remete ao sentimento de euforia em fazer parte desse momento, vislumbrando o reconhecimento das mulheres negras quilombolas e pertencentes às comunidades ribeirinhas de um município no interior do Pará em nível mundial. A expressão “para o mundo” revela a amplitude das extensões que as práticas sociais digitais alcançam.

Conforme evidenciado nas análises anteriores, além das expressões discursivas que remetem a resistência das mulheres quilombolas em suas vivências, verifiquei a presença de *emojis*

em vários contextos de fala, o que leva a perceber três ocorrências discursivas que marcam posições de resistência.

A primeira refere-se à forma mais tradicional da escrita, utilizando apenas letras; a segunda apresenta uma combinação textual de letras e *emojis*; e a terceira ocorre apenas pela utilização de *emojis* como expressão de enunciados. Segundo Barton e Lee (2015, p. 43), isso ocorre porque “textos *online* não são mais estáveis, não atuam mais como ponto de referência fixo”. Desse modo, compreende-se que as posturas tomadas nas redes sociais podem ser demonstradas a partir de diferentes recursos semióticos.

A seguir, apresento a segunda categoria elencada para análise.

AS ANÁLISES: PARTE II

4.1. POLÍTICAS PÚBLICAS: POSICIONAMENTOS CONTEMPORÂNEOS DE LUTA E RESISTÊNCIA DO POVO QUILOMBOLA

Dalosto e Dalosto (2017, p. 12) amparados pelos estudos de Hofling (2001, p. 31), conceituam política pública “como a ação ou projeto desenvolvido pelo Estado ou pela sociedade civil com vistas a resolver um problema público”. Com base nesse pressuposto, atendo-me às execuções de políticas públicas estatais voltadas para o povo quilombola, sem entrar no mérito das políticas realizadas pela sociedade civil. Diante do exposto, farei um breve resumo sobre a história das políticas públicas que envolvem os povos quilombolas.

A primeira política pública voltada aos negros se deu no período colonial. Tratava-se de uma política repressiva de perseguição e destruição dos quilombos, em que uma autoridade denominada “Capitão-do-mato” era responsável pela perseguição, captura e tortura dos negros que conseguiam

fugir da escravidão. “Após a abolição da escravidão, houve um período de praticamente cem anos sem uma legislação específica sobre a questão quilombola” (DALOSTO; DALOSTO, 2017, p. 13). Além disso, cabe destacar que:

No período republicano, a partir de 1889, o termo ‘quilombo’ desaparece da base legal brasileira, uma vez que com o fim da escravidão sua existência não teria mais sentido. Reaparece na Constituição de 1988, como categoria de acesso a direitos, numa perspectiva de sobrevivência, dando aos quilombos o caráter de ‘remanescentes’. São, portanto, cem anos transcorridos entre a abolição até a aprovação do Artigo da Constituição Federal, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, cujo conteúdo reconhece os direitos territoriais das comunidades quilombolas (SOUSA, 2008, p. 46).

Os negros libertos não receberam nenhum auxílio do estado. Pelo contrário, “houve mais políticas repressivas, por exemplo, a ‘lei da vadiagem’ criada no Rio de Janeiro, a proibição dos cultos religiosos de matriz africana e a negação do campesinato²⁴” (DALOSTO; DALOSTO, 2017, p.14).

24 o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros (Wanderley, 2014, p. 26).

Figura 31 - Brasil pós-abolição da escravidão



Fonte: Iconografia da História.

A foto mostra um homem branco bem vestido, usando sapatos. Um passo atrás dele, há um homem negro vestindo calças de trapos amarradas por um cinto provavelmente usado para evitar que elas caiam, ele está descalço e sem camisa. De acordo com Joel Paviotti, em um texto compartilhado em sua página 'Iconografia da História' no FB, a imagem foi capturada em Corumbá no início dos anos 1930 e apresenta:

[...] uma síntese das políticas racistas adotadas pelo governo federal brasileiro, que simplesmente atrasaram a inclusão de homens e mulheres negras na economia formal do país. O exercício de micro-história, quando um evento em menor escala

pode mostrar traços e eventos históricos mais amplos, pode ser muito bem compreendido nessa bela, mas triste fotografia. Ao final da escravidão legal no país, os principais intelectuais brasileiros, nas mais diferentes áreas do conhecimento, adotaram o método ‘eugenista’ de análise da sociedade. Criminologistas, como Nina Rodrigues, artistas, médicos, cientistas e políticos brasileiros e portugueses eram amplamente influenciados pela pseudo teoria racista que dizia que a sociedade brasileira só atingiria progresso econômico, tecnológico e social, ao embranquecer a população. Então, os governantes fizeram a opção de, ao invés de contratarem os homens e mulheres negros libertos, passarem a incentivar a contratação de mão de obra imigrante, principalmente de países europeus, como Itália e Espanha. Enquanto essas políticas estiveram vigentes, as mulheres e homens negros foram renegados e jogados ao léu, nos centros velhos das cidades ou nos morros que virariam as favelas posteriormente. Na esteira do eugenismo, leis que proibiam imigração africana ou de pessoas de países da América do Sul foram aprovadas. Os homens negros foram os principais alvos do pensamento criminológico pós-escravidão, sendo encarcerados pela lei da vadiagem, enquanto homens brancos eram prestigiados com terras e isenção de impostos. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, grandes quantidades de gaúchos e imigrantes brancos ocuparam terras no Estado, levando homens e mulheres negras para trabalharem como semi-escravizados. Não possuindo documentos, contatos com homens poderosos ou oportunidades na educação formal, negras e negros foram expropriados da oportunidade de crescimento. A imagem, que consta ter sido captada na cidade de Corumbá, é um retrato da distância entre negros e brancos na escala social, patrocinada pelo próprio Estado (PAVIOTTI, 2021, s/p.).

Nesse seguimento, Dalosto e Dalosto (2017) informam que somente com a Constituição de 1988 é que foram criadas duas políticas em prol dos quilombolas: a política de tombamento dos documentos e detentores de reminiscências históricas dos primeiros quilombos (§ 5º do art. 216º) e da política que obrigou o Estado a conceder a titulação coletiva das comunidades remanescentes de quilombos, como disposto no art. 68º dos ADCT²⁵.

A partir dessas duas primeiras políticas criadas em prol do povo negro, muitas outras surgiram. No entanto, mesmo sendo instituídas há muito tempo, os povos quilombolas lutam até hoje para fazer valer seus direitos. Como exemplo disso, cito a problemática que envolve as titulações das terras quilombolas, nas quais muitas comunidades ainda esperam o início do processo para adquirirem seus títulos coletivos definitivos.

Em 2004, foi lançado pelo Governo Federal o Programa Brasil Quilombola, cujo objetivo era consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. A partir disso, foi instituída a Agenda Social Quilombola (Decreto 6261/2007), que agrupa as ações voltadas às comunidades. Essas ações contemplam questões como acesso à terra, infraestrutura e

25 Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. São regras que asseguram a harmonia do antigo regime constitucional (1969) para o novo regime (1988), possuindo regras de caráter meramente transitórias (EBRADI, 2020). Disponível em: <https://www.ebradi.com.br/coluna-ebradi/adct-adct-ou-acdt/>.

qualidade de vida, inclusão produtiva, desenvolvimento local, direitos e cidadania²⁶.

Embora essas ações contemplem pautas importantíssimas para garantir melhor qualidade de vida e assegurar direitos aos quilombolas, muitas delas ainda são contempladas apenas na teoria. Nessa direção, retomo à *live* investigada, na qual é possível observar que muitas questões concernentes às políticas públicas não são postas em prática, resultando em dificuldades para os quilombolas. Vejamos a seguinte transcrição que corrobora essa discussão.

Transcrição # 06

A minha comunidade foi o primeiro a ser titulado de forma coletiva em 1995 pelo INCRA²⁷. Foi um modelo para todos os outros quilombos e para todo o Brasil, foi uma coisa inédita que se conseguiu, preto, do Rio Trombetas ter terra titulada, que até então, antes disso, a gente morava nessas comunidades, mas a gente não tinha o poder, a gente não tinha o domínio da terra. (Informação Verbal)

Ao afirmar que foi uma coisa inédita que se conseguiu, “preto, do Rio Trombetas ter terra titulada”, a palestrante usa um tom muito específico, atribuindo ao adjetivo “preto” o sentido de surpresa, como se para a sociedade, não fosse algo muito aceitável de acontecer. De acordo com informações sobre o fato, retirados do site da Comissão Pró-Índio de São Paulo, publicado no ano de 2015, essa primeira titulação desencadeou outras titulações nas circunvizinhanças.

26 Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas, 2013, p. 10).

27 O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) é uma autarquia federal, cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional (INCRA, 2020).

Apesar disso, dos mais de 6 mil quilombos existentes no Brasil, aproximadamente 3.386 são certificados pela Fundação Cultural Palmares. Conforme essa instituição, apenas 181 são titulados: 139 por governos estaduais, 39 pelo Governo Federal e 03 titulados pelos dois governos. Além disso, há 1691 processos para a regularização de territórios quilombolas abertos no INCRA (DEALDINA, 2020).

Atrelado a essa luta por territórios titulados que muitos quilombolas enfrentam e às outras dificuldades que surgem, é possível perceber, na Transcrição #06, que a persistência em defender seus direitos por meio de políticas públicas é um ato de resistência e um posicionamento político que critica as políticas públicas que ignoram o povo quilombola.

Transcrição # 07

[...] a gente vem desenvolvendo um trabalho com muito sacrifício, muita luta, mas nem por isso a gente desistiu [...] não desistir e resistir todo dia. É um trabalho de resistência que a gente não pode fraquejar, mas sim, sempre prosseguir, subir um degrau de cada vez e seguir em frente com o movimento. (Informação Verbal)

Conforme se pôde perceber nas análises anteriores, à medida que as palestrantes fazem suas falas, surgem comentários de apoio. Essa interação é fundamental para que haja movimentação no sistema. Foram selecionados três excertos que corroboram a fala da palestrante nas transcrições 06 e 07.

Excerto # 20**Figura 32** – A importância de debater o tema Políticas Públicas

Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto # 20 reafirma a importância de abordar temas como políticas públicas, uma vez que ao saber da luta histórica travada pelo povo negro quilombola para conseguirem seus direitos e considerando a atual conjuntura política instituída no Brasil, as políticas públicas passam a ser as armas que os quilombolas utilizam para ir à combate. Se antes, no período da colonização, os aquilombados empunhavam armas para lutarem pelo direito à liberdade, hoje, a luta continua, dessa vez para garantir direitos socialmente constituídos, mas que, para eles, é muito mais difícil de conquistar.

Excerto # 21**Figura 33** - Mais comentários de apoio à causa

Fonte: Facebook, 2020.

O Excerto # 21 é mais enfático, pois aborda a necessidade de políticas públicas voltadas para o povo negro. Como dito anteriormente, os quilombolas enfrentam dificuldades que outras populações não enfrentam. Nesse ponto, ressalto os fatores históricos, raciais e a falta de mobilidade, uma vez que a maior parte dos quilombos está localizada distante dos centros urbanos, o que impede que sejam assistidos adequadamente em diversas esferas.

Ao abordar o tema “políticas públicas para quilombolas”, foi possível perceber que muito ainda precisa ser feito pelos quilombolas do nosso país. Entretanto, há uma peculiaridade da qual não se pode desvencilhar: as matérias que surgiram em relação a esse tema nos últimos dois anos. Em diversos sites nacionais e internacionais, são publicadas manchetes com chamadas assustadoras, como “Bolsonaro incentiva fazendeiros a usar armas contra indígenas e quilombolas” (PODER360, 2021), “Bolsonaro ameaça quilombolas ao cortar verba para demarcação de terras” (CIDADANIA, 2020) e “Sob Bolsonaro, reconhecimento de quilombolas cai ao menor patamar da história” (CARTA CAPITAL, 2020). Manchetes como essas se tornaram habituais no Brasil.

Segundo Barreto e Ferraz (2020), o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, coleciona, ao longo de sua carreira discursos preconceituosos e discriminatórios contra minorias sociais. É importante frisar que o descaso do presidente em relação às populações quilombolas tem criado dificuldades

para a titulação de terras quilombolas, resultando no menor índice de titulação de terras da história (WELLE, 2020).

A queda brusca nas emissões das certificações que dão início ao longo processo para obter as titulações definitivas das terras quilombolas só veio a público no ano de 2021. O órgão responsável por essas emissões é a Fundação Palmares, comandada pelo então presidente Sérgio Camargo desde novembro de 2019, quando foi designado por Jair Bolsonaro. Entretanto, a fundação foi alvo de investigações após a divulgação de discursos preconceituosos e discriminatórios por parte de Sérgio Camargo, que negou a existência de racismo estrutural no Brasil. Em decorrência disso, Camargo foi afastado do cargo e está sob investigação judicial (CARTA CAPITAL, 2021). No áudio, o ex-presidente da Fundação Palmares fez diversas ofensas aos movimentos negros, além de ser denunciado por assédio moral, discriminação e outras acusações.

classificou o movimento negro como ‘escória maldita’, que abriga ‘vagabundos’ e chamou Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência negra no Brasil escravocrata, de ‘filho da puta que escravizava pretos’. Camargo também manifestou desprezo à agenda da **‘Consciência Negra’**, chamou uma mãe de santo de **‘macumbeira’** e prometeu botar na rua diretores da autarquia que não tiverem como ‘meta’ a demissão de um ‘esquerdista’ (ESTADO DE MINAS, 2021, *online*, grifos meus).

Como observado nesta reflexão, o evidente desrespeito de duas autoridades em relação à vida quilombola retrata a atual conjuntura política do Brasil, em que o racismo, a falta de empatia e bom senso imperam no Senado e até mesmo em

um órgão vinculado ao Ministério da Cultura, como é o caso da Fundação Palmares, que deveria representar e assegurar os interesses dos povos quilombolas.

Dando seguimento, apresento as duas últimas categorias de análise abordadas na *live*, que ilustram mais precisamente essas dificuldades enfrentadas pelos quilombolas devido à escassez de políticas públicas efetivas que os auxiliem: as questões educacionais e as violências sofridas pelas mulheres quilombolas.

4.2. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: PERCALÇOS E CONQUISTAS

Outro tema de grande importância abordado na *live* refere-se à educação de quilombolas. Para tratar desse assunto, apresento algumas transcrições das falas proferidas pelas mulheres quilombolas que palestraram na *live*, bem como algumas interações que surgiram em forma de comentários e que contribuíram para o debate estabelecido.

Transcrição # 08

Não podemos esquecer de tratar um assunto que é muito importante, que é a educação. Você já parou para se perguntar: quantas professoras negras você teve durante a sua formação? Os dados estatísticos mostram que os percentuais são bem baixos dos negros nas universidades. Dos negros ocupando altas posições (Informação Verbal)

A Transcrição #08 traz a fala de uma das mediadoras da roda de conversa, que considerei importante incluir, uma

vez que elas também são mulheres que compõem o grupo e trazem em suas jornadas os processos de escrituras que constituem as mulheres negras quilombolas. Ao iniciar a conversa sobre o tema da educação, Raira Santos faz uma provocação, levando os espectadores a pensar em quantas professoras negras já tiveram durante suas formações. Em seguida, aponta que os dados estatísticos são baixos quando se trata de pessoas negras ocupando esses lugares. Em relação aos dados os quais a mediadora se referiu:

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação (2017) mostrou que o analfabetismo entre os negros é duas vezes maior do que entre os brancos. Quando analisamos os dados de escolarização básica, os números parecem reforçar nossa preocupação. Entre as pessoas brancas, por exemplo, 70% dos jovens a partir dos 15 anos estão no ensino médio, contra apenas aproximadamente 55% entre os negros (NASCIMENTO, 2019, p. 15).

Os dados apresentados acima reafirmam as palavras da mediadora em relação à preocupante desigualdade educacional que acomete o povo negro. Em relação aos quilombolas, o próximo trecho transcrito traz a fala de Isadora Silva, graduada em Sistemas de Informação, técnica em agropecuária e coordenadora executiva da associação quilombola daquela localidade. Ela aborda a problemática da falta de um ensino básico regular completo nas comunidades.

Transcrição # 09

Dentro das comunidades, nós ainda não temos o ensino médio regular [...] aquele jovem termina o ensino fundamental que passa pro médio e a escola quilombola não tem o ensino médio regular, só o modular, à distância, a EJA²⁸ ou qualquer outra modalidade de ensino, e os pais, naquele anseio de não quererem que seus filhos fiquem parados, traz pra cidade, e é aí que começa o problema, porque aquando o jovem vem pra cá, ele ainda é de menor, e ele tem que ter uma casa, tem que ter transporte, alimentação, tem que ter toda uma estrutura pra ele se manter aqui na cidade [...], a gente trabalha arduamente [...] pra tentar achar uma forma que nossos territórios tenham o ensino médio regular que é pra evitar que nosso povo saia do quilombo e venha pra cidade, diminuir essa migração, esse fluxo da vinda do quilombo pra cá, porque a gente faz isso, porque até então temos escolha, os pais não têm escolha, as crianças não tem escolha, o jovem não tem escolha. Estamos há quase cinco anos tentando conseguir o ensino médio regular, até então não conseguimos [...] estamos trabalhando para que nossos meninos terminem o ensino médio e possam ter a oportunidade de entrar em uma universidade (Informação Verbal).

A Transcrição #09 apresenta uma série de problemas enfrentados pelos quilombolas em relação à educação. O primeiro ponto abordado pela palestrante refere-se à ausência do Ensino Médio nas comunidades. Assim, os alunos são obrigados a se deslocarem de suas comunidades para a cidade com o objetivo de dar continuidade aos seus estudos, embora suas famílias não disponham de recursos financeiros para garantir condições mínimas de segurança para eles. Essa problemática contradiz o objetivo do Programa Brasil Quilombola, citado anteriormente, que busca garantir os direitos dos quilombolas, incluindo o acesso à educação. Como mencionado no Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas, elaborado pelo Governo Federal em 2013:

[...] Educação Quilombola – tem como objetivo fortalecer os sistemas municipais, estaduais e do Distrito Federal de educação, envolvendo o apoio

28 Educação de Jovens e Adultos.

à coordenação local na melhoria de infraestrutura, formação continuada de professores que atuam nas comunidades remanescentes de quilombos, visando à valorização e a afirmação dos valores étnico-raciais na escola [...] Tem como ações específicas: formação continuada de professores em educação quilombola; Produção de distribuição de material didático; construção de escolas quilombolas, com vistas a dotar de infraestrutura básica as comunidades quilombolas para realização de educação de qualidade (BRASIL, 2013, p. 45).

A citação acima menciona a existência de uma estrutura básica para garantir a qualidade da educação nas escolas quilombolas desde 2004. No entanto, a fala de Isadora Silva apresenta uma contraposição ao que foi estabelecido previamente pelo governo, uma vez que, segundo ela, em cinco anos de sua gestão no movimento, ainda não foi possível levar o Ensino Médio para a comunidade, visando reduzir o fluxo de quilombolas que precisam deixar suas comunidades para estudar na cidade. Diante disso, é possível observar que é tão importante colocar em prática as políticas públicas quanto discuti-las.

Isadora encerra sua fala com a seguinte frase: “[...] estamos trabalhando para que nossos meninos terminem o ensino médio e possam ter a oportunidade de entrar em uma universidade”. Ao citar a dificuldade de ingresso dos quilombolas nas universidades, é possível perceber uma nova questão educacional que resulta em resistência para negros e quilombolas em todo o país.

Reforçando essa temática, Sousa, Lima e Sousa (2020) afirmam que a luta para ocupar um espaço na academia pelos

quilombolas se dá antes mesmo de ingressarem na universidade, já que as adversidades (que começam na educação básica, como discutido acima) se iniciam desde a inscrição para prestar vestibular, devido à burocracia e aos prazos curtos que impedem a reunião da documentação necessária e o deslocamento de comunidades distantes para completar o processo de inscrição e realização das provas. As autoras ainda destacam o fato de que as provas abordam conhecimentos que, na maioria das vezes, eles não possuem:

[...] dos quais foram privados pela falta de acesso a uma escola com um corpo docente capacitado para compartilhá-los, ou pela deficiência do sistema de ensino que adota metodologias ineficientes no processo de aprendizagem e que os limitam como indivíduos [...] diante desse cenário, vemos o quanto o processo de ingresso e permanência na universidade é complexo no contexto quilombola, devido a uma série de especificidades (SOUSA; LIMA; SOUSA, 2020, p. 92).

Diante das questões apresentadas sobre a educação quilombola desde o ensino básico até o ingresso na universidade, enfatizo a discussão acerca da educação nos primeiros anos do ensino fundamental. É importante ressaltar que a partir de um currículo voltado para o ensino quilombola, o processo de conhecimento e valorização da ancestralidade é construído, como se pode observar nas próximas transcrições.

Transcrição # 10

sabemos que nós, mulheres negras, somos discriminadas por vários fatores e essa discriminação, esse preconceito institucional ainda é mais forte, têm o preconceito entre nós, entre a sociedade, mas quando chega no institucional é bem complexo. Pra mim, como mulher negra, professora, hoje estou como professora de uma escola quilombola, é um sonho, foi um desafio muito grande porque pra mim, fazer parte, ser hoje uma gestora de uma escola quilombola, uma escola polo, uma escola de porte bem estruturado, enfrentei muitos desafios com outras mulheres. Foi um desafio que faziam campanha pra eu não assumir, as próprias funcionárias daquela escola, que não são quilombolas. Mas a organização quilombola ainda é muito forte, e nós fomos pro embate, não pra combater aquela questão de cargos e poder, mas pra fazer uma modificação na escola quilombola que não tinha. Nós precisávamos mudar aquele cenário de escola quilombola [...] hoje, a nossa escola conta com funcionários, quase 100% quilombolas. Nós temos só dois funcionários que não são quilombolas [...], mas é uma luta, não foi fácil, não. (Informação Verbal)

A transcrição #10 apresenta a fala da professora Marlene, que possui formação em pedagogia e Sociologia, uma das fundadoras da associação de mulheres do município e atua como gestora de uma escola municipal.

No trecho transcrito escolhido, professora Marlene pontua a questão discriminatória que sofreu por ser mulher negra e quilombola, enfatizando a questão do racismo institucional, pois, por ser gestora de uma escola quilombola, as demais funcionárias da escola – não quilombolas -, não a queriam naquela posição. Nesse sentido, ela afirma que a organização quilombola ainda é muito forte, talvez, lembrando o fato de que os quilombolas se organizavam desde a colonização apesar das intempéries.

A atitude da professora Marlene em adaptar a escola às necessidades quilombolas destaca a importância de ocupar territórios em defesa da história e da ancestralidade quilombola. Isso envolveu o processo de desterritorialização, com a

destituição dos cargos das funcionárias não quilombolas que não a aceitavam, e posteriormente o processo de reterritorialização, com a implementação da lei que institui o ensino da história africana nas escolas públicas. Essa mudança significou trazer o quilombo para dentro da escola quilombola.

Transcrição # 11

Mas nós vamos continuar lutando e dentro dessa perspectiva, tivemos que mudar um pouco a educação quilombola naquela escola. Porque até então não se discutia a questão afrodescendente nas disciplinas dos componentes curriculares, nós começamos a buscar parcerias [...] onde conseguimos montar um projeto denominado “A trajetória do Quilombo dentro da escola” e nós fazíamos as oficinas com os alunos, com os pais, os comunitários. E a escola tornou-se, uma escola parceira com a comunidade (Informação Verbal).

No trecho apresentado na Transcrição #11, a convidada pontua os desafios de colocar em voga um currículo que aborda a história quilombola e sua cultura. Segundo ela, não se discutiam as questões afrodescendentes nas disciplinas dos componentes curriculares. Foi necessário buscar parcerias que pudessem contribuir em prol de ações para modificar o panorama em que a escola se encontrava. A convidada aponta a criação do Projeto “A trajetória do Quilombo Dentro da Escola”, que consistia em unir escola e comunidade para apresentar aos alunos a história até então desconhecida deles. Dessa forma, iniciou-se uma sinergia para decolonizar o processo de ensino que permeava a educação naquela comunidade.

Transcrição # 12

nos desfiles, nós acabamos com os desfiles daquele tempo, que vocês sabem como é, né? E começamos a trazer para o desfile de 7 de setembro, a memória dos nossos ancestrais, começamos a levar pro 20 de novembro, o trabalho de projeto em relação à cultura negra, dos nossos ancestrais, fazendo lembrar os nossos. Desde 2017, temos os saraus onde as crianças de educação infantil até o nono ano participavam do projeto, uma culminância onde as crianças tinham prazer em fazer música regional. Onde no 13 de maio, temos o prazer de trazer os nossos mais velhos pra falar para as crianças, então houve uma mudança na nossa escola. (Informação Verbal).

Ao falar sobre os desfiles em comemoração ao dia 07 de setembro, a professora Marlene pontuou que “nós acabamos com os desfiles daquele tempo, que vocês sabem como é, né? E começamos a trazer para o desfile de 7 de setembro a memória dos nossos ancestrais”. Ao dizer “vocês sabem como é, né?”, ela passa a ideia de que antes os desfiles naquela comunidade eram iguais aos do resto do país, voltados para uma história branca da constituição da nação brasileira, num formato de comemoração que, por muitos anos, ignorou os papéis de negros e indígenas na constituição do povo brasileiro como nação. São mencionados ainda os dias 13 de maio, dia em que se comemora a Abolição da Escravatura, e o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Nessa direção, nota-se que houve um processo de ressignificação da própria cultura daquele povo e para aquele povo.

A fim de corroborar as falas da professora Marlene e evidenciar um pouco mais a questão do racismo institucional dentro do sistema educacional brasileiro, a Fundação Palmares, através de uma matéria escrita por Gonçalves

(2019, *online*), recebeu Petronilha Beatriz Gonçalves²⁹. A pesquisadora retratou que:

o racismo, ao longo dos séculos, tem criado estratégias para manter os negros brasileiros à margem dos direitos devidos a todos os cidadãos, sobretudo os negros que se reconhecem descendentes de africanos, que se negam deixar assimilar por ideias e conhecimentos depreciativos de tudo que vem da sabedoria construída a partir de suas raízes. Infelizmente, pessoas e instituições ignorantes das civilizações e culturas africanas continuam fomentando e renovando atitudes, posturas racistas e desigualdades entre negros e não-negros. Por isso, foi necessário que se estabelecesse uma política pública com o intuito de corrigir disparidades, começando por garantir a todos os brasileiros, igual direito a sua história e a cultura (GONÇALVES, 2019, *online*) A política pública a qual se refere Petronilha Beatriz Gonçalves na citação acima, diz respeito à *Lei 10.639/2003*³⁰, que tem:

o objetivo do estudo da história da África nos currículos escolares da educação básica e diminuir a distância entre África e o Brasil, desconstruindo o imaginário criado em torno do homem negro e a sua história que sempre foi esquecida e inferiorizada (GONÇALVES, 2019, *online*).

Partindo desses pressupostos, é possível compreender o quão necessário é para o povo quilombola, e também para

29 Doutora em Ciências Humanas e indicada pelo movimento negro para a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

30 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação e incluiu no currículo oficial da rede de ensino público e privada a obrigatoriedade da presença da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**”. Ela contempla reivindicações de longa data do movimento negro no Brasil; é uma notável e importante conquista que traz e provoca a discussão sobre a identidade histórica e cultural de matriz africana e afro-brasileira (GONÇALVES, 2019).

todos os brasileiros, que a Lei 10.639/2003 seja cumprida nas escolas de todo o país, especialmente nas escolas quilombolas. Isso porque conhecer e reconhecer-se enquanto quilombola é garantir o sentimento de pertencimento a uma ancestralidade que molda as lutas e garante, de certo modo, a (re)existência negra contemporânea.

Ainda no bojo dessa discussão, apresento a última transcrição, que traz a finalização da fala da professora Marlene na Roda de Conversa. Vejamos o que ela pontua sobre a importância de as crianças conhecerem sua ancestralidade.

Transcrição # 13

Precisamos levar às comunidades a nossa ancestralidade, os nossos costumes, e é do pequeno. Isso tem que começar na escola, para as crianças terem esse entendimento de se reconhecer como quilombola e ter um pensamento a respeito disso também, isso é uma questão de entendimento e reconhecimento. Precisamos levar palestras, oficinas. A gente tem que ir pro quilombo e conversar com nosso povo sobre todas essas questões. (Informação Verbal).

Ao afirmar a importância de levar a ancestralidade quilombola às comunidades iniciando com as crianças, a palestrante sugere que essa ação é crucial para que os mais jovens compreendam sua identidade como quilombolas e desenvolvam um pensamento crítico sobre isso. De fato, ao falarmos sobre a identidade quilombola, esbarramos na ideia de pertencimento. Conforme aponta Sousa (2008, p. 78), “a noção de identidade quilombola está estreitamente ligada à ideia de pertença”. É esse sentimento de pertencimento à sua história que o quilombola experimenta, e que legitima suas ações presentes a partir do legado deixado pelos seus antepassados.

Nesse sentido, percebe-se a importância da valorização da ancestralidade para a construção e preservação das identidades quilombolas.

a ideia de irmandade, de união entre as comunidades quilombolas das mais distintas e longínquas localidades é ressaltada na teia de relações e compartilhamentos existentes entre as comunidades [...] essa 'irmandade', esse sentido de união, traz um compartilhar identitário, político, de comunhão de lutas comuns bastante intenso. A conjuntura hoje vivenciada, na qual os direitos e a identidade quilombola são contestados com grande ênfase por parte da mídia, parlamentares e outros atores ligados aos poderes instituídos reforça nos quilombolas essa ideia de união através da identidade e da luta pelos direitos (SOUSA, 2008, p. 78-79).

A professora Marlene ressaltou a importância de levar questões relacionadas ao quilombo para a comunidade e envolver todos os seus integrantes nos debates em prol da luta por direitos. Nesse sentido, destaca-se a prática do aquilombamento, que consiste em unir-se para compreender os vínculos históricos e fortalecer os laços com os demais membros da comunidade. Trata-se de um processo gradual de irmandade entre todos os quilombolas.

4.3. VIOLÊNCIAS QUE SOFRE A MULHER QUILOMBOLA

Durante a *live*, a questão da violência contra a mulher foi amplamente debatida. A seguir, apresento algumas transcrições e comentários que abordam esse tema, com o qual

muitas mulheres se relacionam, seja sofrendo diretamente com essa problemática ou lutando para que a violência contra as mulheres seja eliminada.

Em um momento da conversa, foi discutido o tema dos projetos mineradores que são instalados nas proximidades das comunidades quilombolas do município de residência das mulheres do grupo, sendo que um deles está localizado dentro de um território quilombola. Como resultado, alguns quilombolas passaram a trabalhar na empresa e a ter contato frequente com os funcionários. A conversa, então, evoluiu para a questão do envolvimento das mulheres quilombolas com funcionários não quilombolas funcionários, como pode ser visto no trecho a seguir.

Transcrição # 14

a gente pode perder essas mulheres pra prostituição, porque os homens que vão trabalhar lá no projeto podem achar que todas, como já foram consideradas, não só de lá, todas as “pretinhas”, como eles dizem, né? Serem objetos sexuais, não só agora, mas por conta da herança, que por muito tempo a mulher negra era vista, não só como um animal pra reproduzir o leite para os filhos dos senhores, mas também como objeto sexual e isso vem sendo propagado até nos dias de hoje (Informação Verbal).

A esse respeito, observe que os corpos negros, especialmente o corpo da mulher negra, sempre foram alvo de desrespeito, tornando-se hipersexualizados e violados desde a escravização. Levando em consideração essa assertiva e a fala da mediadora, trata-se de uma herança cultural que perdura atualmente.

Ao lançar a obra “O Quilombismo” em 1980, Abdias do Nascimento abordou, de forma histórica, o tipo de violência ao qual as mulheres negras eram acometidas no

período da escravidão. O autor pontua que a mulher africana era usada para satisfazer o senhor escravocrata português na ausência de sua esposa branca e portuguesa. Para ele, “nada mais foi do que violação e estupro; uma brutalidade que nada tinha a ver com <<humanizar>> a instituição, ou qualquer <<respeito>> aos seres humanos que ele vitimizava” (NASCIMENTO, 1980, p. 232).

Essa humanização apontada pelo autor implica haver um plano por parte dos brancos escravocratas em “branquear” o Brasil, pois em suas concepções se houvesse mistura de raças, não haveria uma soberania africana. Esse foi o pensamento instituído por eles para justificar que houvesse um “intercâmbio de sangue”, ou seja, que permitisse aos brancos escravocratas deitar-se com as mulheres africanas sem que fossem questionados.

O patriarcalismo inerente à sociedade dominante aqui se desmorona contra as realidades sociais [...] e simultaneamente prevalecia também a prática de os senhores manterem mulheres africanas como prostitutas para a obtenção de lucro. Não exageramos apontando os colonialistas portugueses como não só libertinos, mas, se aristocratas, foram também proxenetas (NASCIMENTO, 1980, p. 232).

De acordo com Nascimento (1980), os crimes sexuais cometidos pelos brancos contra as mulheres negro-africanas ocorreram através de gerações, de modo que muitos filhos considerados mulatos continuavam a prática de violência contra a mulher negra. Além disso, as esposas brancas dos senhores de escravos, motivadas por ciúmes, também cometiam atrocidades contra as mulheres africanas.

Como exemplo, se uma mulher negra tivesse os olhos muito bonitos, a senhora da fazenda mandava que lhe arrancassem os olhos e servia como sobremesa ao marido durante a refeição. O mesmo acontecia se a mulher negra tivesse dentes, boca ou outra parte do corpo que chamasse a atenção pela beleza. O autor ainda menciona torturas em que as mulheres brancas queimavam os rostos de mulheres negras e conduziam meninas de 10 ou 12 anos para a prostituição.

Apesar da opressão brutal das escravas negras, muitas mulheres brancas tinham medo delas. Talvez acreditassem que, mais que qualquer outra coisa, as negras queriam trocar de lugar com elas, adquirir o status social delas, casar-se com seus maridos. E deviam ter medo (dada a obsessão dos homens brancos pelas mulheres negras) de que, se não houvesse tabus legais e sociais proibindo as relações legalizadas, elas perderiam seu status (HOOKS, 2013, p. 132).

Esse trágico cenário, explanado por Nascimento (1980) e Hooks (2013), corrobora as palavras da mediadora da Roda de Conversa. Infelizmente, resquícios desse passado cruel e violento ainda perduram, resultando na preocupação que ela externa ao relatar a situação que atinge as mulheres nos quilombos. Isso se intensifica quando, em determinado momento, ela afirma que muitos homens que trabalham no projeto chamam as mulheres quilombolas de “pretinhas”. Uma vez que o termo “preta” declarado no diminutivo por uma pessoa não negra pode acarretar conotação racista, dependendo do contexto em que é utilizado.

Vejamos agora a Transcrição #15, que introduz outro tipo de violência contra a mulher: o machismo.

Transcrição # 15

Era muito forte o movimento lá, as mulheres recebiam muita crítica porque o machismo era muito forte nas comunidades da área do xxx. Então a gente lutou muito, por direitos no nosso quilombo com as mulheres, para as mulheres não desistirem, para as mulheres virem pra luta. Principalmente com aquelas mulheres mais antigas, porque quando elas casaram, os pais diziam que o marido era o segundo pai. Então elas tinham aquilo na cabeça, elas tinham medo e respeitavam os maridos como se eles fossem pais delas. Então até conseguimos tirar da cabeça delas que não era aquilo, que o marido dela não era parente dela, que era apenas um companheiro que dividia a casa, a cama, o guarda-roupas com ela. Que assim como era pra ela respeitar ele, ele era pra respeitar ela. Então o machismo era muito forte no quilombo xxx. (Informação Verbal).

A palestrante da Transcrição #15, a senhora Carmem Almeida, é quilombola e integrante do grupo de mulheres que compõem a página, além de fazer parte de uma associação responsável pela organização de algumas comunidades quilombolas do município. Questionada sobre como foi fazer parte de um movimento de mulheres desde o início em sua comunidade, ela pontua que, apesar de o machismo ser muito forte, o movimento de mulheres era ainda mais forte na área em questão. Acrescenta que havia uma força-tarefa para que as mulheres não desistissem de fazer parte do movimento e parassem de lutar por seus direitos.

Uma das partes mais interessantes proferidas por Carmem Almeida refere-se à permanência de mulheres mais velhas no movimento. Sobre essas mulheres, ela pontua que, “quando se casaram, os pais diziam que o marido era o segundo pai, e, então, elas tinham aquilo na cabeça, tinham medo e

respeitavam os maridos como se eles fossem pais delas” Nesse trecho, vemos a herança de um patriarcado opressor que buscava estabelecer-se sobre os direitos das mulheres. Carmem conclui a fala afirmando que não foi fácil reestruturar o pensamento daquelas mulheres, pois a elas foi designado um papel menor, uma submissão forçada aos pais e, posteriormente, aos maridos. Isso nos faz refletir, pois, ao relembrar os feitos de Dandara dos Palmares e Teresa de Benguela, em que elas lideravam os quilombos, estabelecendo redes de comando, torna-se difícil conceber a ideia de as mulheres dos quilombos serem subjugadas pelo sexo oposto.

No entanto, a pesquisadora Maria Parecida Mendes, pertencente à comunidade Conceição das Crioulas, adverte sobre a violência doméstica presente nos quilombos. Segundo ela:

Apesar de a população negra ser mais vulnerável a violação de direitos, é preciso desconstruir a ideia romantizada de que os quilombos estão isentos de conflitos internos. O povo quilombola não está isolado em um universo à parte. Ainda que de forma injusta, estamos inseridos no mesmo sistema patriarcal capitalista, cujas relações influenciam e afetam a todos nós (MENDES, 2020, p. 64).

Diante do supracitado, entendo que as mulheres quilombolas precisam de um olhar mais atento às questões relacionadas às violências. Dessa forma, o trecho abaixo proferido por Raimunda Pires, uma das mediadoras da Roda de Conversa, corrobora o que foi exposto na Transcrição #15 e os pontos abordados por Mendes (2020).

Transcrição # 16

Então tem uma situação dentro das nossas comunidades, dentro dos nossos quilombos [...] que é essa questão da herança cultural, esse machismo enraizado em uma sociedade altamente racista e machista e que se reproduz também nas nossas comunidades e temos essa herança cultural de que o homem achava que era dono da mulher, que ela era propriedade sua. E até desconstruir isso, não é tão rápido, simples e fácil assim. Requer tempo, requer paciência pra desconstruir toda essa imagem, essa história que a mulher sofre há muito tempo. A mulher negra é muito discriminada, por ser negra, e não é de agora, mais de 300 anos de escravidão, a mulher negra sempre foi vista como um objeto, um animal que servia só pra dar leite pros filhos dos brancos, então é histórico, é cultural. (Informação Verbal).

A fala de Raimunda conceitua o machismo presente nas comunidades como uma herança cultural enraizada em uma sociedade altamente machista e racista. Para ela, alguns homens acreditam que as mulheres são suas propriedades. Ela ressalta que o processo de desconstrução desse pensamento ideologicamente constituído não é fácil a longo prazo, pois a discriminação e a violência contra a mulher são estruturais.

Nesse sentido, percebe-se o desabafo das mulheres quilombolas durante a roda de conversa, uma vez que são mulheres fortes e guerreiras, que lutam, mas que são seres humanos e precisam do amparo do Estado para que possam desenvolver suas tarefas com segurança. Dessa forma:

A história de garra e luta das nossas antepassadas, nos enche de orgulho, nos inspira e nos encoraja a dar continuidade à luta iniciada há mais de dois séculos. No entanto, o olhar exótico da sociedade sobre essas mulheres crioulas, assim como sobre outras mulheres negras, reforça a imagem imposta a elas 'de mulheres fortes', que tudo suportam, inclusive a violação de direitos fundamentais como educação, saúde, oportunidades de trabalho digno etc (MENDES, 2020, p. 66).

Diante de tudo isso, observa-se que a luta das mulheres quilombolas é diária. Portanto, é totalmente plausível que elas falem sobre suas dores e seus lugares de solidão enquanto lidam com demandas altamente complexas. Nesse sentido, vemos o quão importante é para elas manterem redes de apoio que as permitam alcançar seus objetivos na força da união, ou seja, na prática do aquilombamento.

O próximo trecho transcrito destaca o quanto essa rede de afetividade e apoio, que abordado nesta discussão como aquilombamento, manifesta-se nas práticas sociais das mulheres quilombolas

Transcrição # 17

a gente recebe muitas denúncias das nossas companheiras mulheres negras, não só da zona rural do nosso território, mas de dentro da sede do município também[...] é uma luta do movimento de mulheres, essa questão da violência contra a mulher. A gente sofre várias violências, não só agressão física, mas a verbal, a moral, a psicológica [...] a gente tem uma parceria muito forte, que a gente divide a denúncia, fazemos o encaminhamento e acompanhamos também as mulheres vítimas de violência não só na delegacia como no CREAS³¹ pra juntar forças e estar sempre junto em acompanhar essas mulheres. (Informação Verbal).

A partir do trecho exposto na Transcrição #17, pode-se perceber que a rede de apoio se expande para além do quilombo. As mulheres das associações contam com parceiros para acompanharem as vítimas em situação de vulnerabilidade. Nesse ponto, a palestrante cita o apoio de algumas instituições.

31 O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) é uma unidade pública da Assistência Social que atende pessoas que vivenciam situações de violações de direitos ou de violências.

Apesar das parcerias que elas já possuem, as lideranças quilombolas enfrentam muitas dificuldades para ajudar aquelas mulheres que precisam. O trecho a seguir, expõe outra realidade: a ausência de um órgão especializado na cidade que possa atender as mulheres de forma efetiva, além da questão da mobilidade.

Transcrição # 18

Nossos territórios são muito distantes pra mobilizar essas mulheres com mais frequência, pra que a gente possa discutir uma política voltada para as mulheres. Mesmo com essa dificuldade, a gente discute e realiza, esse evento, é um evento que vem mostrar a força que as mulheres negras têm. (Informação Verbal).

No que tange à questão da mobilidade da zona rural para a zona urbana, a dificuldade se dá da seguinte maneira: o município fica em uma determinada localidade e as 37 comunidades quilombolas se dividem em 9 territórios. Esses territórios são divididos por lagos e rios, ou seja, a mobilidade é naturalmente difícil devido à necessidade de se locomover por meio de barcos, canoas ou bajaranas³². Nesse sentido, a locomoção de uma comunidade para a outra se torna inviável, dependendo da comunidade para a qual se quer ir, já que algumas são próximas umas das outras, mas outras são muito distantes, visto que se localizam em outros territórios. Daí resulta a dificuldade dessas mulheres em se reunirem para solicitar políticas que as ajudem em suas demandas.

32 Pequena embarcação coberta movida por motor que precisa de combustível para funcionar.

Outro ponto diz respeito à falta de um espaço dentro do município que se configure como apropriado para que essas mulheres possam se reunir e mover suas pautas. Sobre isso, podemos observar no trecho abaixo.

Transcrição # 19

a dificuldade das nossas companheiras negras dentro do quilombo, a gente é muito discriminada. [...] tem muito racismo, preconceito. As dificuldades são muitas, a gente não tem um espaço dentro do nosso município que a gente se empodere pra discutir o direito das mulheres negras, a gente discute muito o direito dos territórios dos nossos povos quilombolas dentro das comunidades, mas a gente precisa de mais apoio, levar em frente essa discussão. (Informação Verbal).

Além de lutarem contra a discriminação, racismo e preconceito dentro e fora de suas comunidades, a fala da palestrante Helena esclarece que muitas pautas acerca dos territórios são mobilizadas, mas falta uma mobilização voltada para as mulheres, para que elas possam, de fato, se empoderar dentro de um espaço próprio. Essa questão suplanta a questão da ocupação, já que essas mulheres precisam de um espaço que possam ocupar de acordo com suas demandas específicas, ou seja, o fato de as comunidades serem em locais diferentes, há a impossibilidade de ocorrerem reuniões com certa frequência.

Diante da exposição dessa problemática e do fato de eu ter nascido e sido criada no município onde estão localizados esses territórios, parece-me imprescindível que um barco ou lancha seja disponibilizado pelas instituições públicas, bem como o combustível para abastecimento desse transporte hidroviário, utilizado para atender as demandas específicas

dessas mulheres. Que possa ser utilizado na busca de cada uma delas em suas comunidades para que possam reunir-se em um local estrategicamente escolhido por elas para as suas demandas, seja na cidade ou em uma comunidade que possua um bom acesso geográfico para que todas elas possam comparecer às reuniões.

Em dentro dessa discussão sobre a violência sofrida pela mulher quilombola, uma questão pontual foi levantada: a violência contra a mulher em tempos de pandemia.

Transcrição # 20

dentro das comunidades temos uma quantidade alta de mulheres vítimas de violência doméstica, por causa da bebida, principalmente, ela vem por causa da bebida no final de semana. Essa pandemia, por ficar muito dentro da família, ficar na casa, ela traz essa violência, onde as mulheres não eram acostumadas a ficarem com seus maridos 24 horas dentro de casa, porque tem um trabalho fora, tem uma roça pra cuidar e a mulher não para, e nesse momento, essa pandemia veio muito forte, não só na questão da doença, mas nessa questão da violência e a gente recebe inúmeros casos, falando dessa questão da violência nos territórios, nas famílias da comunidade [...] mas a gente tem um problema dentro do município que a gente não tem um técnico pra atender as vítimas de violência, onde a gente possa ser atendida e assistida dentro da própria delegacia, com essa demora no atendimento, as mulheres vão, mas nem sempre voltam. Não temos mulheres no corpo técnico da delegacia que possa nos atender, ouvir e ajudar. (Informação Verbal).

Nesse sentido, é possível observar que durante o período de isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, o número de casos de violência doméstica contra mulheres dentro dos quilombos aumentou consideravelmente devido ao fato de que muitas mulheres ficaram em casa com suas famílias, como alertou a palestrante Helena. Além disso, ao serem encaminhadas para a delegacia do município, essas mulheres não podem contar com a assistência de um servidor

ou servidora especializada, o que torna necessário o auxílio de uma “técnica” que possa fornecer uma escuta empática, uma vez que o município não possui uma delegacia específica em atendimento à mulher.

Nesse ponto, destaco que a violência contra mulheres quilombolas por parte de seus companheiros não é exclusiva dos quilombos investigados nesta pesquisa. Para corroborar essa informação, Mendes (2020, p. 68) afirma que:

[...] as mulheres de Conceição das Crioulas identificam o ciúme de seus companheiros e o consumo de bebidas alcoólicas como os principais motivadores das violências que sofrem. Mas quando aprofundamos os debates coletivos, evidencia-se que a maioria das mulheres tem consciência de que o comportamento dos agressores é uma decorrência do sistema patriarcal [...] percebemos que as violências são, na verdade, ocasionadas pela naturalização e o consentimento a posturas obedientes a uma lógica machista opressora.

Além disso, as ausências de policiamento nas comunidades, bem como a garantia de segurança ao denunciar agressores torna-se ainda mais preocupante diante das dificuldades de locomoção e da solidão sentida por muitas dessas mulheres. Como apontado na fala da palestrante, as mulheres quilombolas não conseguem se locomover rapidamente para a cidade a fim de formalizar suas denúncias. Essa situação, que é comum a muitas mulheres no Brasil, se torna ainda mais alarmante nas comunidades quilombolas, que muitas vezes não têm acesso a serviços especializados e enfrentam o racismo e a discriminação em diversos âmbitos sociais.

Transcrição # 21

A última transcrição apresenta uma fala que ilustra bem os pontos abordados na última categoria. Isso porque ela mostra que, apesar de o trabalho das mulheres quilombolas que atuam como lideranças políticas e sociais ser extremamente relevante socialmente, trata-se de um trabalho árduo que requer mais apoio dos governos em todas as esferas. Essas mulheres enfrentam situações altamente complexas que demandam muito tempo e energia. De acordo com Mendes (2020, p. 66), “o ativismo é uma atividade que exige muita dedicação, grande envolvimento afetivo, e nem sempre resulta em conquistas, e sim em expectativas frustradas”.

[...] a gente vê que tem muita coisa pra trabalhar com relação à mulher negra dentro quilombo, do empoderamento da mulher negra dentro do quilombo, voltado pra todas as áreas socioeconômicas, saúde, meio ambiente, geração de renda. A mulher negra, a mulher preta, tem que estar inserida em todos esses polos. (Informação Verbal).

Considerando as palavras da última palestrante e o que foi discutido nessa categoria, concluo que ainda há muito a ser feito em relação aos direitos das mulheres quilombolas, especialmente nas áreas socioeconômicas, de saúde, meio ambiente e geração de renda. Nesse sentido, a criação de políticas públicas é fundamental para garantir que essas mulheres ocupem esses espaços, mas, mais do que isso, é preciso que essas políticas sejam efetivadas e assegurem os direitos constitucionais das mulheres de todas as comunidades quilombolas do Brasil. Como afirmado na transmissão, “a mulher negra e a mulher preta devem estar presentes em todos esses setores, pois lugar de mulher é onde ela quiser”

As discussões sobre as violências sofridas pelas mulheres geraram muitas interações nos comentários da transmissão, como pode ser visto abaixo.

Excerto # 22

Figura 34 - Comentário de apoio



Fonte: Facebook, 2020.

No comentário do Excerto #22, a participante afirma que o primeiro passo é o mais importante, referindo-se às mulheres vítimas de violência doméstica que precisam denunciar seus companheiros. Esse comentário torna-se muito necessário, uma vez que muitas mulheres vítimas de violência doméstica não conseguem denunciar seus agressores. Prais (2021) discute os muitos motivos que podem levar uma mulher a não denunciar seu agressor.

Para a autora, esses motivos são demasiadamente profundos e fazem com que a mulher permaneça em um relacionamento abusivo. Nesse sentido, a linha que separa o ficar e o ir embora é muito tênue. Muitas vezes, essas mulheres precisam permanecer nos relacionamentos por receio de passarem dificuldades, especialmente quando dependem financeiramente desses homens, e a situação se agrava ainda

mais quando há filhos. Às vezes, essa mulher confusa, agredida e ferida até a alma, submete-se a essa situação por medo de não ter onde ficar ou de não ter quem a ampare. Portanto, o primeiro passo é, de fato, o mais difícil, mas também o mais importante para que ela consiga sair dessa situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta reflexão, tive o intuito de debater e compreender as dinâmicas das práticas sociais que constituem o quilombamento digital a partir da análise dos posicionamentos discursivos na página de um grupo de mulheres quilombolas no FB. Para alcançar este objetivo, adotei algumas etapas primordiais. No primeiro capítulo abordei a dinâmica dos movimentos quilombolas como formas de organização, estruturação e resistência. Dessa forma, foi possível compreender que a primeira ação dos quilombolas durante o período da colonização foi o início do movimento quilombola, seguido pelo conceito de “Quilombagem” formulado por Clóvis Moura (1989), que trata do *continuum* de rebeldia dos negros submetidos à escravidão, desde a condição de “negro fugido” até a de “quilombola”.

Portanto, propus entender que “pertencer ao quilombo” significava ocupar um lugar no mundo. Nessa direção, apresentei o conceito de “Quilombismo”, formulado por Abdias do Nascimento (1980), que se instituiu como uma crítica à forma como a sociedade tratava os negros após a abolição da escravidão. Abdias reflete sobre a posição social que os negros, recém-libertos, deveriam ocupar e estabelece no quilombismo a necessidade de direitos e oportunidades.

Continuando a discussão sobre os movimentos quilombolas, desta vez, situei a discussão na contemporaneidade ao citar os movimentos de “aquilombar-se” e “aquilombamento digital”. Nessa perspectiva, trouxe à luz que a prática de se aquilombar aconteceu desde a organização dos primeiros quilombos, passando pela quilombagem e pelo quilombismo.

No entanto, foi com a pesquisadora Bárbara Souza (2008) que esse tema gerou uma discussão que consolidou sua instituição como categoria do movimento quilombola. Para a autora, o ato de aquilombar-se implica em reunir-se para fins coletivos ou individuais em prol da causa negra e quilombola. Na contemporaneidade, refere-se a uma rede de apoio, afetos, resiliência e resistência. Nessa direção, surgiu o termo “aquilombamento digital”, formulado por Santana e Sobrinho (2020), que assegura práticas quilombolas no ambiente digital, como observado neste trabalho.

Dessa maneira, observei que as relações possibilitadas pelo digital mantêm um determinado nível de complexidade em relação às práticas de posicionamento que marcam identidades nesse ambiente. Como visto nas discussões possibilitadas pelas análises dos dados, essas práticas se estabelecem de diferentes maneiras, como através da escrita e do uso de recursos semióticos, como *emojis*. Nesse sentido, o digital oferece elementos semióticos para que negros e quilombolas possam se posicionar como tais, a partir dos elementos imagéticos disponíveis nas funcionalidades do FB, refletindo os efeitos da resistência em uma espacialidade que antes era representada apenas pelo branco.

Dito de outro modo, a prática de aquilombamento no digital expande o quilombo, produzindo um deslocamento do território com tudo aquilo que há nele, ou seja, histórias, memórias, tradições, culturas e ancestralidade, entendendo que os quilombos são compostos pelas pessoas que o integram, com toda a sua subjetividade. Nesse sentido, o digital possibilita uma visibilidade global às demandas dessas mulheres e dos quilombolas como um todo, uma vez que se aquilombar no digital é uma forma de assegurar o resistir e existir, não apenas no digital, mas também no espaço físico, em um processo de retroalimentação em que um espaço alimenta a existência do outro. Concluindo o capítulo, apresentei a página das mulheres quilombolas no FB e como a ocupação desse espaço configura um ato de resistência na contemporaneidade.

No segundo capítulo, busquei situar o leitor na área de estudos a qual a pesquisa se ancora, explicando os postulados transdisciplinares da Linguística Aplicada, que focaliza, dentre outras questões, práticas sociais e linguísticas de populações consideradas marginalizadas. Através desse caráter transdisciplinar que atravessa a LA, elegi a TSDC por acreditar que seus postulados garantem visibilidade aos funcionamentos dos quilombos, seus movimentos e suas implicações no digital, a partir das interações entre os sujeitos que os compõem. Dessa forma, explanei no segundo capítulo o quilombo, desde a sua gênese, como um sistema dinâmico complexo, bem como a metodologia adotada e como se deu a coleta de dados.

Nesse ponto, cheguei ao capítulo 3, que foi dividido em duas partes, pois, devido a sua extensão, apresentou os dados coletados e as discussões que dele emergiram, surgindo, assim, as análises embasadas nas concepções teóricas adotadas.

Ao considerar a pesquisa do ponto de vista teórico-metodológico e analítico, foi possível concluir, a partir do conceito e da prática do aquilombamento digital dentro do contexto pandêmico, que os quilombos são uma parte constituinte da sociedade brasileira. Além disso, as falas das palestrantes da *live*, das mediadoras e dos comentários dos participantes destacaram a necessidade de se fazer mais pela população quilombola.

Nesse sentido, é importante ressaltar a importância da representatividade dentro do Movimento Quilombola e a criação de espaços como o aquilombamento digital, que se configura como uma prática dinâmica onde essas pessoas podem defender seus direitos e falar abertamente para toda a comunidade, visando uma sociedade mais justa, igualitária, tolerante e antirracista.

Durante a roda de conversa, foi evidenciado que as mulheres quilombolas enfrentam discriminação, preconceito, questões relacionadas ao gênero e privações de acesso a serviços essenciais. Essas informações foram abordadas pelas próprias mulheres quilombolas durante a roda de conversa, que foi realizada por e para mulheres quilombolas, mas exposta para toda a sociedade por meio da funcionalidade de videoconferência do FB.

Embora essas mulheres se agregassem em prol de seus objetivos de forma presencial, ao redimensionarem suas práticas para o digital, principalmente devido à pandemia, essa agregação tornou-se uma prática constitutiva do aquilombamento digital. Nos termos de Barton e Lee (2015), esse deslocamento do *offline* para o *online* não implica em perder o sentido ou a importância, pois, para os autores, “não é realmente possível separar atividade *on-line* de *off-line*, e as pessoas podem ter fortes laços *off-line* em qualquer site *on-line*” (BARTON; LEE, p. 53).

Outro ponto que foi possível enxergar, a partir da análise dos dados coletados, é que, no digital, os marcadores discursivos que apontam posturas e posicionamentos ressemantiza-se, de modo que expressar-se de forma oral, escrita ou multimodal passa a ter o mesmo peso e significância. Isso ocorre porque, como visto, os *emojis* possuem carga semântica semelhante à de uma palavra falada ou escrita (PAIVA, 2009). Desse modo, os *emojis* também se constituem como marcadores da resistência quilombola e de suas identidades nesse ambiente digital, permeado por linguagem, tecnologia e dinamicidade.

A partir das considerações supracitadas e do caminho percorrido, entendo que realizar uma pesquisa de cunho científico apresenta dificuldades naturalmente. Trata-se de uma condição inerente ao fazer ciência. Essas dificuldades se intensificaram nesse período de pandemia causada pela Covid-19, uma vez que esta pesquisa sofreu limitações decorrentes da própria pandemia, da falta de acesso às

informações necessárias, da necessidade de redimensionar a pesquisa do presencial para o digital a fim de que ela não estagnasse e das implicações políticas que afetaram e afetam diretamente a educação e a pesquisa científica no Brasil

O fazer ciência é um processo complexo que envolve pesquisadores, acadêmicos, estrutura física, horas de dedicação, testes, erros e acertos. Muitas vezes é preciso também recomeçar, buscar novas metodologias, olhar o resultado por um outro viés, reaprender a ler o que se descobriu. Por tudo isso, a pesquisa não é algo que se faz da noite para o dia e produzi-la é ainda mais desafiador (SIMOR, 2020, s/p).

Como apontado na citação acima, fazer ciência é um processo complexo mesmo quando produzido em situações adequadas. Em relação à pandemia, os pesquisadores tiveram que ser resilientes não apenas por si mesmos, mas também por suas pesquisas em um cenário apocalíptico de perdas, incertezas e ataques. Nessa direção, devido às limitações impostas e ao tempo e escopo de uma dissertação, algumas questões não puderam ser aprofundadas e expandidas. Por exemplo, é importante investigar como o aquilombamento se dá em outras redes sociais, bem como outros temas abordados no ambiente digital, além de explorar outras semioses e recursos multimodais que possam ser mobilizados nesses espaços como formas de posicionamento da resistência quilombola.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R. FILHO, W. F. **Uma História Do Negro No Brasil**. Brasília: Fundação Palmares, 2006.

ALVES, D. M. V. Comunidades quilombolas para a área de Letras: levantamento bibliográfico do português preto de um Brasil multilíngue. *In*: Silva, J. Arruda, L. Alves. Barros, I. (Orgs). **Línguas e Culturas**: contatos, conflitos, nomadismos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2018, pp. 87-119.

ANDRADE, L. M. M. **Os quilombos da bacia do Rio Trombetas**: Breve Histórico. São Paulo: Revista de Antropologia, 1995.

ANDRADE, M. S. FERNANDES, A. C. A. Eu sempre fui atrevida: alguns movimentos de uma filha de Xangô na luta quilombola. *In*: Dealdina. S. S. (Org.). **Mulheres quilombolas**. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra), 2020, p. 110-127.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BARABÁSI, A. **A Nova Ciência dos Networks**: como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Editora Leopardo, 2002.

BARTON; D. LEE; C. **Linguagem Online**: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota, 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARRETO, R. M. M. FERRAZ, E. M. Comunidades quilombolas, racismo e ideologia no discurso de Jair Bolsonaro: estudo crítico

dos discursos político e judicial. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**. v. 10. n. 02. p. 700-722, 2020.

BATISTA, P. C. O. **O quilombismo em espaços urbanos** – 130 anos após a abolição. UNICAMP: Extraprensa. v. 12, n. esp., p. 397. Set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153780>. Acesso em: 10 set. 2021.

BLENDEDU. **Neste 25 de julho, saiba quem foi Tereza de Benguela**. Disponível em: <https://www.blend-edu.com/nesse-25-de-julho-saiba-quem-foi-tereza-de-benguela/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

CANUTO, S. K. A. C.; SILVA, V. POSICIONAMENTO, LINGUAGEM E AQUILOMBAMENTO: *emojis* negros como ferramenta de resistência no digital. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*. v. 28, n. 2. 2023. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3610>. Acesso em 15 jul. 2023.

BRASIL, **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário/ Secretaria Especial para Políticas de Promoção de Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília: 2005.

BRASIL, **Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas**. Programa Brasil Quilombola. Secretaria De Políticas De Promoção Da Igualdade Racial. Secretaria De Políticas Para Comunidades Tradicionais. Brasília, 2013.

BORGES, E. F. V. SILVA, W. M. **Entrelaçamento De Temas Na Compreensão De Sistemas Caóticos**. Curitiba: CRV, 2016.

BORGES, P. **Tereza de Benguela, a liderança negra brasileira**. Alma Preta, 20 de julho de 2017. Disponível em: <https://almapreta.com.br/>

com/sessao/cotidiano/tereza-de-benguela-a-liderancanegra-brasileira. Acesso em 23 ago. 2021.

BUICH, N. **Etimologia:** Origem da palavra companheiro. Esquerda Diário, 19 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Origem-da-palavracompanheiro>>. Acesso em: 24 de ago. 2021.

CAMAZANO, P. **Saiba quem é Teresa de Benguela:** Homenageada no dia da Mulher Negra. Folha de São Paulo, 24 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/07/saiba-quem-e-tereza-de-benguelahomenageada-no-dia-da-mulher-negra.shtml>>. Acesso em 28 ago. 2021.

CANDAU, J. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: Implicações éticas e políticas. *In:* MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 233-252.

CLAUDINO, L. **Precisamos falar sobre Dandara dos Palmares.** <https://laizclaudino.medium.com/precisamos-falar-sobre-dandara-dos-palmaresemoji-9429bfcbf5>. Acesso em 25 ago. 2021.

COLETIVO DE MULHERES DA CONAQ, S. S. Quando uma mulher quilombola tomba, o quilombo se levanta com ela. *In:* Dealdina. S. S. (Org.). **Mulheres quilombolas.** São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, p. 47-50.

CONCEIÇÃO, K. S. **Aquilombamento Digital:** mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos. Orientadora: Cláudia Nonato. 2020. 24 f. TCC (Especialização) – Curso de Mídia Informação e Cultura, Universidade de São Paulo, SP, 2020. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/celacc-tcc/1928/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

COSTA, H. É **preto ou negro?** Instituto Identidades do Brasil, 2018. Disponível em: <https://simaigualdaderacial.com.br/site/e-preto-ou-negro/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

COLOM, A, J. **A (des)construção do conhecimento pedagógico:** novas perspectivas para a educação. Trad. Jussara Haubert Rodrigues – Porto Alegre: Artmed, 2004.

DALOSTO, C. D. DALOSTO, J. A. D. Políticas Públicas e os Quilombos no Brasil: da Colônia ao Governo Michel Temer. **Revista de Políticas Públicas** – RPP. vol. 22, n. 01, pp. 545564, 2018.

DEALDINA, S. S. **Mulheres quilombolas:** defendendo o território, combatendo o racismo e despartriarcalizando a política. In: Dealdina. S. S. (Org.). *Mulheres quilombolas*. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, p. 26-44.

EVARISTO, C. **Escrevivência.** In: Seminário Internacional Mulheres e Literatura, 6., 2017, Caxias do Sul. **Anais do VII Seminário Internacional Mulheres e Literatura.** Caxias do Sul: UCSAL, 2017.

FRANCO; C, P. Um pouco de complexidade na Linguística Aplicada. **Horizontes de Linguística Aplicada**, ano 12, n. 1, 2013.

FERNANDES, F. **Beyond poverty:** the negro and the mulato in Brazil. In: R. Toplin (org.). *Slavery and race relations in Latin America*. Westport: Greenwood Press, 1970.

FERNANDES, V. B. SOUZA, M. C. C. C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do instituto de estudos brasileiros**, v. 0, n, 63. p. 104-120. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>. Acesso em: 25 jul. 2021

FIABANI, A. Os Quilombos e comunidades remanescentes: resistência contra a escravidão e afirmação na luta pela terra.

Revista de Estudios Brasileños, v. 5, n. 10. p. 39-52. Disponível em: <file:///C:/Users/sanny/Downloads/154311-Texto%20del%20art%C3%ADculo-331909-110-20190204.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

FURTADO, M. B. PEDROZA, R. L. S. ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade** [online]. Brasília, v. 26, n. 1, p. 106-115, mai. 2014.

GIBSON CUNHA, F. ALBANO, G. S. Identidades quilombolas: políticas, dispositivos e etnogêneses. *Latinoamérica*. **Revista de Estudios Latinoamericanos** [en línea], v.64, p. 153-184, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64052713007>. Acesso em: 25 out. 2021.

GUERREIRO RAMOS, A. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raça e democracia**. 1. ed. São Paulo: 2002.

GONH, M. G. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**.

v. 16. n. 47. p. 333-362, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCKCRVp/?lang=pt&format=pdf>.

GOMES, F. S. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GONÇALVES, G. C. **16 anos da Lei 10639/2003**. Fundação Cultural Palmares, 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=52947>. Acesso em: 2 out. 2021.

GOVERNO FEDERAL, **Centro de Referência Especializado de Assistência Social** (CREAS). Disponível em: <https://www>.

gov.br/cidadania/pt-br/aceso-a-informacao/carta-deservicos/desenvolvimento-social/assistencia-social/creas-centro-de-referencia-especializadoem-assistencia-social-1. Acesso em: 29 ago. 2021.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 3. Ed. Campinas: Alínea, 2003.

GRUPO DE TRABALHO DE SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA DA SBMFC. **Dandara dos Palmares**. Sociedade Brasileira De Medicina De Família E Comunidade. Rio de Janeiro. <https://www.sbmfc.org.br/dandara/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GUATTARI, E. ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996. HALL; S. **Identidade Cultural**. Governo do Estado de São Paulo: Fundação Memorial da América Latina. Coleção Memo, 1997.

HAESBAERT, R. 2004. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi- territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOLLAND, J. H. **A Ordem Oculta**: como a adaptação gera a complexidade. Trad. José Luiz Malaquias. Lisboa: Gradiva, 1997.

HOLLAND, J.H. **Emergence: from chaos to order**. New York: Basic Books, 1997-1998.]

HÖFLING, E. de M. **Estado e políticas (públicas) sociais**. Cadernos Cedes, Campinas, SP, ano XXI, n. 55, p. 30-41, nov. 2001.

INCRA, **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/pt/o-incra.html>. Acesso em 20 set. 2021.

ISPAN, Instituto Sociedade, População E Natureza. **Povos da Floresta**. 2019. Disponível em: <https://ispan.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/>. Acesso em: 25 set. 2021.

KE, J. **Self-organization and language evolution**: system, population and individual. Tese de Doutorado. Departamento de Engenharia Elétrica, City University of Hong Kong, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LARSEN-FREEMAN, D. **Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition**. Applied Linguistics, Volume 18, Issue 2. June 1997, Pages 141–165, Disponível em:

<https://doi.org/10.1093/applin/18.2.141>.

LARSEN-FREEMAN, D. **Complexity Theory: the lessons continue**. In: Complexity Theory and Language Development: In celebration of Diane Larsen-Freeman. John Benjamins Publishing Company. 2017.

LARSEN-FREEMAN, D. CAMERON, L. **Complex Systems and Applied Linguistics**. OXFORD: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2008.

LEBLANC, P. B. **Quilombos Digitais**: desafios para pensar contemporaneamente o trânsito de imagens e narrativas. In: Simpósio Internacional LAVITS, 6., 2019, Salvador. **Anais do VI Simpósio Internacional LAVITS**, Salvador: UFB. 2019, p. 1-13.

LEMES, R. M. **O funcionamento sistêmico do livro didático nas práticas de ensino de língua inglesa**: um estudo de natureza dinâmica, complexa e adaptativa. 2019, f.145. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras), Departamento de Letras. UNEMAT, *campus* Jane Vanini, 2019.

LEMES, R. M. SILVA, R. S. *Black lives Matter: A Dinâmica Das Interações Que Complexificam As Práticas De Ativismo Social No Instagram*. **Revista dos Estudos Acadêmicos de Letras** – UNEMAT Editora. Cáceres, v. 14, n. 01, p. 148-164, Jul, 2021.

LORENZ, E.N. **Essência do caos**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

MARTINS, A. C. S. BRAGA, J. C. F. *Caos, complexidade e Linguística Aplicada: diálogos transdisciplinares*. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V. 7, n. 2. Pp. 215-235. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S198463982007000200010>.

MARTINS, H. CRUZ, M. M. **Negro ou preto?** Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história. Estado de Minas, 11 de setembro de 2020. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-oupreto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml. Acesso em: 30 ago. 2021.

MEDEIRO, C. **Muito mais que esposa de Zumbi**: quem é Dandara, nossa nova heroína negra. <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/24/dandara-quem-e-mulher-negra-que-quer-ser-heroína-em-pais-de-heróis-brancos.htm> Acesso em 26 ago. 2021.

MENDES. M. A. “Saindo do quarto escuro”: violência doméstica e a luta comunitária de mulheres quilombolas em Conceição das Crioulas. In: Dealdina. S. S. (Org.). **Mulheres quilombolas**. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, p. 60-73.

MENDONÇA, A. **Presidente da Fundação Palmares chama Movimento Negro de “escória maldita”**. Estado de Minas. Jun. 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/>

politica/2020/06/02/interna_politica,1153135/presidentefundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita.shtml.
Acesso em: 30 set. 2021.

MODESTO, R. L. S. **Movimentos d(e) resistência no espaço urbano**. 2014, 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. São Paulo, 2014.

MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. E. **Decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.

MOITA LOPES; L, P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-42.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: _____ **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado das Letras: 1996.

MORIN, E. **O método I: a natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa- América, 1977.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

MOURA, C. “A quilombagem como expressão de protesto radical”. In: Clóvis Moura [org.]. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**, Maceió, Edufal, 2001.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989/1992.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. Revista Usp, São Paulo, n. 28, dez. 1995/fev.1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364/30222>>. Acesso em: 9 out. 2021.

MUNANGA; K. Negritude: usos e sentidos. 4ª ed. BH: Autêntica Editora, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, G. Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento. 2019.

ORLANDI, E. P. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane. E-Urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

OVERTON, W, F. A. **Coherent Metatheory for Dynamic Systems: Relational Organicism Contextualism**. Human Development. V.50. p.154-159. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2S8vNBX>> Acesso em: 25/07/2021.

PADILHA, A. **Significado dos Emojis e Emoticons**. Significados, 2021. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/emojis-emoticons/>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

PAGE, S, E. Prefácio: FURTADO, B. A.; SAKOWSKI, P. A. M.; TÓVOLI, M. H. **Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2015.

PAIVA, V.L.M.O. **Entrevista Para O Projeto Do Livro Conversas Com Linguistas Aplicados**, 2005. Disponível Em: [Http://www.veramenezes.Com/Conversa.Doc](http://www.veramenezes.Com/Conversa.Doc).

PAIVA, V. L. M. O. Autonomia e Complexidade. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127, 2006.

PAIVA, V.L.M.O. NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FAPEMIG, 2009.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **A linguagem dos emojis**. Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas. n. 55, v.2, p. 379-395. 2015.

PAIVA, V, L, M, O. *Facebook: um estado atrator na internet*. In: ARAÚJO; J. LEFFA; V. (Orgs). **Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. Página?

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PAIVA, V. L. M. O. Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos. In: BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F.; STORTO, L. J. (org.). **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias**. Curitiba: Editora CRV. 2011. p. 71-86. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/langaqsac.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

PAVIOTTI, J. **A foto de Corumbá é a síntese da desigualdade de um Brasil pós-abolição da escravidão**. Iconografia da História, 30 de agosto de 2021. Disponível em: <https://zupload.facebook.com/iconografiadahistoriaoficial/posts/1312750882507583>. Acesso em 24 set. 2021.

PENNYCOOK; A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-83.

PODER 360. **Bolsonaro incentiva fazendeiro a usar arma contra indígenas e quilombolas**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-incentiva-fazendeiro-a-usararma-contra-indigenas-e-quilombolas/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PONCHIROLLI, R. **O que são movimentos sociais?**. Politize, 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimentos-sociais/>. Acesso em: 15 out. 2021.

PRAIS, L. **Precisamos falar das vítimas que não denunciaram agressores**. Brasil de Fato, Belo Horizonte, 03 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/03/artigo-precisamos-falar-das-vitimas-que-naodenunciaram-agressores>. Acesso em: 29 set. 2021.

PRESTES, V. A. **Imigração e Trabalho Imaterial: narrativas sobre chefs de cozinha imigrantes**. Orientadora: Carmem Lígia Lochins Grisci. 2019, 166 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/200711>. Acesso em 25 set. 2021.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAND, W. **Sistemas complexos: conceitos, literatura, possibilidades e limitações**. In: FURTADO, B. A.; SAKOWSKI, P. A. M.; TÓVOLLI, M. H. Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas. Brasília: IPEA, 2015.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. *In*: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003.

REDEMAGIC. Disponível em: <https://www.redemagic.com/blog/tecnologia/emojis-polemicos/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

RESENDE, L, A. **Identidades de aprendizagem sob a ótica do caos e dos Sistemas complexos**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós graduação em estudos Linguísticos da UFMG. Belo Horizonte, 2009. 305f.

ROJO, H. R. **Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento**. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 253-276.

SALLES, V. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Belém. Universidade federal do Pará, 1971.

SANSONE, L. **Nem sempre preto ou negro**. O sistema de classificação da cor no Brasil que muda. *Afro-Asia* (UFBA), Salvador – Bahia, n. 18, p. 165-188, 1997.

SANTANA, G. S. L. SOBRINHO, B. **Aquilombamento digital: Identidades negras e contemporaneidade**. Salvador: Independente, 2020, p. 102.

SEBA; A, L, D, V. **Learning Through Cartoons: Aprendizado De Língua Inglesa Mediado Por Computador Na Perspectiva Dos Sistemas Adaptativos Complexos**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras. UNEMAT, 2017.

SEBA; A, L, D, V. **Entre Adaptações E Complexidades: Um Estudo Sobre O Processo De Ensino De Língua Estrangeira**

Mediado Por Tecnologias Digitais Em Uma Escola Do Campo No Município De Cáceres-Mt. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de pós-graduação em Linguística. UNEMAT, 2020.

SICHMAN, J. S. Operacionalização De Sistemas Complexos. *In*: FURTADO, B. A. et al. (orgs). **Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2015. P. 11-17.

SILVA, E. G.; MALUF-SOUZA, O.; SILVA, V. No fluxo: análise da #cracolândia como um sistema dinâmico complexo. **Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 14, p.87-104. 21 jun. 2022.

SILVA, V. **A dinâmica caleidoscópica do processo de aprendizagem colaborativa**: um estudo na perspectiva da complexidade/caos. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Linha J de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia. Belo Horizonte, 2008.

SILVA, G. M. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. *In*: Dealdina. S. S. (Org.). **Mulheres quilombolas**. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, pp. 51-58.

SOUZA, A. C. LIMA, D. G. SOUSA, M. A. R. Da comunidade à universidade: trajetórias de luta e resistência de mulheres quilombolas universitárias no Tocantins. *In*: Dealdina. S. S. (Org.). **Mulheres quilombolas**. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, p. 89-106.

SOUZA, B. O. **Aquilombar-se**: Panorama histórico, identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2008.

SOUZA, D. P. de. CARRARO. A. **Extraordinárias Mulheres que revolucionaram o Brasil**. São Paulo: Seguinte, 2017.

TECHTUDO. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2017/03/reacoes-no-facebookagora-sao-mais-importantes-do-que-curtidas.html>.> Acesso em: 24 abr. 2021.

UNIAMAZONIA. **Cachoeira Porteira Resiste**. Filme de André D'elia, 11 Mar de 2019. Disponível em: <https://www.uniamazonia.co/2019/03/11/cachoeira-porteira-resiste/#>. Acesso em: 25 set. 2021.

VASCONCELOS. C. **Número de homicídios de pessoas negras cresce 11,5% em onze anos; o dos demais cai 13%**. EL PAÍS/BRASIL, 27 de agosto de 2020. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-crece115-em-onze-anos-o-dos-demais-cai-13.html>>. Acesso em: 23 de ago. 2021.

WALDROP, Mitchell. **Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos**. New York: Simon & Schuster, 1992.

WANDERLEY, M. N. B. **O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência**. RESR. Piracicaba – SP, v. 52, n. 01, pp. 25-44, 2014.

WELLE, D. **Sob Bolsonaro, reconhecimento de quilombolas cai ao menor patamar da história**. Carta Capital. Jun. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/sob-bolsonaro-reconhecimento-de-quilombolascai-ao-menor-patamar-da-historia/>.

SOBRE A AUTORA



Sanny Canuto

Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto

É Mestra e Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Especialista em Linguística Aplicada na Educação pela Faculdade Única de Ipatinga. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado do Amazonas. É

membro do grupos de pesquisa Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA) e Teoria Ator-Rede e Linguística Aplicada (TERELA).

Durante sua graduação, desenvolveu pesquisas de Iniciação Científica em duas escolas públicas na cidade de Parintins, no estado do Amazonas. Defendeu o título de graduada ao analisar o processo de compra e venda dos feirantes ribeirinhos nessa mesma localidade.

Durante o Mestrado, conduziu a pesquisa que resultou nesta obra. Atualmente, prossegue com suas investigações, abordando as práticas sociais e linguísticas de populações consideradas minorizadas, com enfoque nas questões de racismo, antirracismo, branquitude, antinegitude e afirmações identitárias em espaços digitais.

Além disso, é escritora amadora, entusiasta de ficção científica, exerce a função de revisora textual de forma autônoma e também contribui como avaliadora *ad hoc* em periódicos nacionais. É apaixonada pela linguagem em suas diversas formas.

Nesta obra, o leitor encontrará reflexões sobre as práticas sociais e linguísticas das mulheres Quilombolas de comunidades ribeirinhas do interior do Pará. Elas mantêm uma página de interações no *Facebook*.

Por meio de uma live produzida em comemoração ao dia de Tereza de Benguela, as mulheres Quilombolas compartilharam suas vivências em uma roda de conversa rica em cultura, diversidade e resistência. São mobilizadas, ainda, discussões acerca dos movimentos Quilombistas, Quilombagem, Aquilombar-se e Aquilombamento Digital sob o paradigma da complexidade, explanando a existência dos quilombos desde a sua criação, como um sistema que, por meio de sua dinâmica complexa, surgiu no período colonial e perdura até os dias atuais, servindo como arauto e refúgio para os movimentos negros e quilombolas

